



H
O
R
I
Z
O
N
T
E

GUARDIÕES DE ALMA LIVRO 3

KIM RICHARDSON

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

GUARDIÕES DE ALMA

* Livro Três *

HORIZONTE

KIM RICHARDSON

Traduzido por Sabrina Lopes Furtado

Horizonte, Guardiões de Alma, Livro 3:

Copyright © 2012 por Kim Richardson

www.kimrichardsonbooks.com

Este e-book é uma obra de ficção. Qualquer referência a eventos históricos, pessoas reais ou locais reais são usados ficcionalmente. Outros nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação da autora, e a semelhança a eventos factuais, locais ou pessoas, vivas ou mortas, é inteiramente coincidência.

Este e-book está licenciado apenas para seu divertimento pessoal. Este e-book não pode ser revendido ou dado para outras pessoas. Se você quiser compartilhar este livro com outra pessoa, por favor, compre uma cópia adicional para cada pessoa que você compartilhar. Se você estiver lendo este livro e não o comprou, ou não foi comprado para seu uso individual, então você deve retorná-lo e comprar sua própria cópia.

Obrigado por respeitar o trabalho do autor.

Mais livros de Kim Richardson

SÉRIE GUARDIÕES DE ALMA

Marcada Livro 1

Elemental Livro 2

Horizonte Livro 3

Submundo Livro 4

Seirs Livro 5

Mortal Livro 6

Cefeiros Livro 7

Demônios Livro 8

SÉRIES MÍSTICAS

O Sétimo Sentido Livro 1

A Nação Alfa Livro 2

O Nexus Livro 3

Para Jacques

ÍNDICE

[Capítulo 1 - Esquecida](#)

[Capítulo 2 - Zadkiel](#)

[Capítulo 3 - Ato de Desaparecimento](#)

[Capítulo 4 - Alma Perdida](#)

[Capítulo 5 - Caindo aos Pedacos](#)

[Capítulo 6 - A Legião de Anjos](#)

[Capítulo 7 - Companheiros de Equipe](#)

[Capítulo 8 - Hospício de São João, Nova York](#)

[Capítulo 9 - Castello di Zena](#)

[Capítulo 10 - As Verdades Ocultas](#)

[Capítulo 11 - O 8º Plano](#)

[Capítulo 12 - No palco](#)

[Capítulo 13 - Uma guerra de anjos](#)

[Capítulo 14 - Em movimento](#)

[Capítulo 15 - Inferno](#)

[Capítulo 16 - Lá embaixo](#)

[Capítulo 17 - Fazendo uma escolha](#)

[Capítulo 18 - Último chamado](#)

[Capítulo 19 - Uma cobertura nas estrelas](#)

[Capítulo 20 - Um novo começo](#)

SUBMUNDO

Capítulo 1 - A Livraria do Velho Jim

Sobre a Autora

Capítulo 1

Esquecida

Kara Nightingale estava sentada no chão frio de pedra. Ela sentia-se entorpecida e vazia, drenada de todo sentimento. Ela podia ouvir um coro cansado dos gemidos distantes dos outros prisioneiros e se indagava quando também começaria a ter alucinações. Ela não queria perder seu juízo para as sombras na escuridão perene de sua cela de prisão. As vozes dos mortos e esquecidos eram suas únicas companheiras.

Com o tempo, as rugosas paredes cinza tornaram-se um conforto para ela. Ela não tivera nenhum visitante desde que o Arcanjo Zadkiel a trouxera para a prisão e a lançara em sua cela. Ele havia montado nas costas de uma das grandes águias, como um cavaleiro cavalgando um poderoso corcel. Ela estava pendurada sob as garras afiadas do pássaro, como uma presa pronta para ser devorada. Zadkiel era a última pessoa que havia visto, e ela se perguntava se ela jamais veria outra alma viva.

Kara suspirou. Ela pegou uma pedra afiada e virou-se para a parede atrás de si. Estendeu a mão e pressionou a pedra contra rocha, com pressão suficiente para fazer um pequeno risco em forma linha. Ela sentou-se sobre os calcanhares e admirou seu trabalho. Cada marca representava um dia.

Contou vinte e oito marcas. Ela não tinha certeza se seus cálculos estavam corretos; era difícil determinar o tempo no Horizonte, pois a escuridão a rodeava o tempo todo, e ela nunca vira a luz do dia. Mas

ela deduziu que sua conta estaria certa, talvez apenas com uma diferença de alguns dias a mais ou a menos. Mas de que isso importava afinal? Os anjos não eram mortais. O tempo tinha um significado totalmente diferente no Horizonte. Sua primeira missão como uma guardiã havia lhe ensinado isso.

Ela lembrou-se da primeira vez em que havia sido presa no Tártaro. Ela podia ver o rosto sorridente de David quando ele viera resgatá-la e estava de pé ao limiar da sua cela de prisão. "Este é o seu cavaleiro em armadura reluzente", ele dissera. Mas ninguém chegara ao seu auxílio desta vez. Ela estava presa há quase um mês, esquecida como um velho par de sapatos.

Ficar pensando no passado não lhe fazia nenhum bem.

Ela se admirava de ainda estar sã. O insanos gemidos e uivos de seus vizinhos levavam-na a crer que havia pelo menos uma dúzia de outros ali, trancados em andares distintos. Quantos andares e celas havia ao todo no Tártaro? Ela só podia supor — milhares talvez. Ela se perguntava há quanto tempo os outros prisioneiros haviam sido abandonados ao desvanecer até que suas mentes não soubessem mais a diferença entre realidade e ilusão. Quanto tempo até que ela começasse a gemer e a definhar? Talvez contar os dias mantivesse sua mente sã e em funcionamento.

Ela ardia em desejo de falar com o conselho e declarar sua inocência mais uma vez. Era isso o que a motivava. Ela esperava que um dia pudesse enfrentá-los e provar, de uma vez por todas, que não era uma espiã do demônio, mas um anjo adolescente comum, se é que tal coisa existisse. Ela não era o inimigo que eles a

acusavam de ser. Eles podiam confiar nela. Ela era um dos mocinhos, não era?

Kara sentou-se de volta. Sua cabeça esmagada contra a parede dura. Ela sabia que realmente havia feito uma bagunça. Ela quase matara um colega guardião. Depois, escapara do Tártaro, sem esperar por seu julgamento. Ela havia se esquecido do seu dever de salvar os mortais e estivera preocupada com a busca egoísta de salvar a alma de sua mãe. Ela havia se tornado um anjo vingador, uma renegada do mundo sobrenatural. Mal podia imaginar o que o conselho faria com ela agora. Apesar de saber que seria algo muito desagradável...

Com um suspiro, Kara deixou sua cabeça pender sobre seus joelhos. Ela lembrou-se do sorriso maligno no rosto do Arcanjo Zadkiel. Poeira e pequenas partículas haviam caído do teto e dentro de seus olhos quando ele batera a porta da sua cela, trancando-a. Os olhos dele brilhavam com gratificação. Rugas amplas, como batatas chips, formaram-se no topo de sua cabeça careca. Os profundos olhos negros dele e suas espessas sobrancelhas zombavam dela. Ela lembrava-se de se indagar por que ele parecia tão satisfeito. Parecia-lhe que o arcanjo tinha uma vingança pessoal contra ela e mal podia esperar para trancafiá-la. Zadkiel ignorara todas as suas súplicas de que a levasse diretamente a Gabriel. Ele havia ignorado a informações sobre os planos de Asmodeus... ela nem tinha certeza de que ele a tivesse ouvido. Era como se ele tivesse se tornado surdo. Ele não queria nada mais do que calá-la, jogá-la na prisão e livrar-se dela para sempre.

Kara engoliu seu ressentimento. Ela balançou a cabeça.

— Estou tão ferrada...

— Ainda não.

Kara ficou paralisada. Ela aguçou os ouvidos e percebeu que a voz vinha da parede atrás dela.

— Quem está aí? Quem disse isso?

Kara virou-se de joelhos e fitou a parede. Uma inspeção mais minuciosa revelou uma grande fenda, como um raio, na rocha irregular. A voz viera dali. Ela se aproximou.

— Você precisa sair daqui, Kara — disse a voz rouca pela fissura.

Kara imaginou que a voz pertencia a um homem idoso. A imagem de Merlin, o mago com finos cabelos brancos e uma barba branca desalinhada que roçava no chão, lhe viera à cabeça.

— Você precisa parar Zadkiel antes que seja tarde demais.

— O quê...? Quem é você? E como sabe meu nome? — perguntou Kara. Seus lábios encostavam na parede de pedra afiada. Ela se esforçava para ver pela fresta, mas tudo o viu foi apenas uma sombra.

Houve um momento de silêncio e, em seguida, o homem falou novamente:

— Ouvi os guardas falarem de você antes. Eu sei que você é um anjo da guarda, Kara Nightingale. Também sei que você é diferente da maioria dos anjos e que possui poderes exclusivos e incríveis, poderes que assustam e enfurecem o Alto Conselho. Você tem muitos inimigos na Legião, minha cara.

Kara ouviu o estranho limpar a voz, antes de falar novamente:

— Pelo o que sei, esta é a sua segunda vez no Tártaro e você é filha do Asmodeus.

Kara se estremeceu com as últimas palavras. Era estranho para ela como o homem havia dito isto tão naturalmente, era como se fosse conhecimento comum entre todos os prisioneiros. Ela se indagou se esse homem era outro doido e se restava alguma sanidade nele. Seria o tipo de doido que nunca cala a boca e ficaria balbuciando para sempre? Seus resmungos a acompanhariam até o final dos tempos ou até que ela também ficasse louca junto? Ele sabia quem ela era. Talvez os outros prisioneiros não fossem tão loucos.

— O meu nome é Legan. — disse o desconhecido. A voz dele era suave e gentil, nem de longe o tom de um louco balbuceante.

Ele prosseguiu:

— E o que eu tenho para lhe contar agora é muito importante. Você tem de me prometer que vai contar para o conselho exatamente o que estou prestes a lhe dizer. Você não pode se esquecer de nenhum detalhe. Prometa-me, Kara.

Kara se endireitou. Ela não conseguia deixar de ficar espantada com o que havia ouvido.

— Hum... prazer em conhecê-lo, Legan. Mas do que você está falando? O que exatamente você quer que eu conte ao conselho? É provável que eu nunca mais saia daqui... então você pode estar desperdiçando o seu tempo. Sinto que ficarei presa aqui por muito, muito tempo.

Kara ouviu pés se arrastando e depois um suave estatelar. Ela sabia que Legan tinha acabado de se sentar com as costas encostadas na parede. Ela apertou o rosto contra a parede e sentiu um arrepio frio contra sua pele de anjo. O prisioneiro estava silencioso novamente atrás da parede. Kara queria saber se ele estava preparando suas próximas palavras com cuidado, para tentar convencê-la de alguma forma.

— Você precisa dizer ao conselho — disse Legan, por fim — que Zadkiel é um traidor — ele murmurou.

Kara notou o desgosto na pronúncia do nome de Zadkiel, como se o próprio nome apodrecesse na boca dele. Ela nunca gostara do Arcanjo Zadkiel. Ele sempre a fizera se sentir indesejável e grotesca. Mais uma vez, ele a havia chamado de imundície do demônio. Kara sorriu e sentiu uma empatia imediata por Legan, por ele odiar Zadkiel também. Talvez eles pudessem ser amigos?

— Nunca gostei dele — anunciou Kara — Ele sempre me deu calafrios. Você diz que ele é um traidor? Tem certeza? — Ela cruzou os dedos — Você tem provas?

— Ainda não — respondeu Legan; Kara ouviu a decepção em seu tom de voz — Ele enganou todo o conselho. Mas eu não fui enganado. Eu sei a qual mestre ele realmente serve. É por isso que eu acabei aqui. Ele sabia que eu estava atrás dele. Ele tinha de se livrar de mim, você vê. Eu estava prestes a revelar a marca dele.

Kara estremeceu com a menção da marca. A marca do demônio era o símbolo de lealdade ao senhor dos demônios que a fez. Uma horrível cicatriz raivosa, a marca de um demônio, como uma teia de aranha que havia se enrolado em seu tornozelo antes. A Legião inteira a havia acusado de ser uma espiã do demônio por causa disso. David afastara-se quando a viu. Ela lembrou-se do rosto zangado e confuso dele quando ela lhe mostrou seu tornozelo. Ela apenas tratara aquilo como se não fosse nada. Ela nunca poderia ter imaginado o caos que causaria mais tarde. Embora o Arcanjo Rafael tivesse removido a marca dela, ela não podia remover a desconfiança que havia causado. O dano já havia sido feito; ela sabia que alguns anjos nunca confiariam nela novamente.

— Onde ele está marcado? — perguntou Kara abruptamente, com a voz mais alta do que queria. Ela não podia imaginar onde a marca estaria nele. Claramente, estava escondida.

— Eu não sei — disse Legan; e Kara o ouviu suspirar — A marca está bem escondida nele. Como ele conseguiu escondê-la, não posso dizer; apesar de que ele deve estar usando algum tipo de ilusão para mascará-la. Um dispositivo de camuflagem de algum tipo, não sei. Mas eu sei que ele está marcado!

Kara mordeu o lábio. Ela questionou a história de Legan. Talvez Zadkiel tivesse trancado o velho e ele quisesse se vingar dele de alguma forma. Envolver-se com um louco não podia ajudar a presente situação, ela sabia. Com um suspiro de resignação, ela afastou-se da parede lentamente e sentou-se de costas contra a pedra recortada. Ela não queria ouvir Legan.

— Você não acredita em mim — Kara ouviu Legan dizer depois de alguns minutos de silêncio — Você acha que eu sou um velho louco, não é? Você acredita que eu inventei isso tudo.

— Não sei em que acreditar. Se você tiver algum problema com Zadkiel — isso é problema seu. Já tenho problemas suficientes para mim. Não preciso disso agora. Talvez você deva pedir alguém para ajudá-lo.

Kara atirou uma pedra contra a parede oposta. Ela deixou sua cabeça pender.

— Eu não posso pedir a mais ninguém. Você é a única pessoa. Esta é sua tarefa, e somente sua. Você deve acreditar em mim, Kara, quando eu digo que só você pode fazer isso — disse Legan.

Kara ouviu uma urgência na voz dele que a fazia se sentir desconfortável.

— Zadkiel não devolveu a alma da sua mãe ao Salão das Almas...

— O quê? — Kara se levantou com um pulo e bateu a testa na parede da sua cela — Como sabe sobre a alma da minha mãe?

Ela lembrou-se do sorriso repugnantemente satisfeito no rosto do Zadkiel quando ela lhe entregara o frasco de vidro contendo a alma da sua mãe. Com um instante de terror, ela percebeu ele não havia sorrido porque poderia devolver a alma para o Salão das Almas — ele estava sorrindo porque não iria fazê-lo. Isso lhe deu calafrios e depois ela sentiu um frio percorrendo seu corpo. O que tinha acontecido com a alma da mãe dela?

— Eu sabia de um monte de coisas que se passavam no Horizonte, minha cara — Legan continuou — Eu estive por aí, digamos... por muito, muito tempo. Nada me escapa — bem, nada me escapava até que eles me jogaram aqui. Mas isso não importa mais. O que importa é o que você faz agora. Confie em mim quando lhe digo que ele não devolveu a alma da sua mãe.

O chão vacilou ligeiramente e Kara se pendurou nas paredes para não cair. O único pensamento feliz que a mantinha seguindo adiante todo este tempo na prisão era a convicção de que a alma de sua mãe estava segura entre todos aqueles outros brilhantes globos planando no Salão das Almas. Mas agora isso se perdera. Ela cerrou o queixo. Que idiota havia sido. Ela fora trancada numa prisão por absolutamente nada. Kara esperou que a sensação de tontura passasse antes de falar novamente.

— Como saberei que você está me dizendo a verdade, e não uma mentira fabricada pela sua mente avariada? Como saberei que você não está trabalhando com Zadkiel para me matar?

— Você não tem como saber. Você precisa confiar em mim — disse ele com uma voz suave.

Quando Kara não respondeu, Legan continuou:

— Você deve acreditar em mim, Kara. Eu estou lhe dizendo a verdade. Parte de você sabe que eu falo a verdade — eu posso sentir isso.

Silêncio pairou sobre o lugar. Kara ansiava por estar com sua mãe novamente. Se o que o velho dissera fosse verdade, então sua mãe corria em grave perigo. Ela tinha de fazer alguma coisa.

— O que... o que posso eu fazer? — perguntou Kara, sabendo que não podia mascarar o tremor na sua voz — Estou presa aqui! Como posso fazer alguma coisa? Você conhece uma maneira de sair daqui? — Kara jogou seu peso contra a parede dura, mas era como tentar mover um elefante. Ela sabia que não conseguiria escapar dali. Ela pensou em tentar a abrir a fechadura. Mas havia uma fechadura na porta da cela? Ela não se lembrava de ter visto uma. Ela se enchia de desespero. Como é que sairia dali?

— Você não ficará trancada no Tártaro por muito tempo — informou Legan, como se lesse a mente dela — Logo você será convocado para a sua audição a fim de enfrentar as acusações apresentadas contra você no Alto Conselho. Não será fácil, uma vez que o conselho foi enganado pelo veneno da boca do Zadkiel. Mas você deve parar o Zadkiel. Esta será sua única chance — nossa única chance. Me entende? Se você não conseguir, estaremos todos condenados.

Kara sentiu outro calafrio subir sua espinha. Ela se estremeceu involuntariamente

— O que você quer dizer exatamente? — Já era ruim o suficiente ser parcialmente responsável por permitir que os demônios atravessassem para o mundo mortal. Ela não queria ter a queda do mundo angelical na sua consciência também. Seria demais para uma só alma suportar — Hã... Estou completamente perdida. O que é que eu devo para fazer?

— Você deve tocá-lo.

Kara balançou a cabeça.

— Desculpe-me? Está doido? Tocá-lo?

— Sim — disse Legan — um único toque seu e a marca se revelará.

O pânico brotou em seu peito. Ela não conseguia imaginar como chegaria perto o suficiente para tocá-lo. Este plano estava indo de mal a pior

— Eles nunca me deixarão chegar perto dele. Eu sou cria do demônio, lembra? Eles vão me matar se eu ficar muito perto do conselho. E, então, como ficaríamos?

— Mas você deve, Kara. Você deve tocá-lo e mostrar ao conselho a qual mestre ele verdadeiramente está servindo. Eles acreditarão em você depois que a marca for revelada. Eu prometo.

— Não sei. Isso não me parece um plano de mestre — Kara deixou sua cabeça bater-se contra a parede. Uma imagem do lindo rosto de sua mãe dançou diante de seus olhos. A música de uma

orquestra surgiu em seus ouvidos. Ela se lembrou de ouvir Billie Holiday, enquanto lavava a louça com sua mãe, cantando juntas e espirrando água por todo o piso de linóleo. Os nervos ficaram à flor da pele. Tentar era algo que ele devia à sua mãe.

— Está bem. Farei isso.

— Bom — disse Legan; Kara tinha certeza de que ele sorrisse — Não vai demorar muito agora.

Kara não sabia o que ele quis dizer com isso. Seria tudo isso um plano desse louco? Como ele sabia quando o conselho iria intimá-la? Quão profundas eram suas conexões com o mundo exterior? Ela estava presa há tanto tempo que havia começado a se esquecer de como era a vida fora daquelas paredes. Algo incomodava no fundo da sua mente.

— Legan. Por que você não falou comigo antes? Por que só agora?

— Bem, eu não estava aqui antes. Quer dizer, eu estava em um lugar diferente.

— Como alguns andares abaixo ou algo assim? — Kara se indagou quantas celas pertenciam ao bloco de concreto que eles chamavam de prisão. Era uma enorme estrutura. Ela supunha que deveria haver milhares de celas. Havia milhares de anjos inocentes trancados ali?

— Hummm... sim... acho. Algo do gênero — disse Legan — Aqui vêm eles. Prepare-se, Kara. Em breve, nos encontraremos

novamente.

— O quê...?

Kara ouviu um alto rangido, seguido por um estrondo ensurdecedor. As paredes da cela se sacudiram, e, por um minuto, Kara pensou que havia ocorrido um terremoto, mas rapidamente percebeu que isso era impossível, pois estavam flutuando em um cubo gigante. Ela se virou. Limpou a poeira e a sujeira dos seus olhos e piscou.

Kara fitou os penetrantes olhos dourados de uma águia gigante.

Capítulo 2

Zadkiel

Kara caminhou ao longo do corredor sem fim que levava à câmara do Alto Conselho. Altas paredes cinzas revestidas com tapeçarias coloridas e o retrato ocasional de um importante oficial angelical a rodeava de ambos os lados. O ar viciado estava quente e a poeira fazia cócegas no seu nariz. O som de suas botas ecoava pelos corredores vazios, cortando o silêncio tenebroso como uma faca. As requintadas portas de madeira dos escritórios lembravam Kara do monumental hotel Chateau Frontenac, onde havia passado um dia explorando os diferentes andares em uma viagem escolar. Ela espiou por uma porta aberta. Era um escritório, ela percebeu, e entrou. O local estava bagunçado com jornais e livros empilhados até o teto, como escadas tortas. Uma luz penetrava por uma grande janela do outro lado, iluminando milhares de partículas de poeira flutuando no ar como flocos de neve em miniatura. O escritório parecia deserto. Kara se sentia desconfortável. Onde estava todo mundo?

Ao contrário das outras vezes nas quais havia sido convocada ao conselho, quando os corredores estavam cheios de curiosos, desta vez, os corredores estavam desertos. Nem mesmo um oráculo veio cumprimentá-la na plataforma de desembarque para escoltá-la ao conselho, como sempre faziam. Ninguém veio, e ela sentiu um calafrio desagradável percorrer sua espinha. O que estava acontecendo?

Kara saiu do escritório e continuou seu caminho em direção à câmara do conselho. Ela estendeu a mão e arrastou os dedos ao

longo das paredes, dizendo a si mesma que elas eram reais e que ela não estava em sua cela alucinando. Ela se perguntava se havia enlouquecido — isto era tudo o que se passava na mente dela. Kara sacudiu a cabeça e apertou o passo. Ela percebeu que, quando chegasse ao conselho, tudo se tornaria claro. Tudo faria sentido.

Ela viu as gigantes portas de metal da câmara do conselho, no final do corredor. Elas estavam diante dela, majestosas e acusadoras. Elas a julgavam antes mesmo que pleiteasse sua causa. Ela caminhou até as portas e apertou as mãos trêmulas contra o metal frio. A incerteza a inundava. Ela se perguntou o que aconteceria depois que entrasse na câmara. O Alto Conselho acreditaria nela agora ou eles simplesmente a prenderiam novamente, até que definhasse e ficasse louca como um chapeleiro? Por que eles a haviam prendido por tanto tempo? Ela se indagava.

Ela se revestiu de coragem. Iria lutar pela verdade, mesmo que isso significasse que eles a colocassem de volta na prisão. Mas ela não podia esquecer o que Legan lhe contara... o quão importante ele a fizera se sentir, o tom de desespero na voz dele. Ela tinha um trabalho a fazer. Tinha de chegar perto de Zadkiel de alguma forma. Tinha de tocá-lo. Depois que a marca fosse revelada, o conselho acreditaria nela — foi o que Legan lhe dissera. Ela decidiu correr esse risco. Legan havia lhe dado uma oportunidade; não podia recusá-la. Kara lutou para controlar seus nervos. Preparou-se e empurrou a porta de metal.

As portas rangiam à medida que as dobradiças eram abertas. Ela entrou na câmara e parou. A grande sala redonda estava vazia,

exceto por sete arcanjos que estavam sentado atrás de uma mesa preta reluzente, erguida sobre um estrado, no extremo oposto da sala, como um enorme diamante negro. Uma luz amarela se espalhava através da cúpula arredondada de vidro acima de si, como uma enorme estufa, enchendo a sala com uma luz suave. Espasmos irrompiam sobre o corpo de Kara enquanto ela se obrigava a se acalmar. Ela não queria que os arcanjos notassem seu tremor. Seja forte!

Kara observou a sala outra vez rapidamente. David não estava ali também. Ela não sabia por que realmente esperava que ele aparecesse. Ele nem foi vê-la no Tártaro. Mas ela não sabia ao certo se visitantes eram permitidos. Provavelmente não eram. Talvez ele tivesse que ficar na dele. Ela se convenceu de que David estava ocupado em outro lugar ou de que ele nem sabia que seu julgamento seria hoje... o que era muito pouco provável...

Ela cerrou o queixo. As palavras do Legan ecoaram na sua cabeça. Ela levantou os olhos e encontrou o olhar do Zadkiel. Estremeceu-se. Seus olhos negros olhavam para ela. Uma mistura de satisfação e desdém se mostrava no rosto dele. Ele estava observando o rosto dela, lendo o medo em seus olhos. Sua cabeça calva se destacava contra suas vestes vermelhas, como uma cabeça decepada acima um coto sangrento. Ela forçou-se a não desviar o olhar. Ela não queria dar-lhe essa satisfação. Ódio a enchia. O que ele havia feito a alma de sua mãe? Ele pagaria por isso. Sua chance havia chegado. Ela sabia exatamente o que ela tinha de fazer.

Kara cerrou os punhos e caminhou para a frente. Ela sabia o que fazer e caminhou até o banco solitário convenientemente colocado abaixo dos membros do conselho. Ela deduziu que eles se sentavam em uma plataforma elevada para que pudessem olhar com superioridade a pobre alma que fosse convocada — era uma questão de poder. Mas agora era a vez dela. Ela deixou-se cair sobre o banco. Sentou-se calmamente com as mãos no colo e olhou para cima. Reconheceu os olhos de Uriel. Ela o viu levantar as sobrancelhas, mas seu rosto estava tão ilegível como sempre.

— Kara Nightingale — disse Uriel, em um tom musical — Que maravilha vê-la novamente tão cedo.

— Tão cedo? — Kara deixou escapar antes que pudesse se conter. Ela pressionou seus lábios. Os olhos estavam bem abertos. Por um momento, ela viu um ligeiro aborrecimento no rosto perfeito de Uriel, o qual depois desapareceu. Seus olhos escuros brilhavam enquanto estudava Kara. A luz do alto iluminava suas feições delicadas e os sedosos cabelos castanhos.

— Existem duas graves acusações apresentadas contra você — Uriel entrelaçou os dedos. Seus mantos dourados brilhavam na luz, e Kara pensou que ele parecia uma estátua de ouro — Ambas são, de fato, muito graves, e encontro-me muito decepcionado com você, senhorita Nightingale. Tínhamos grandes esperanças para um guardião com seus talentos especiais, o qual se mostrava tão promissor. Somos confrontados com tempos terríveis, e isso é muito lamentável.

Kara olhou com perplexidade. Ela não sabia o que ele queria dizer com tempos terríveis. Ela havia perdido algo? Ele estava se referindo à liberação em massa dos demônios para o mundo mortal? Ela se inquietou em seu assento e tentou não se sentir culpada. Ela sabia que golpear Al fora um acidente; mas escapar do Tártaro, não. Ela esperava que o conselho não soubesse que David e outros estivessem envolvidos em sua fuga.

— O conselho teve tempo de rever seus casos extensivamente — continuou Uriel, seus lábios firmemente pressionados — Depois de ouvirmos os relatos de testemunhas oculares e revisarmos as evidências do seu primeiro caso, o conselho votou e a julgou culpada do crime de tentativa de assassinato de um colega da guarda.

— O quê? Você não pode estar falando sério! — Kara não podia esconder a raiva em sua voz. Ela levantou-se e balançou suas mãos no ar — Foi um acidente! Quem são suas testemunhas? Falou com David McGowan? Ele estava lá... ele pode dizer que foi um acidente. E o arcanjo Cassiel? Ele pode dizer...

Uriel levantou sua mão para silenciar Kara.

— Nós interrogamos o arcanjo Cassiel em várias ocasiões. Ele acredita que foi um acidente... mas as evidências falam por si. Infelizmente para você, nunca encontramos o punhal do qual você falou. Você atacou violentamente um anjo desarmado... e quase o matou. Felizmente, ele está vivo, o arcanjo Rafael o restabeleceu, assim sua sentença será mais branda.

Kara tremeu. A raiva inflamou-se dentro dela. Ela se esforçou para controlar seu temperamento. Ela havia repassado em sua mente a cena inteira do seu julgamento durante semanas; aquilo não era nada do que ela imaginava. Ela olhou furiosamente para Zadkiel. Para sua surpresa, o rosto dele mostrava abertamente sua imensa satisfação.

— Isso não é justo! Isto não é um julgamento. Suas testemunhas são mentirosas! Foi um acidente! — gritou Kara antes que pudesse parar. Ela se via perdendo o controle.

Uriel inclinou-se mais para perto.

— Componha-se, senhorita. Sem a faca com evidência, é a sua palavra contra a deles — Seus olhos escuros tremulavam enquanto ele estudava Kara momentaneamente — E pelo o que percebemos, você não foi ferida... correto?

— Sim, mas...

— Um terrível crime foi cometido — continuou Uriel, como se não tivesse ouvido Kara — Uma parte quase foi morta, enquanto a outra não tem nem mesmo um arranhão. Todas as testemunhas dizem que você atacou ele por trás, deixando-o indefeso — sem a capacidade de lutar. Como ele poderia se defender de tal ataque? Então, me diga agora, senhorita Nightingale. Como espera que acreditemos em você quando todas as evidências apontam para você?

Kara suprimiu o grito que subia por sua garganta. Seu lábio inferior tremia. Ela cerrou os punhos

— Porque é a verdade. Nunca quis machucá-lo. Foi um acidente. Nós estávamos treinando... e, então, Al e David começaram a brigar. Eu o vi puxar uma lâmina de morte... ele ia machucar...

— Sim, já ouvimos isso antes — Uriel se sentou, inexpressivo, batendo seus dedos sobre a mesa de preta cintilante — Infelizmente para você, não há lâmina. Nunca houve qualquer lâmina, houve? Você inventou essa história absurda para esconder seu crime.

O terror jorrava dentro dela. Aquilo era muito pior do que o que ela havia imaginado

— Não. Isso... isso não é verdade. — disse ela, com sua voz hesitante — Havia uma lâmina! Eu vi. Era negra... e tinha marcas...

— Chega de suas mentiras! — gritou Uriel. Ele empurrou sua cadeira para trás e se levantou. Suas vestes se ondulavam diante dele como ouro líquido — Nós votamos, e o conselho a considerou culpada. A decisão é definitiva. Portanto, você está sentenciada a cumprir seu mandato no Tártaro... por quinhentos anos.

O choque explodiu em Kara — eles não acreditavam nela. O medo consumia seu âmago. Ela sabia que não poderia sobreviver sequer alguns meses a mais no Tártaro, muito menos quinhentos anos. O peso das palavras de Uriel a arrasara, era como o peso de uma corrente de metal envolta em seu pescoço. A sala começou a girar. Kara se esforçou para evitar desmaiar.

— Mas... — Kara ouviu Uriel dizer, enquanto ela tentava se concentrar — Se você der os nomes dos anjos que a ajudaram a escapar do Tártaro... o conselho concordou em reduzir sua sentença.

Kara ergueu seus olhos.

— Foi só eu. Ninguém me ajudou — sua voz vacilou, mas ela não se importava.

— Mentirosa! — o arcanjo Zadkiel levantou-se e apontou um dedo grande para Kara. Seu rosto confessava sua aversão. Kara olhou de volta, desejando que pudesse dar um soco na cara dele — Ela mente! Os guardas nos disseram que ela teve ajuda. Eles viram outros três anjos. Dê-nos os nomes deles!

— Os guardas estão enganados — respondeu Kara, contente por sua voz sair inalterada. Ela olhou furiosamente para Zadkiel, o verdadeiro traidor, posando como o mocinho. Ele a deixava enojada — Eu escapei por conta própria. Não tive nenhuma ajuda — Ela se lembrou da expressão arrogante de David quando ele viera resgatá-la. Aquele havia sido um grande momento para ambos.

Zadkiel bateu na mesa à sua frente com um forte punho, e Kara se perguntou como ela não havia se quebrado. De onde estava, ele olhava para Kara com maldade.

— Como podemos deixar essa imundície viver e difundir suas mentiras? Ela é filha do senhor dos demônios. Vocês estão cientes

disso. Ele criou essa monstruosidade e a disfarçou como uma garota para enganar a todos nós!

Ele virou-se para encarar o conselho e agitou seus braços teatralmente.

— Não se deixem enganar por ela. Ela é uma criatura do mal, uma criatura do abismo, enviada para destruir o nosso mundo. Ela vai tentar matar a todos nós! Eu voto pela verdadeira morte. Mate o demônio. Livrem-se dela de uma vez por todas!

Kara notou a pele de Zadkiel oscilar para um tom mais escuro e então voltar para o seu tom normal de verde-oliva. Murmúrios chegaram aos seus ouvidos, e ela viu alguns membros do conselho anuírem com a cabeça.

Depois que os sussurros aquietaram-se, uma linda arcanja com cabelo vermelho ondulado e vestes verdes esvoaçantes disse:

— Não nos envolvamos com o que está acima de nós, Zadkiel — Kara reconheceu-a imediatamente. Ela era a arcanja Camael. Ela sempre demonstrara bondade para com Kara. E Kara se perguntava se Camael acreditava nela.

— Ela será punida por seu crime — continuou Camael — Como já discutimos anteriormente, a verdadeira morte não será aplicável neste caso.

— Eu digo que deve! Devíamos fazer outra votação — Zadkiel virou-se e encarou Kara, com os olhos flamejantes — Ela deveria

morrer pelos seus crimes! Não podemos deixá-la viver e corromper outros anjos!

— Basta! — bramiu Uriel — Nós já gastamos muito tempo discutindo esses casos. Kara Nightingale é um anjo único... e deve ser tratado como tal. Ela não sofrerá a morte verdadeira. O conselho já votou.

Uriel compartilhou um olhar com Zadkiel.

Kara teve a impressão de que eles já deviam ter tido essa discussão muitas vezes.

Uriel voltou sua atenção para Kara

— Agora, Kara, se você quiser uma sentença menor, dê-nos os nomes dos seus cúmplices.

Kara via os lábios de Uriel se movendo. Ela não abriria a boca. Como ela poderia trair seus únicos amigos? Ela não queria isso. Ela forçou suas palavras a saírem:

— Como disse, eu escapei por conta própria. Usei meus poderes únicos para derrubar a porta e então pulei — Por um momento, Kara viu um olhar de surpresa passar pelo rosto de Zadkiel. Ele parecia morder a isca.

— Foi aquele David McGowan novamente — rosou Zadkiel, levantando a voz — Tenho certeza de que foi ele.

— Cale-se! — vociferou Uriel, e Kara notou que ele havia perdido a paciência com Zadkiel. Isso lhe deu uma ideia.

— Por que tanta intensão de me ter morta, Zadkiel? — perguntou Kara, com sua voz mais inocente e tentando manter uma expressão desinteressada.

— Porque você é uma prole do demônio! Enviada para nos enganar! — brigou Zadkiel.

— Certo. Então, a seus olhos... eu sou uma traidora?

— Você é uma traidora! Sempre soube que era uma traidora.

— Eu sou uma traidora que salvou a criança elemental de Asmodeus, certo? Mas, então, me diga por que fiz isso? Por que não a entreguei a Asmodeus, se eu sou uma traidora? — Kara deu um passo à frente.

— Porque você está tentando nos enganar, fazendo-nos acreditar que você é boa — disse Zadkiel com aversão — Você quer que o conselho confie em você, para que possa destruí-los com seus poderes demoníacos, quando eles menos esperarem. Mas você não me engana, demônio.

Kara retribuiu o olhar de Zadkiel diretamente.

— Entendo. Então, você acha que eu vou usar meus poderes demoníacos para matar todos nesta sala. Você está dizendo que sou forte o suficiente para matar todos vocês agora —ela estalou os dedos — Como se eu estalasse os dedos e, pronto, todos

desaparecessem. Então, por que não fazer isso agora? Por que estou me deixando ser lançada na prisão em vez de matar a todos e depois sair com meu pai no outro mundo?

O maxilar de Zadkiel estava cerrado

— Talvez você esteja esperando um momento melhor... ou as ordens de seu verdadeiro mestre.

— Não quer dizer o seu verdadeiro mestre, Zadkiel? — Kara viu um relampejar de reconhecimento nos olhos do arcanjo e se perguntou se alguém tinha visto também.

Zadkiel começou a rir.

— Tudo o que sai da sua boca é mentira! Você simplesmente não pode evitar, pois está na sua natureza.

Kara olhava Zadkiel inexpressivamente.

— Não é da sua natureza servir o senhor dos demônios, seu verdadeiro mestre? Você quer que eu me vá porque tem medo de que eu possa matá-lo.

— Bobagem, o senhor dos demônios é nosso inimigo de morte — disse Zadkiel, e Kara viu seus dedos se contorcerem — O conselho está no processo de planejamento do fim dele, iremos...

— Mas você sabe que não é verdade — o tom de Kara era casual — Você acredita eu posso destruí-lo e é por isso que você me quer morta.

— Ouvi o suficiente das suas mentiras! — sibilou Zadkiel, com um olhar de ódio intenso — Levem-na de volta para a cela. Podemos continuar a deliberação mais tarde.

— Eu gostaria de ouvir o que mais Kara tem a dizer — disse, de repente, Camael. Ela desviou os olhos em direção a Kara por um momento — Se são tudo falsidades, então você não tem nada a temer, Zadkiel.

— Mentiras da língua do demônio! Não deem ouvidos a ela — Zadkiel empurrou sua cadeira para longe do caminho e desceu da plataforma. Ele caminhou na direção a Kara. Sua cabeça careca brilhava na luz — Levem-na! Exijo que ela seja colocada de volta na prisão! — gritou Zadkiel para ninguém em particular.

— Por que não conta a eles sobre o arcanjo Legan? — disse Kara — Você o prendeu porque ele o descobriu. Não é verdade?

Zadkiel franziu a testa, então jogou a cabeça para trás e riu

— Não há nenhum arcanjo com o nome Legan no Tártaro, nem em qualquer outro lugar no Horizonte. Você está mentindo, imundície — Ele virou-se para o conselho — Vocês veem. Ela mente. Todos sabem que não há ninguém com esse nome. Ela está delirando.

Kara viu a confusão se espelhar pelos rostos do conselho. Ela se perguntava se havia entendido o nome dele errado. Foi difícil ouvir do outro lado do muro, ela podia ter se confundido.

— Talvez não tenha entendido o nome dele direito, mas sei que o que ele disse era verdade — Ela olhou para Zadkiel — O que você fez com a alma da minha mãe?

Zadkiel vacilou

— Do que você está falando? Mais mentiras. Ela não pode evitar. Não veem que ela está louca?

— A alma da minha mãe estava num frasco de vidro. Eu dei para você. O que você fez com ele?

Zadkiel sorriu e observou o conselho. Kara notou que Uriel parecia perturbado. Ela viu Zadkiel notar isso também enquanto lutava para manter sua compostura.

— Não tenho ideia de onde está a alma da sua mãe. Talvez esteja perdida. O que isso tem a ver com seus crimes? Mandem-na de volta!

Zadkiel parou ao lado de Kara. Ela podia ver os delicados ornamentos vermelhos rubi em volta da sua grande gola e das mangas. Suas mãos se contorciam.

— Você é um mentiroso e traidor. E vou mata-lo se descobrir que machucou minha mãe.

— Ha! Lá vai ela de novo. Um demônio louco deve ser trancado para sempre. Para mim, já basta da imundície da sua boca.

Chegue mais perto, pensou Kara.

— Diga oi para o meu pai por mim quando vê-lo. Tenho certeza de que vocês terão muito sobre o que falar.

Zadkiel agarrou Kara grosseiramente pelo braço e a jogou no chão. Ela bateu com força no piso de mármore.

Ela sorriu. Ela o tinha exatamente onde queria. Essa era sua chance. Ela levantou-se com uma velocidade incrível. Antes que Zadkiel soubesse o que estava acontecendo, Kara estendeu a mão e pressionou-a contra o peito dele por cima do colarinho.

Uma expressão confusa apareceu na cara de Zadkiel. Kara afastou-se. Ela vasculhou o corpo dele a procura da marca. Franziu a testa. Não havia nada... Legan havia mentido para ela? O pavor crescia dentro dela enquanto dava um passo involuntário para trás.

Zadkiel riu. Ele olhou para o conselho.

— Não está claro o bastante? A garota é louca.

Kara ouviu Camael ofegar. Ela apontou para Zadkiel, com horror cobrindo seu rosto.

— Ele está marcado! Olhem!

Kara viu uma marca negra, como uma teia de aranha, materializar-se lentamente até cobrir metade do rosto de Zadkiel, como uma máscara.

O rosto de Uriel paralisou-se em estado de choque.

— Como pode? Como você pode nos trair?

Um riso estranho escapou de Zadkiel. Ele sorriu. Todo mundo olhava para ele agora.

— Por quê? Por que, você pergunta? Porque vocês são tolos! Tolos amantes de mortais! Vocês amam os fracos. É patético.

Uriel olhou de relance para Kar; seus olhos estavam cheios de remorso. Ele balançou a cabeça e apontou para Zadkiel, que sorriu de volta.

— Você vai pagar por isso! Convoquem Miguel.

Raios negros saiam das mãos de Zadkiel como ramificações elétricas.

Eles atingiram Kara.

Ela foi lançada no ar e bateu contra a parede. Caiu no chão assustada. Uma fumaça negra saía de seu corpo, como um pedaço de madeira em brasa. Ela ouviu um barulho de trovão e olhou para cima. Milhões de cacos de vidro explodiram no céu, como chuva cujas gotas eram de vidro, e toda a sala foi regada com diamantes. Os cacos tocaram no solo em uma cacofonia de vidros se despedaçando. Kara viu de relance o pedaço de uma túnica vermelha atravessar toda a sala e desaparecer por trás das portas da câmara.

Capítulo 3

Ato de Desaparecimento

Após cerca de vinte minutos de desculpas do conselho, por não terem acreditado em Kara e por prendê-la no Tártaro por tanto tempo, sob falsas alegações, o Alto Conselho removeu todas as queixas estabelecidas contra ela. Kara foi reintegrada como um anjo da guarda.

Antes de Kara ser dispensada, Uriel informou que montaria equipes com os mais confiáveis anjos da guarda para prender o traidor Zadkiel e buscar a alma de sua mãe. Mas Kara respondeu que isso era algo que ela tinha de fazer pessoalmente. Ela agradecia a ajuda, mas teria de procurar por conta própria também. Kara saiu correndo do grande salão com um sorriso no rosto. Silenciosamente, ela agradeceu ao anjo Legan por toda a sua ajuda. Ele não estava louco afinal.

O elevador parou com um solavanco. A porta se abriu, e Kara olhou para o mar de dunas vermelhas lá fora. Ela saltou e parou suavemente na areia suave das Operações. Ela se alegrou com o ar fresco que acariciava seu rosto e o cheiro distante de água salgada. Como ela sentia falta daquele cheiro. No Tártaro, os cheiros só tinham fragrância constante do mofo e um fedor de arder o nariz por causa dos excrementos das aves. Ela podia ouvir sons de água quando os anjos saltavam na miríade de piscinas salgadas, indo para as suas próximas missões.

Kara tirou a franja do rosto e se apressou. Zadkiel tinha meia hora de vantagem, mas se ela se apressasse, poderia alcançá-lo. Ela cerrou os punhos e imaginou-se socando o sorriso malicioso da cara dele. Ele não seria tão bonito depois que ela terminasse com ele. Cada centímetro do seu corpo gritava com o desespero que sentia. A alma da mãe dela havia sido perdida novamente. Ela sabia que não podia falhar desta vez. Ela tinha de encontrar Zadkiel. Kara sabia que, se alguém pudesse ajudá-la a descobrir para onde o traidor fora, esse alguém era o arcanjo Gabriel.

Com o sol ardendo em suas costas, Kara correu para dentro das sinuosas colinas vermelhas. A lembrança de si mesma entregando o frasco de vidro com a alma da sua mãe a Zadkiel a ajudava a ganhar uma velocidade incrível. Kara sentia-se como se estivesse voando. Seria essa outra super habilidade de seus poderes elementais? Ela não sabia — talvez fosse só a raiva. De qualquer forma, ela não era capaz de dizer se suas botas sequer tocavam na areia.

Uma figura vinha em sua direção e diminuiu o passo. Pela forma como movia os ombros quadrados, ela podia dizer que era alguém do sexo masculino. Ele se aproximou. Ela sentiu arrepios por todo o seu corpo todo. A calor espalhou-se por ela como um banho quente. Kara lutou para controlar suas emoções quando olhou para o rosto de David.

Ele usava calças jeans surradas com uma camiseta preta apertada que exibia seu peitoral musculoso. Sua usual jaqueta de couro marrom balançava ao lado do corpo enquanto ele caminhava. Seus olhos azul-claros sorriam-lhe. O belo rosto pelo qual ansiava e

o qual imaginara tantas vezes no Tártaro era ainda mais bonito de perto do que ela se lembrava. Com um sorriso torto, David caminhou em direção a ela.

Ele esticou os braços e ergueu Kara com um abraço apertado. Ela não conseguia encontrar nenhuma palavra para dizer e, em vez disso, enterrou seu rosto no pescoço de David. Ela tremeu com paixão, com sentimentos que eram proibidos no Horizonte, mas que eram fortes demais para negar. Ela se perguntou se David sentia o mesmo. Ela não queria soltá-lo. A lembrança distante de um beijo e seu corpo firme pressionado contra o dela — ela o sentiu tremer e o agarrou ainda mais apertado. Seus pés balançavam no ar, e os braços fortes de David a envolviam carinhosamente.

Kara ouviu alguém limpar a garganta e, então, uma curta risadinha:

— Odeio ser quem vai interromper esse reencontro feliz... mas nós temos um trabalho a fazer.

David soltou Kara, e ela virou-se de encontro à voz. Jenny estava diante deles. Seu curto cabelo roxo brilhava, na luz do sol, como uma coroa de safiras roxas. Ela usava a mesma calça preta e jaqueta roxa sem mangas das quais Kara se lembrava. Os olhos dela estavam delineados com um grosso traço preto de kohl, que fazia seus olhos verdes se destacarem. O rosto pontudo e as feições delicadas sempre fizeram Kara achar que Jenny parecia um duende.

— Me dá um abraço também? — Jenny fingiu ciúmes fazendo um beicinho.

— Vem cá, bebezão. — Kara puxou Jenny com um apertado abraço de urso — Senti muita falta de vocês, pessoal.

— Nós também.

Kara ergueu os olhos. Peter saltou à vista. Ele usava o mesmo uniforme de combate da DCD que Jenny. Porém, a roupa parecia grande demais para ele, ou talvez ele é que fosse pequeno demais para vesti-la, ela não sabia ao certo. Ele ergueu os óculos no nariz.

— Você estava sumida há muito tempo.

Kara soltou uma pequena risada.

— Bem, me desculpem por estar na prisão. Não é como se eu tivesse algum visitante ou qualquer outra coisa. — Ela ficou feliz por sua voz não denunciar a dor que sentia por dentro. As quatro paredes solitárias de pedra da sua cela não haviam sido a melhor das companhias no mês que se passara.

David sentiu seu desapontamento.

— Eu tentei... nós tentamos... mas não nos deixaram.

David deu um passo em direção a Kara. Seus olhos suaves a estudavam, e Kara sentiu seu peito se apertar.

— Não foi tão fácil desta vez. Não podíamos nos arriscar a ser pegos... isso teria tornado as coisas muito piores para você, Kara. Esses idiotas estavam nos vigiando constantemente. Não podíamos fazer nada sem sermos seguidos.

Jenny soltou um longo suspiro.

— Isso foi assustadoramente irritante. Quase dei um soco na cara de um. — seus lábios contorceram-se em um sorriso.

— Então o que aconteceu com você, Kara? — David a estudava atentamente, com seus olhos azuis em chamas. — Quer dizer, alguns minutos depois que você entrou no Reino dos demônios, começou o inferno na Terra, literalmente. Era como se uma sombra escura passasse sobre o mundo, liberando o mal à medida que avançava.

Alguns minutos? Kara tinha certeza de que ela havia estado no Reino dos demônios por algumas horas pelo menos. Aquilo não fazia nenhum sentido. Talvez o tempo não tivesse nenhum significado em outro mundo. Essa era a única explicação.

— Havia demônios por toda parte, atacando os mortais — continuou o David — Foi loucura. O sol desapareceu, e tudo tornou-se escuro como a noite no meio da tarde. Pesamos que tivesse algo a ver com Asmodeus. Então, o que aconteceu no submundo?

Todos os olhares estavam focados em Kara. Ela se perguntava se devia contar-lhes tudo. Ainda seriam seus amigos se soubessem que Asmodeus a havia usado para abrir os portais para o mundo mortal? Como eles reagiriam assim que lhes dissesse que aquilo era sua culpa?

A vida havia era tão incrivelmente fácil para ela quando era uma mortal. Ela não era confrontada com tais desafios e horríveis

verdades sobre sua origem. Ela era uma adolescente normal, com as mesmas esperanças e sonhos de uma vida melhor, como qualquer outro adolescente de sua idade. Tudo parecia tão distante no tempo, como a lembrança de um sonho. Ela sabia que ela nunca teria isso de volta.

Kara decidiu contar-lhes tudo.

Ela descreveu os eventos da melhor forma que podia. Recontou tudo, desde a história da barata gigante e Jean-Pierre – deixando de fora as partes sobre os beijos –, até o caso do Espelho das Almas e a abertura dos portais, concluindo com a narrativa de como havia escapado por pouco. Depois de terminar, ela ficou com os braços cruzados e esperou pela reação deles.

David ergueu a cabeça dele e enfiou as mãos nos bolsos do seu jeans:

— Você acha que isso é culpa sua, não é? Posso ver isso em seu rosto.

Kara odiava o fato de que pudesse interpretá-la tão facilmente.

— Você acha? É claro que eu sou culpada. Sem mim, Asmodeus não teria sido capaz de abrir os portais.

Ela se lembrou dos feixes elementais dourados sendo sugado para fora dela e batendo na parede de espelhos, abrindo uma passagem para qualquer demônio imaginável atravessar até o mundo mortal. Ela se estremeceu com a lembrança.

Jenny pegou a mão de Kara e a apertou. O rosto dela era gentil.

— Você tem que parar de pensar assim. Não pode se culpar. Ele a usou. Isso não é culpa sua, menina.

— A Jenny está certa — disse Peter, com Kara achando que ele parecia um pouco desconfortável. — Você não tinha como saber dos planos dele. Queria fazer algo de bom. Você queria salvar sua mãe.

— Sim, não se culpe por isso — disse a David, com uma expressão pensativa. — Nós vamos consertar as coisas, menina. Eu prometo.

Kara esperava que eles estivessem certos. Ela se sentiu melhor contando tudo a eles, mas não podia livrar-se da culpa. Eles nunca seriam capazes de entender o que era ser forçado a fazer algo terrível, sem nenhuma forma de impedir. Ela sabia que não importava quantas vezes seus amigos lhe dissessem que não era sua culpa, ela sempre se sentiria parcialmente responsável. Ela tinha de consertar as coisas novamente — não importa o que custasse.

Kara forçou um sorriso.

— Bem... Acho que vocês têm razão. Vou tentar não pensar nisso como se fosse minha culpa, mas não posso prometer que vou conseguir.

Ela notou que David estava prestes a responder e o cortou rapidamente:

— Ouçam, preciso encontrar o Gabriel. Eu não tenho muito tempo. Ele tem que montar uma equipe para que eu possa procurar a alma da minha mãe.

— Ele já fez isso. — respondeu David, com um sorriso insolente. Ele levantou os braços. — Aqui estamos nós.

Antes que Kara pudesse se controlar, seu rosto se abriu em um sorriso.

— Não sei como vocês conseguiram isso com o Gabriel... mas ainda bem que são vocês. — Ela olhou para cada um deles. Ela não podia ter pedido por uma equipe melhor. Ela sabia que ela poderia confiar neles para qualquer coisa. — O Gabriel informou sobre o Zadkiel? — Kara cuspiu o nome, ficando surpresa com seu próprio ódio.

David cerrou o punho e estalou os dedos.

— Quer dizer aquele mentiroso traidor de lixo? Sim, ele nos contou o que aconteceu. Todos sabemos que Zadkiel era um amante traiçoeiro de demônios. Ele colocou o conselho contra você... e tentou matá-la. Não vejo a hora de chutar o traseiro dele. — David sacudiu a cabeça e riu apesar de si mesmo.

— Certo, escutem — instou Peter, sua voz mais alta do que o habitual. Ele enfiou a mão no bolso do paletó e tirou uma pequena engenhoca que parecia um iPad. Pressionou os dedos contra a tela lisa. — Zadkiel passou por uma fenda no Tártaro... perto de uma das

entradas. Se formos agora, há uma chance de que a fenda ainda possa estar aberta. Mas nós temos que sair agora.

Kara sentiu um arrepio atravessar seu corpo com a menção da prisão de anjos. A ideia de estar perto daquelas paredes cinza de pedra novamente e de ouvir terríveis gemidos incessantes a apavoravam. Tudo o que ela podia fazer é torcer para que fosse uma viagem rápida. Ela sentiu uma mão contra seu ombro e ergueu os olhos, vendo David olhando para ela.

— Não se preocupe, Kara. Aqueles perus gigantes não podem machucá-la mais. Se tentarem alguma coisa, eu vou depená-los e deixá-los pronto para o jantar de Ação de Graças.

Kara sacudiu a cabeça.

— Os guardas nunca me machucaram. Eles nunca sequer falaram comigo. É a solidão que faz alguém enlouquecer. — Um espasmo frio percorreu seu corpo enquanto ela se lembrava da escuridão sem fim e dos gemidos lúgubres dos outros prisioneiros. A voz do Legan ecoou em seus ouvidos. Uma onda de vergonha a dominou. Ela nem sequer havia pensado nele desde que partiu. Afinal, era por causa de Legan que ela agora estava livre, e ela nem havia pedido ao conselho por sua libertação. Ela só pensava em si mesma e em sua mãe.

A cabeça parecia pesada.

— Vamos sair daqui.

David bateu as mãos:

— Tudo bem, senhoras e senhores, vamos lá!

Depois de uma viagem intensa e aterrorizante para o Tártaro, Kara pulou do carro celeste e pousou em um concreto duro. Ela agradeceu ao motorista pela viagem segura, virou-se e olhou para as paredes gigantes de pedra. Bordas recortadas como lâminas perfuravam as pedras. Ninguém ousaria tentar escalar essas paredes para escapar, pois elas cortariam suas mãos e pés fora se o fizessem. Sem nada no que se segurar, eles simplesmente despencariam para a morte.

Uma abertura estava diante deles no outro extremo da plataforma. A entrada para o Tártaro era um retângulo preto, cravado na escuridão. Era como se um fragmento perfeito tivesse sido cortado da parede por mãos gigantes. Era um buraco pequeno em comparação com o colossal cubo de pedra. Kara esforçou-se para ouvir os gritos dos prisioneiros. Um súbito som de asas batendo chegou a seus ouvidos, e Kara olhou para cima e viu uma águia gigante atravessando a entrada.

Suas magníficas penas douradas agitavam-se ao vento suave, como ondas de ouro. Ela usava um grande peitoral de metal e um capacete metálico, e Kara pensou que era isso o que a denunciava como um guarda. Uma longa corrente de prata com uma incandescente estrela azul balançava e saltava contra o peito imponente. Seus olhos caramelo viram Kara, e ela teve o pressentimento que ela não estava tão feliz em vê-la tão cedo.

— A fenda está aqui. — Peter apontou para o lado direito da entrada, onde um gigante muro de rochas se elevava até o céu azul

e desaparecia dentro das nuvens. Kara não tinha notado isso antes, mas agora podia ver uma onda fluindo contra a parede, como se uma parte da pedra fosse feita de água. — É por ali que ele passou.

— É outra fenda para o mundo dos demônios? — David parou diante da fenda. Ele levantou a mão e a moveu lentamente sobre a fenda sem tocar na pedra. — Você acha que eu posso passar por aqui? Ou é só a Kara que consegue?

Peter tocou na tela do seu equipamento. Olhou para cima:

— Não sei. Eu só posso monitorar as alterações nos campos. Não sei aonde as passagens levam.

— Bem, há apenas uma maneira de descobrir — David enfiou o braço na fenda.

— David! Não! — gritou Kara, Jenny e Peter ao mesmo tempo.

Depois de um momento, David retirou seu braço. Ele estava ileso.

— Ei! Vejam, nada aconteceu! — David riu enquanto exibia seu braço. Ele começou a fazer uma dança e moveu seus quadris de forma estranha, fazendo Kara desviar o olhar, envergonhada.

Jenny ficou satisfeita com essa nova descoberta e saltou para o lado de David. Seus olhos verdes brilhavam de alegria:

— Então... vamos todos. Gostaria de saber aonde isso leva, já que não é ao mundo dos demônios.

— Não importa aonde leva, desde que nos leve à minha mãe. — Kara estudou a fissura por um momento e, em seguida, olhou de relance para a porta da prisão. — Há uma coisa que eu preciso fazer primeiro — disse Kara. Ela assistiu Jenny arrancar um dos seus brincos e entregá-lo ao motorista do carro celeste, que o aceitou graciosamente. — Zadkiel havia trancado um anjo que estava atrás dele. É só por causa desse anjo que eu sabia como fazer a marca dele aparecer. É por causa dele que eu estou livre. Ele me disse como fazer isso e merece ser libertado. Eu não posso ir a lugar algum antes de fazermos isso. Eu devo isso a ele.

— Parece bom para mim — disse David. Ele se virou e caminhou até o guarda. — Ei... grande pássaro! Acha que você pode nos levar até lá dentro para liberarmos nosso amigo? Acha que pode fazer isso? Ou preciso ter uma conversa com seu chefe primeiro?

A águia gigante abaixou sua cabeça em direção a David. Ela o observou atentamente por um instante antes de falar:

— Eu tenho ordens especiais para responder a ela — a águia virou sua cabeça em direção a Kara, que ouviu David resmungar algo baixinho.

— Quem é esse seu amigo de quem você fala? — disse a águia.

Kara chegou mais perto e olhou para cima.

— Seu nome é Legan. Ele estava na cela ao lado da minha.

— Isso é impossível — disse o guarda.

Kara franziu a teste e manteve a compostura.

— Estou dizendo... ele está lá e quero que você o deixe sair! — Ela sentiu sua calma aumentar e ficou feliz por isso. Ela não permitiria aquela atitude. Estas aves não acalentaram exatamente sua estadia na prisão. Ela preferiria ser maltratada do que ser esquecida por completo.

O guarda eriçou suas penas em aborrecimento.

— Você está enganada. É impossível que seu amigo, como você diz, estivesse numa cela ao lado da sua. Não havia nenhuma cela do lado. Você estava em uma cela de alta segurança, com nada além de grossas paredes ao seu redor.

Um calafrio passou por Kara. Ela se perguntava se, na verdade, havia imaginado a coisa toda. Ela sentiu os olhares dos outros e suprimiu um estremeamento. E se eles pensassem que ela estava louca? Será que ela teria inventado um amigo imaginário para aliviar sua solidão? Mas, então, como poderia saber sobre a marca do Zadkiel? Não. Legan não era uma invenção da sua imaginação, mas um anjo que estava na cela ao lado dela. A águia estava errada, ou pior, estava mentindo.

— Isso é não é verdade — disse Kara, quando se lembrou da voz rouca de Legan, vindo de trás da parede. — Ele está aqui. Eu sei que está. Você está mentindo. Você está escondendo algo. Quero vê-lo de uma vez!

O rosto da águia era inexpressivo.

— Não há ninguém com esse nome no Tártaro, e, como eu disse... não existem celas ou aposentos ao lado. Só grossas paredes de pedra.

— Agora, escute aqui, seu grande projeto de ave de doméstica — disse David, apontado para o rosto do grande pássaro. — Se a Kara diz que ele está lá, isso significa que ele está lá. Agora, vamos!

— Como quiser. — A águia virou seu corpo maciço. Inclinou a cabeça e parou na altura da porta. David acenou para Kara, a fim de que seguisse o guarda. Ele foi atrás dela, seguido de perto por Jenny e Peter de olhos arregalados.

Kara deu um passo para dentro da escuridão. Altas sombras a cercavam. Um rugido profundo soou das profundezas da prisão, e Kara sentiu-se como se o monstruoso cubo fosse recebê-la de volta. Três orbes verdes luminosos apareceram. Eles pairavam diante deles como grandes vaga-lumes e emanavam luz suficiente para se ver através da escuridão. Um estrondo baixo veio das profundezas. O som aumentou até que tremores estivessem por toda parte em volta deles. Kara viu pedaços de rocha se soltando das paredes para formar o caminho debaixo de seus pés à medida que passavam. Era uma pena que as luzes não pudessem mascarar o cheiro ardente dos excrementos das aves. Ela ouviu Jenny queixar-se rudemente do cheiro.

O grupo caminhou em silêncio por um tempo. O leve pisar de seus passos reverberava na escuridão, seguido pelo som lúgubre de garras afiadas raspando o chão de pedra. As paredes da prisão ruíam e sacudiam a cada passo, como se exigissem respeito de

todos aqueles que haviam entrado. Kara tinha a desagradável sensação de que as paredes poderiam desabar sobre eles a qualquer momento, enviando-os ao negro vazio abaixo. Ela se sentia terrivelmente desconfortável vagando pelo Tártaro novamente. Ela esperava esquecê-lo, livrar-se dele como se fosse um sonho ruim.

Logo o grupo se viu diante de uma câmara. Uma grande porta de concreto estava entreaberta. Kara olhou nervosamente para o lado. Não havia nenhuma cela adjacente a nenhum dos lados. Apenas paredes de rocha mais espessa, ela percebeu. O que estava acontecendo?

— Não é a mesma cela. — Kara olhou para a grande ave. — Este é um truque. Onde está a minha cela da prisão?

A águia inclinou sua cabeça em direção à sala.

— Está aí.

— Não pode ser — disse Kara teimosamente. Ela assistiu à expressão da águia, e podia jurar que ela parecia irritada.

— Está aí. — repetiu o guarda.

Frustrada, Kara pisou na sala minúscula... todo os cabelos de seu corpo se arrepiaram. Pequenos traços cobriam a parede de trás, igualmente espaçados em seções, tais como os dias em um calendário. Eram suas marcas, ela percebeu com horror. Aquela era, de fato, a sua cela.

O queixo de Kara caiu em um protesto silencioso.

— Como isso é possível?

Ela correu para a parede de trás e apertou as mãos contra as rochas afiadas. Ela parecia fria contra sua pele de anjo. Kara correu os dedos pela parede, para cima e para baixo, procurando a abertura por meio da qual ela e Legan haviam compartilhado informações.

— Onde está aquela estúpida fenda? — Kara moveu freneticamente as mãos ao longo de toda a parede. A ponta dos dedos tocando em cada centímetro da parede áspera, passando por cima de cada elevação e sondando todos os minúsculos buracos. Mas ela não encontrou abertura de nenhum tipo. Era como se a parede tivesse engolido a fenda.

Kara caiu de joelhos.

— Eu... Eu não compreendo. Ele estava aqui. Conversamos por uma hora. Ele me contou sobre Zadkiel! Eu não teria como inventar isso. Não faz nenhum sentido. Ele era real. Eu não estou louca! — Kara bateu na parede com a mão. — O que está acontecendo?

— Está tudo bem, Kara. — David parou ao lado dela, repousando a mão em seu ombro, de modo tranquilizador. — Ninguém está dizendo que você está louca. Tenho certeza de que há uma explicação muito boa para isso.

— A explicação é que nunca houve ninguém do outro lado. — Kara ouviu a águia dizer. Sua raiva se inflamou.

As mãos de Kara tremiam, com medo do que ela poderia fazer à ave. Ela ficou olhando para a parede.

— Eu não imaginei isso, David. Ele estava lá. Eu juro.

— Eu acredito em você, Kara — disse David. Kara viu uma pontada de preocupação no rosto dele. Ela não sabia ao certo se era uma expressão de "tudo vai ficar bem" ou "caramba, a menina ficou louca". Mas ela imaginou que seria a segunda opção.

Olhos de Kara se desviaram para Jenny, que só ofereceu um encolher de ombros e desviou o olhar rapidamente. Ótimo, agora os amigos dela pensavam que ela tinha problemas mentais. Mas ela sabia a verdade. Legan era real.

— Ei... pessoal? — Peter colocou sua cabeça dentro da cela. — Se quisermos atravessar a fenda e conseguir voltar antes que ela se feche, nós temos de sair agora. Senão nós... não seremos capazes de retornar.

— Vamos, Kara. Ele está certo. — David caminhou até a porta. — Temos de ir agora, senão perderemos a alma da sua mãe para sempre.

Relutantemente, Kara se levantou e ignorou os olhares dos seus amigos. Ela sabia como eles viam essa cena: ela havia perdido sua sanidade para as paredes cinza e solitárias do Tártaro, e eles sentiam pena dela.

Kara se esforçou para manter suas pernas firmes e cambaleou até a porta. Ela manteve a cabeça baixa para evitar os olhares deles.

— Vamos encontrar a alma da minha mãe. — Kara correu de volta para a plataforma. Ela se perguntava o que teria acontecido com Legan? Ele realmente era um produto da sua imaginação, uma falha temporária de seu cérebro, causada pelo isolamento e pela solidão no interior dos muros do Tártaro? Ou alguma coisa terrível acontecera a ele? O medo brotava dentro dela. Talvez não fosse uma coincidência a fenda estar no Tártaro. Talvez Zadkiel tivesse ido até ali para acabar com Legan antes de desaparecer e voltar para o seu verdadeiro mestre. Algo não se encaixava, e ela prometeu a si mesma que iria descobrir o que acontecera com o Legan, depois que resgatasse sua mãe.

Kara parou diante da fenda. Ela sentiu a ansiedade crescendo dentro dela, como um ataque de pânico incontrolável. Essa não era uma fissura ao mundo dos mortos, então aonde aquilo levaria? Ela viu David em pé à sua direita, em sua visão periférica, e ouviu os passos embaralhados dos outros atrás de si.

— Você está pronta? — perguntou David. Kara notou uma ligeira oscilação na voz dele.

Kara só balançou a cabeça. Ela não queria que David e os outros ouvissem o pânico em sua voz. Ela lutou para recuperar a compostura. A parede negra oscilou, mas Kara viu apenas o rosto sorridente de um arcanjo careca.

Ela cerrou os punhos e entrou na fenda.

Capítulo 4

Alma Perdida

Kara sentiu seu corpo sendo puxado por uma fonte poderosa, como um vácuo gigante a sugando. Ela abriu os olhos. Uma negritude a rodeava. Era como ser sugado para o espaço. Ela não podia dizer o que estava para cima ou para baixo; tudo parecia a mesma coisa para ela. Algo puxou sua perna, depois seus braços. Ela seria partida ao meio? Ela morria de medo de ficar à deriva no abismo negro até sua mente se apagar e ela se transformar numa sombra. Ela temia que o salto na fissura tivesse sido um erro.

Uma luz brilhou no canto da sua visão, era como uma luz no fim do túnel. Um pôr do sol de vermelho e laranja apareceu diante dela. Com um último puxão, Kara foi empurrada para a frente, em direção à luz. Ela caiu de cabeça em uma superfície macia. Levantou a cabeça. Suas mãos estavam cobertas de uma película vermelha pegajosa de fios e teias de aranha. Ela sentou-se de joelhos e sacudiu as mãos. Aquilo não estava saindo. Suas narinas queimavam com o súbito fedor de carne podre e bile. Ela limpou as mãos nas calças e olhou em volta.

Ela estava em uma caverna. Um arrepio percorreu sua espinha. As paredes estavam cobertas de tecidos enegrecidos e em decomposição. Um líquido amarelo como pus escorria do que parecia ser grandes feridas infectadas nas paredes. Kara viu um pedaço de pele descascar e cair no chão, seguido por um som de rachadura e estalo. Folhas de carne pingavam e escorriam até o chão macio de um tapete vermelho pegajoso. Tochas alinhavam-se

em toda a extensão da caverna, de um dos lados, como uma trilha no subsolo. Kara podia ver que a caverna parecia ter vários quilômetros em cada sentido, com voltas e desvios à medida que outros túneis adjacentes desapareciam nas sombras. E à distância, Kara podia ouvir o som fraco de gotejamento, que ela esperava ser de água e não de outra coisa. O ar estava quente e pesado, e Kara mal não podia esperar para sair dali.

Um som de sucção chegou aos ouvidos dela. De repente, Kara foi atingida no peito por algo forte, e ela caiu no chão. Havia algo pesando sobre seu corpo. Ela piscou e olhou para o rosto sorridente de David.

— Ei, querida. Isso é um pouco rápido para um primeiro encontro, mas não me importo.

— Oh, por favor! — Kara revirou os olhos, mas não podia evitar que um sorriso chegasse aos seus lábios. O peso de David sobre si parecia terrivelmente agradável, e parte dela não queria que ele se movesse. Mas ela não queria que os outros a vissem nessa posição comprometedora.

— Saia de cima de mim! — Ela empurrou David a tempo de ver o Peter e Jenny aterrissarem ao lado deles em meio a uma bagunça pegajosa.

— Por que demoraram tanto tempo? — Kara lutava com a substância gosmenta em seu cabelo. Ela desistiu depois de um tempo, pois, quanto mais puxava, pior ficava.

— Isso é nojento! Que lugar é este? — Jenny ficou de pé com um pulo e olhou em volta. Ela fez uma careta. — É como um moedor gigante de carne. E tem um cheiro repugnante.

David perfurou a parede com sua lâmina e cortou um pedaço de tecido em decomposição.

— Imagino por que Zadkiel escolheu este entre todos os lugares para se esconder. Ele sempre cheirava podre. Ele provavelmente se sente em casa neste palácio de compota de carne.

Kara viu Peter ajustando os óculos dele. Ele abriu a palma da mão para revelar uma pequena esfera vermelha flutuante.

— Você consegue ler alguma coisa aqui, Peter? — perguntou Kara, bamboleando até ele. Suas botas afundavam ainda mais naquela bagunça vermelha.

— Pode dizer onde está a alma da minha mãe? Você pode identificar uma localização para ela? — Ela sentiu os nervos aflorarem dentro de seu corpo. Não havia como saber se a alma da sua mãe ainda estava intacta e ilesa. Zadkiel podia tê-la destruído há muito tempo, e doía sempre que ela pensava nisso.

Os olhos de Peter permaneceram fixados na esfera por um momento. Ele moveu sua mão trêmula para estender o orbe em direção à parte sul do túnel. A luz esmaeceu dentro da esfera, como se controlada por um dimmer. Ele, então, caminhou com o orbe lentamente, em círculo, até que ele brilhasse com um pouco mais de intensidade. Peter olhou para cima:

— É por este caminho. Tenho certeza disso. Estou captando traços fracos de energia da alma da sua mãe. Mas também estou captando outra coisa. Algo está interferindo nas leituras. Mas não consigo entender o que é. Podem ser demônios, ou novas raças.

Kara suspirou de alívio. A alma da mãe dela estivera ali, naquela caverna carne horrível. Mas havia ainda a questão do arcanjo Zadkiel. Ela havia testemunhado o seu show de poder mais cedo no conselho. Ele não facilitaria as coisas, ela sabia; porém, ela iria encontrá-lo.

— Quanto tempo temos até que a fissura se feche, Peter? — Kara perguntou. Ela olhou para a parte ondulante da parede de carne, a qual imaginou ser a fonte da fissura.

Peter torceu os lábios.

— Cerca de... vinte minutos... talvez mais, talvez menos.

— Então, não temos muito tempo. — David limpou a lâmina no seu jeans e apontou para o túnel. — Só mais paredes de presunto cozido. Nada de mais. — Ele caminhou ao longo das paredes, com suas botas fazendo barulhos de sucção à medida que afundava os pés e os puxava de volta a cada passo, de novo e de novo.

Kara olhou para o chão do túnel sinistro. Os sons dos pedaços de carne caindo eram nauseantes. As repugnantes paredes vermelhas arrepiavam os pelos de suas costas. O mal se escondia ali. Ela sentia isso em seu ser. Kara enfiou a mão no casaco e retirou sua lâmina da alma. A adaga de prata refletia o vermelho das paredes. Parecia

mais uma adaga de sangue agora do que uma da alma. Ela brandiu lâmina à sua frente.

— Não podemos subestimar Zadkiel. Ele foi inteligente o suficiente para enganar o conselho por todos esses anos. Quem sabe do que ele é capaz? E o que ele já fez. Mantenham-se atentos. Provavelmente há mais do que só coisas grudentas aqui. Só quero a alma da minha mãe de volta.

David se virou e olhou para Kara.

— Não o subestime. Ele ainda é o mesmo idiota careca de antes... só que agora ele prefere dormir neste hotel cinco estrelas de carne. — Um sorriso travesso se manifestou no rosto de David, deixando o humor de Kara mais leve.

O grupo se aventurou cautelosamente dentro do túnel. Suas paredes sinistras faziam Kara sentir-se claustrofóbica. Kara estava na dianteira e Jenny logo atrás, com seu arco e flecha no ponto, enquanto Peter ia no meio. David ficara com a retaguarda. Eles caminharam assim por alguns minutos, olhando para trás, por sobre os ombros, de vez em quando. Kara se sentia desconfortável. Ela notou que as paredes infiltravam-se cada vez mais com um líquido semelhante a pus. Andar tornava-se cada vez mais difícil. Com cada passo que davam, mais líquido escorria dos cortes profundos, era como espremer água de uma esponja.

De repente, a terra tremeu.

Pedaços de carne caíram do teto com esguichos repugnantes. Kara estabilizou-se, com sua lâmina diante de si. Ela ouviu um barulho distante, como retumbar de um trovão antes de uma tempestade. Ela, então, parou.

— O que foi isso? — sussurrou Peter, o branco dos seus olhos brilhando em seu rosto petrificado.

Kara encontrou a expressão preocupada de David, mas não respondeu. Ela agarrou sua lâmina da alma e viu Jenny, de canto de olho, armando uma flecha. Inconscientemente, Kara deu um passo de volta para Peter.

Um rugido alto cortou o silêncio. O chão tremeu com mais intensidade, e Kara pensou que eles estavam no meio de algum tipo de terremoto. Mas ela sabia que era impossível. Ela sentiu algo apertando sua perna. De repente, foi lançada do outro lado do túnel, batendo na parede. Seu corpo afundou no tecido mole, como se as paredes fossem feitas de gelatina. O fedor de decomposição queimava seu nariz, e o medo de Kara aumentava. Ela lutou para se mover. Os membros não respondiam. Era como se ela estivesse colada, presa contra a sua vontade. Ela sentiu seu corpo sendo puxado de volta, se aprofundando na parede. Ela olhou para baixo e recuou. Um grande tentáculo vermelho estava firmemente enrolado em suas pernas. Centenas de ventosas abertas revelavam dentes pontiagudos, como bocas escancaradas prontas para se alimentar. Um líquido amarelo jorrou do grande tentáculo.

Alguém gritou.

Peter estava completamente coberto pelos tentáculos. Estes se enrolavam em torno dele como uma jibóia gigante esmagando sua presa antes de engoli-la inteira. Ela o viu lutar contra as criaturas e sentiu uma pena imediata dele. Kara viu uma dúzia ou mais de tentáculos brotarem da parede e lançarem David. Com duas lâminas da alma em suas mãos, David fatiou as criaturas. Os tentáculos decepados caíram no chão perto dele. E logo David estava coberto por um líquido fétido.

Kara voltou seu olhar para a esquerda. Jenny combatia uma horda de tentáculos com suas flechas. Ela perfurou um deles bem no corpo, e este retirou-se para um buraco na parede. Kara viu com horror quando mais uma dúzia de tentáculos saíram do que ela acredita que fossem feridas para se lançarem em Jenny. Dois agarraram suas pernas e outros dois derrubaram o arco e a flecha de suas mãos. Jenny tropeçou e caiu de rosto no chão. Um tentáculo deslizante avançou em direção ao rosto dela. Ele chicoteou-se em seu rosto; suas ventosas se prenderam na face dela. O tentáculo irradiava de dentro, como uma lâmpada debaixo de uma sombra. Kara ouviu o grito abafado de Jenny, e uma última ventosa envolveu seu rosto. O tentáculo estremeceu e se mexeu, e Kara viu uma luz mover-se dentro dele, como se estivesse fazendo um movimento de engolir. Kara percebeu com pavor que a criatura estava bebendo a essência da Jenny. Olhos dela se voltaram novamente para Peter. Ele agora tinha uma ventosa em seu rosto.

Com um tremendo esforço, Kara libertou seu braço direito. Com a lâmina ainda firmemente empunhada, ela cortou um dos tentáculos. Ele caiu com um baque no chão. Outro tentáculo veio para ela da

parede oposta. Mas ela estava pronta. Ele voou em sua direção com grande velocidade, e Kara foi de encontro a ele, desviando-se de lado. Ela o cortou facilmente. Um líquido amarelo e vermelho jorrou nas paredes. Ela sentiu o chão tremer. Mais vinte tentáculos vieram das paredes em sua direção. Quanto mais ela cortava, mais tentáculos voltaram.

Freneticamente, Kara corta os tentáculos restantes em volta de suas pernas. Vários pedaços deles se espalham ao redor de suas botas. Ela olhou para cima. Outro tentáculo vinha açoitá-la. Ela deu um pulo, saindo do caminho e rolando no chão. Levantou-se e foi imediatamente atacada por outra onda de tentáculos. Kara foi até seus amigos desviando-se dos tentáculos, pulando e cortando-os. Um líquido amarelo acertou seu rosto, e ela viu David libertar Peter das garras da criatura. A essência de Peter vazava por grandes aberturas em seu rosto. Sua pele estava translúcida; Kara podia ver uma luz brilhante dentro dele. Sua pele mal o continha inteiro. Ele parecia doente.

David olhou para Kara.

— Ajude a Jenny! — Ele gritou sob a comoção, enquanto esmagava um tentáculo cortado com sua bota.

Kara abriu caminho em direção à sua amiga, chutando e cortando os tentáculos. Ela mal podia ver Jenny. A criatura a havia coberto completamente com um emaranhado de membros vermelhos pegajosos. Kara começou a cortar pedaço fora, com cuidado para não machucar Jenny. Ela podia ver David diante de Peter fazendo um bom trabalho no corte dos tentáculos dele.

Uma dor aguda atingiu a nuca de Kara. Ela caiu para a frente e estendeu a mão, ficando presa numa massa escorregadia que sugou sua cabeça. Era uma sensação estranha, como se aquilo fosse um capacete. Ela moveu os dedos e tocou numa ventosa. Ela se estremeceu. Sentiu uma sensação de formigamento na nuca, como se fossem milhões de picadas ao mesmo tempo. Sentiu sua energia sendo drenada; ela sabia que a criatura estava sugando sua essência. Com a lâmina ainda em sua mão, Kara tombou a cabeça para trás e esfaqueou a criatura repetidamente. Ela sentiu um afrouxamento e finalmente tirou a ventosa do seu couro cabeludo e a arremessou longe. Com suas forças de certa forma renovada, Kara combateu as criaturas novamente. Pedacos de membros rolavam pelo chão como troncos de madeira. Logo, Kara conseguiu ver Jenny e, com um último esforço, ela puxou o último tentáculo carnudo de sua amiga. Jenny caiu nos braços de Kara, com os olhos mal abertos.

Kara a sacudiu suavemente.

— Jenny? Jenny? Está me ouvindo?

A pele de Jenny estava quase transparente. Kara poderia ver as feridas abertas por todo o corpo dela. Uma luz branca vazava deles. Tinha sido um erro trazê-los consigo. As feridas de Jenny e Peter eram muito graves. Eles tinham de voltar.

O chão tremeu... ouviu-se um barulho de sucção... Kara se virou para ver mais dezenas de tentáculos brotando das paredes de carne. O pavor a percorreu. Como é que escapariam?

— David! Não podemos ficar aqui. Precisamos levar Peter e Jenny de volta!

Kara Jenny caiu no chão e cortou a cabeça do tentáculo mais próximo. Outros dez tentáculos vieram em sua direção.

E, então, de repente, as criaturas se retiraram. Como vermes se mexendo no chão, os tentáculos recuaram para suas paredes de carne.

Havia um homem no fim do túnel. Um manto vermelho se estendia diante dele. A luz das tochas refletia sua cabeça calva. Zadkiel! Mesmo à distância, Kara podia ver o sorriso maléfico no rosto dele. Ele trazia um pequeno jarro na mão direita. E nele havia uma bola de luz luminosa.

Zadkiel riu suavemente.

— Você é tão previsível, Kara Nightingale. Como todos os outros. Uma tola atrevida que ama os mortais. Eu sabia que você me seguiria. Eu sabia que você viria até sua mãe. Esperei por você.

Kara ficou aliviada ao ver a luminosidade da alma de sua mãe.

— Devolva. E eu vou deixar você viver.

Ela elevou sua lâmina. Sua raiva havia despertado seu poder elemental. Ela o chamou, e ele respondeu ansiosamente. Ela podia senti-lo se abrindo dentro de si como uma flor desabrochando. Ela viu o medo nos olhos do arcanjo. Ele tentou escondê-lo, mas ela o

viu, apesar de tudo. Ele não tinha tanta certeza de que ela não seria capaz de o matar.

O rosto de Zadkiel era como uma máscara rígida.

— A sua mãe é um anjo muito medíocre. Ela não tem nenhum talento especial. Não sei por que você arriscaria tanto por ela, por sua alma miserável. Realmente é patético.

Kara baixou os olhos.

— Não me interessa o que você pensa. Você vai devolvê-la.

O Arcanjo inclinou-se um pouco, com seus ombros curvados.

— Não gosto de ameaças. Principalmente vindo da boca de uma garota idiota. Além disso, você não está em posição de fazê-las. Olhe ao seu redor. Seus amigos estão morrendo. E acredite, eles não vão durar muito tempo na boca de um demônio ungor.

— A boca de um o quê? — David olhou amplamente ao redor. Ele testou sua lâmina contra as macias paredes de vermelhas. — Estamos na boca de algum demônio? Sério?

As paredes rosnaram como se em resposta.

Kara olhou para Jenny e Peter. A pele deles estava tão fina quanto papel vegetal. Eles estavam em mau estado. Ela teria de tirá-los dali.

— Infelizmente para você, o ungor me obedece. — disse Zadkiel.

Tentáculos vieram e envolveram Jenny e Peter.

— Qualquer movimento brusco... e seus preciosos amigos serão mortos.

Kara cambaleou para frente.

— Deixe-os ir. O que é que você quer? A alma da minha mãe não significa nada para você. Meus amigos não significam nada para você. Onde está o Asmodeus? Por que ainda está aqui?

— Para entregar uma mensagem.

O tom de voz era suave, mas Kara detectou uma pitada de falsidade. Ela tinha certeza de que era um truque.

— Qual é a mensagem?

— A Legião não deve interferir. Eles estão atrasados demais. Os mortais são fracos e não merecem o mundo deles. Eles o estão destruindo. É hora de voltar atrás. Além disso, é tarde demais para a Legião. A Legião não pode interferir... ou sofrerá as consequências. Tenho de agradecer a você, Kara. Você foi uma peça importante para os planos do meu mestre. Sem você, não seria possível. Em breve dominaremos o mundo mortal.

Suas palavras acertaram Kara com dureza.

— Asmodeus nunca dominará a Terra. A Legião não permitirá isso.

Os cantos da boca de Zadkiel se elevaram.

— Mas isso não cabe a eles decidir, cria do demônio. Sim, eu a chamo pelo seu verdadeiro nome, Kara. É hora de parar de mentir para si mesma. Você realmente acredita que é um anjo bom? Você é um demônio como seu pai.

Kara recuou, apavorada com o fato de o que ele dizia poder ser verdade. Não. Não podia ser verdade. Ela era um anjo da guarda que havia jurado proteger os mortais. Ela afastou a dúvida de sua mente e olhou brava para ele:

— Eu não sou um demônio. Eu sou um anjo da guarda!

— Aí é que você se engana, demônio. Em breve você vai entender... e se juntará a nós. É só uma questão de tempo até você descobrir de que lado que está. Meu senhor pede-lhe para se juntar a ele agora em sua cruzada, e ele irá poupar a sua vida.

Kara olhou duramente para ele:

— Eu nunca me juntarei a ele. Eu prefiro morrer a me unir a um monstro. Você está tentando destruir o mundo que eu amo.

— Que assim seja. Você vai apodrecer com o resto deles.

— Estou cansado de suas besteiras! Eu não vou ouvir mais isso. Devolva a alma da minha mãe. Agora! São dois contra um, e as probabilidades estão a nosso favor. Devolva a alma da minha mãe... ou você vai morrer.

— Tudo bem, Srta. Demônio — Ah, você não se importa que eu a chame pelo seu verdadeiro nome, não é? — David ficou ao lado

dela. — Vai ser um prazer lhe dar uma surra. E um muito grande, devo acrescentar.

A expressão de Zadkiel se obscureceu. Um sorriso se contorceu em seus lábios.

— Vocês sempre foram francos demais para o meu gosto, David McGowan. Bem, então talvez eu também possa jogar este jogo. — Ele pôs a mão no jarro e puxou a esfera luminosa para fora. — Um movimento em falso e eu vou esmagar esta mísera alma.

Kara deu um passo à frente, seu poder dourado ardendo nas pontas de seus dedos.

— Não faça nada estúpido... se você se preocupa com sua própria alma podre.

— Você quer isso? — a arcanjo levantou a alma no ar e olhou para ela. Depois, olhou para Kara. — Então vá buscá-la.

A pequena esfera foi disparada no ar.

Kara, se jogou para apanhar a alma. Com um movimento rápido, pulou e a apanhou. A pequena bola de luz iluminou seu rosto e suas mãos. Ela a segurou com cuidado, como se aquilo pudesse se despedaçar em suas mãos.

Imagens de mulheres diferentes passaram rapidamente por sua mente. Uma mulher indiana com cabelo preto comprido, vestindo um sari vermelho e dourado, sorriu enquanto acenava as mãos em meio a uma dança. Outro rosto. Desta vez, de uma mulher abatida

pelo tempo. Ela estava coberta de peles de animais, sentada na neve, costurando uma pele de foca sobre uma armação de caiaque. Ela viu uma imagem de sua mãe como uma jovem garota de patins; depois, como uma mulher segurando uma criança ao peito. Kara sorriu. Aquela era realmente a alma de sua mãe.

— Kara!

Quando Kara se virou, Zadkiel já estava em movimento. Ela o ouviu rir à medida que corria para baixo da garganta do demônio ungor. Seu manto vermelho esvoaçava atrás dele como uma bandeira hasteada sob um vento forte.

A raiva se inflamou dentro dela. Ela colocou a alma da sua mãe cuidadosamente no bolso de sua jaqueta e correu atrás dele.

— Kara! Não!

Ela ouviu o apelo de David, mas não podia parar. Ela não pararia. Não até que Zadkiel pagasse pelo que fez. Ela disparou pelo túnel, com suas botas agitando o chão pegajoso. Ela teve o vislumbre de uma túnica vermelha desaparecendo em outra passagem, ou seria um canal alimentar que levava para fora do estômago da criatura? Kara se estremeceu com o pensamento. De qualquer forma, ela chegou lá em poucos segundos. Ela atravessou o canal alimentar e parou.

Kara encontrou-se em uma grande área arredondada, com as mesmas paredes vermelhas molhadas. O diferente nesse espaço eram as mesas de madeira e as cadeiras que ficavam no extremo

oposto. Uma grande estante chegava ao topo. Livros caíam de suas prateleiras, esfarrapados e rasgados. As capas de couro desintegravam-se em pó. Kara olhou ao redor. Devia ser para ali que Zadkiel se recolhia após um longo dia de trabalho no conselho — para conspirar contra a Legião e muito provavelmente se comunicar com Asmodeus na segurança da barriga da fera.

Zadkiel estava de pé no centro da cavidade. Ele inclinou a cabeça e deu um meio sorriso, como se estivesse provocando Kara para que ela chegasse mais perto. Uma névoa negra o circundava, uma fissura que oscilava como uma miragem de água.

— Eu devia tê-la matado quando tive a chance — riu o arcanjo suavemente.

— Mas você não o fez. — Kara jogou sua Lâmina da Alma.

O arcanjo regressou para a fissura e desapareceu.

Com um baque suave, sua lâmina caiu no chão pegajoso.

Capítulo 5

Caindo aos Pedacos

Kara nem ao menos deixou David segurar a alma de sua mãe enquanto ajudavam Jenny e Peter a voltarem pela fissura. Não é que ela não confiasse nele; ela simplesmente não podia largá-la. Kara apertou a alma protetoramente contra seu peito, como uma mãe faria com seu próprio filho. A cada solavanco do elevador, ela agarra o objeto com mais firmeza. Era como se ela tivesse colado as mãos na bola luminosa.

Quando estavam de volta no Horizonte e em direção ao Cura Express, Kara se despediu e fugiu para o Salão das Almas. David havia se oferecido para acompanhá-la, mas ela recusou. Ela lhe disse que precisava fazer isso sozinha. Em primeiro lugar, a culpa do desaparecimento da alma de sua mãe era dela. Ela só poderia relaxar quando soubesse que a alma da sua mãe estaria segura — finalmente e de uma vez por todas.

O elevador balançou ligeiramente para a direita, depois para a esquerda. Kara segurava o objeto com as mãos em concha. Seus olhos nunca deixaram o operador. Um macaco de longos pelos castanho-claros e um pequeno rosto negro a via da cadeira. Suas mãos e pés eram completamente negros, como se estivesse usando luvas. Ele usava uma cartola verde que engolia sua pequena cabeça, como se fosse duas vezes maior que ela. Ele parecia um duende feio. Seus olhinhos negros a observavam. Ele observou a alma de relance, por um momento. Seus olhos brilharam com interesse repentino. Kara comprimiu os lábios e escondeu a alma dentro de

sua jaqueta. O macaco levantou suas sobrancelhas e ficou olhando para ela. Ela olhou-o nos olhos, com o rosto sério, sem pestanejar. Ela não se importava com o fato de que ele, supostamente, fosse um dos mocinhos. Se ele tentasse qualquer coisa, ela faria picadinho de macaco.

Após alguns instantes, o elevador parou com um solavanco. Com um sinete, as portas se deslizaram para abrir. O operador tirou o chapéu e curvou-se.

— Nível 4! Salão das Almas! — Ele chamou, para ninguém em particular.

Kara pressionou a alma protetoramente contra seu peito e saiu do elevador.

Ela ouviu as portas fechar atrás dela. Ela olhou ao redor. Ela parou.

A câmara uma vez brilhantemente iluminada com milhões de esferas suspensas agora estava escura e sombria. O favorito campo gigante de vaga-lumes de Kara havia sido extinto. Apenas alguns milhares de esferas ainda flutuavam radiantemente no céu negro, lançando um brilho solitário no vasto espaço. Um calafrio a percorreu. O que estava acontecendo?

Kara olhou para o chão. O piso de mármore preto estava coberto com um escuro pó cinzento, como um tapete de pelúcia de poeira. Almas mortas, Kara percebeu com horror. Para todos os lugares aos quais olhava, almas mortas se espalhavam pelo chão. Era como

olhar para os resquícios de uma erupção vulcânica, com montes de cinzas por todo o lado. O chão estava completamente coberto. Não havia lugar para ela andar se não quisesse pisar nos restos de uma alma. Ela abaixou-se e estendeu a mão — mas a puxou de volta. Ela encolheu-se como se se lembrasse do sentimento de tristeza e desespero que uma vez sentira durante a manipulação de uma alma morta, a alma morta da Sra. Wilkins. Aquela havia sido uma experiência terrível, e ela nunca queria sentir isso novamente. Mas algo lhe disse que se tratava de uma situação totalmente diferente.

Um arrepio a percorreu. Ela podia ver uma enorme lareira de pedra à distância. Lembrou-se do magnífico branco das chamas que brotavam alto no ar. Mas agora não havia chama alguma. O fogo branco do Atma estava apagado. O pavor a invadiu como uma febre. Ela se esforçou para deixar a sensação assustadora de lado e pensou no arcanjo Ramiel. Ele explicaria isso para ela.

Kara estendeu a perna e levemente tocou em uma alma morta — não aconteceu nada. Curiosa, empurrou-a para o lado com a bota. Ela ainda não sentiu nada. Não havia nenhum sentimento intenso de desespero e miséria. Não havia vozes gritando dentro de sua cabeça. Não havia visões de vidas passadas vibrando dentro de sua mente. Era como se nunca tivesse acontecido. Ela tocou na alma novamente, ela rolou e parou — como uma bola preta, oca e morta. O que tinha acontecido com aquela alma? Por que não estava chorando quando a tocou? Ela não sabia dizer. Algo estava terrivelmente errado.

Kara abriu caminho cuidadosamente através de milhares de almas mortas que cobriam o chão, afastando-as suavemente com suas botas, para não pisar nelas. Que Deus a livrasse de pisar em alguma delas! Seus passos ecoavam por toda a câmara, um som estranho e solitário no majestoso espaço. Ela apertou os olhos para ver além do céu salpicado de preto. O local estava parado, nada se mexia. Tudo parecia morto para Kara. Ela procurou pelas crianças loiras, mas não conseguiu ver nada. Onde estavam os querubins?

Um estalo.

Kara franziu a testa e olhou para o chão. Ela estava em cima de um pequeno monte de areia cintilante, como se alguém tivesse largado um monte de diamantes no chão. Ela passou deslizando com sua bota. Quão lindas as pedras ficavam contra o piso de mármore negro! Sua mãe amava diamantes. Mas elas nunca poderiam comprar os de verdade, só zircônia. Ela tocou na alma suavemente contra seu peito.

— Vou comprar diamantes de verdade um dia, mãe. Eu prometo.

Um brilho chamou a atenção dela, a alguns metros de distância. Mais pilhas de diamantes, ela percebeu. E agora que sabia o que procurar, ela notou centenas mais escondidas sob as almas enegrecidas. Estranho. Ela nunca tinha notado isso antes.

Um som de asas chegou aos seus ouvidos. Ela se virou — e uma pessoa de cabelos dourados com vestes muito azuis caiu em seus braços. Equilibrando o querubim com um braço, Kara lentamente abaixou-se ao chão. Ele era surpreendentemente leve. Posicionando-

se de joelhos, trouxe a pequena criança mais perto de si — e ficou paralisada.

Um rosto emagrecido, com olhos fundos, o nariz e a boca perdidos em meio a centenas de rugas, olhava para ela. Sua pele murcha era como papel vegetal e se estendia sobre um rosto que mais parecia uma caveira; era como se estivesse prestes a desaparecer. Este não era o rosto jovem dos querubins dos quais ela se lembrava. Ela estava olhando para o rosto de um ancião. Os lábios dele se mexeram, mas nenhum som escapou de sua boca. Kara o sentiu tremer em seus braços. Pés cinzentos esqueléticos se mostravam debaixo das vestes azuis, como um cadáver no necrotério. Kara desesperadamente tentou enrolá-lo com seu manto. Ela quis gritar por ajuda, mas pensou melhor. Era se ele fosse se desfazer em pedaços se ela elevasse sua voz. Ela arredou o cabelo fino do rosto dele com os dedos tremendo. Os lábios dele moveram-se novamente. Ela se abaixou, para aproximar seus ouvidos da boca dele.

—Salve-nos.

Kara repentinamente se sentiu paralisada. Ela franziu a testa.

— O que...? O que quer dizer com... salve-nos? O que há de errado com você?

Os olhos do querubim se reviraram. Ele não respondeu.

Kara estava inquietamente nervosamente.

— Eu... Eu vou levantá-lo agora e levá-lo para Rafael. Agente firme.

Delicadamente, Kara equilibrou o querubim ternamente contra o lado esquerdo do peito. Ela se lembrou de ter bonecas mais pesadas do que ele. Isso a assustou. Ela olhou para a alma da sua mãe, ainda segurada gentilmente em seu peito, com cuidado para não esmagá-la com o peso do querubim. Ela sabia que isso provavelmente seria impossível, já que o pequenino pesava não mais do que o gato do vizinho.

— Salve-nos... você precisa nos salvar — resmungou o querubim novamente, e Kara notou como sua voz estava mais alta, como se tivesse ganhado alguma força de volta.

Ela parou e olhou-o suavemente.

— Eu vou buscar ajuda. Não se preocupe. Não fale... guarde suas forças.

O querubim levantou a mão e pressionou um dedo contra a testa de Kara. Ela se estremeceu, pois o toque lhe enviou um arrepio frio da cabeça aos pés, como se alguém tivesse jogado um balde de água gelada em sua cabeça. Uma súbita explosão de emoções explodiu dentro dela. Vozes gritavam dentro de sua mente. Milhões de pessoas gritavam por ela ao mesmo tempo. Ela podia ouvi-las claramente, como se estivessem ali ao lado dela. Sua visão esmaeceu. Ela piscou. Imagens de diferentes homens, mulheres e crianças passaram em sua mente, como um filme rápido. Mais como um sonho, ela percebeu. Ela sentiu a alegria e a dor de todos, tudo

de uma vez. Um homem caminhava com seu cão num parque de vegetação exuberante. Uma mulher de meia-idade com um chapéu de palha trabalhava ferozmente em seu jardim. As crianças riam e perseguiram umas às outras num parquinho. Uma névoa negra se aproximou. As crianças gritavam. Sombras engoliam as crianças e abafavam seus gritos. A escuridão veio. Ela ouviu os gritos de milhares de mortais. Ela ouviu seus apelos de ajuda. Criaturas de seus pesadelos rasgavam seus corpos, membro a membro. Kara gritou assim como as pessoas em sua mente gritavam ao morrerem.

As visões desapareceram.

Kara tremeu e olhou nos úmidos olhos dourados do querubim. Sua boca abriu-se em um grito sem som. De repente, sua pele e sua túnica começaram a brilhar. Brilhavam como cristais. A pele se partiu. Kara notou pequenas fissuras se formando no rosto do querubim, como um quebra-cabeça. E, com um estouro, de súbito, o querubim explodiu em uma nuvem de diamantes.

— Não!

Aterrorizada, Kara estendeu suas mãos desesperadamente no ar, tentando pegar algumas das partículas que caíam. Ela viu tudo caindo no chão. O querubim agora era uma bela pilha de diamantes cintilantes.

Kara caiu de joelhos. Ela pegou um punhado de cristais minúsculos e os viu cair por entre os dedos, como grãos de sal. Cheia de tristeza, Kara amaldiçoou o fato de que não podia chorar.

— Eles estão morrendo — disse uma voz atrás dela.

Kara virou-se e olhou para o rosto de um homem gigante. Ele estava vestido com uma túnica branca, aberta na frente, com as bainhas da gola e da manga feitas de ouro. Seu belo rosto estava tomado pelo luto. Um brilho dourado emanava de sua pele pálida.

— Não há nada que possamos fazer — disse o arcanjo Ramiel solenemente.

— Ele... ele acabou de explodiu, virando pó nos meus braços! — Kara levantou seus braços dramaticamente no ar. — O que está acontecendo com eles?

Os lábios do arcanjo estavam sérios.

— Os querubins... estão todos morrendo. — Ele fez um gesto antes deles.

Kara seguiu o olhar dele e se encolheu. Havia cerca de meia dúzia de querubins, com rostos esqueléticos e doentes, se esforçando para caminhar. Eles tombavam para lá e para cá, incapazes de manter o equilíbrio. A agonia em seus rostos deixava Kara aflita. Ela tinha pena deles.

Um querubim se arrastou em direção a eles. Curvado, como se suas costas estivessem quebradas; ele mal podia andar. Seu rosto murcho estava sem vida e seus olhos eram de um branco leitoso como os de um cego. E, com um último esforço, o querubim caiu para a frente e pousou de cabeça no chão. Dentro de segundos, seu corpo explodiu em uma nuvem de partículas brilhantes. Tudo o que

restou foi uma pequena pirâmide de diamantes. Ela olhou horrorizada para as centenas de montes de poeira de querubim. O chão estava coberto deles.

Kara estudou Ramiel por um momento.

— Mas, por que eles estão morrendo? Como eles podem morrer? Pensei que os querubins fossem imortais?

Ramiel inclinou-se para examinar os restos de um querubim.

— Os querubins existem contanto que existam almas. Sem almas, os querubins irão morrer. Eles precisam da força da vida das almas para viver.

Inconscientemente, Kara abraçou a alma dentro de sua jaqueta e olhou para o céu negro. Apenas alguns milhares de almas pairavam em cima e em volta deles. Era como olhar para o céu à noite, tentando ver as estrelas, apesar das nuvens. Ela engoliu em seco e olhou o chão de soslaio. Milhões de almas mortas cobriam o chão. Ela temia o pior. As últimas palavras do querubim ecoaram em seus ouvidos.

Salve-nos.

Um grito escapou de seus lábios. Ela era responsável. Ela sabia que ela tinha permitido que milhares de demônios entrassem no mundo mortal. Milhares de almas estavam mortas por causa dela.

— Os demônios estão matando as almas — disse Kara.

— Sim — respondeu Ramiel. — É um ataque selvagem. Uma brutalidade de magnitude colossal contra o mundo mortal. Nunca havíamos sido confrontados com tal atrocidade antes. O número de mortes de almas atingiu proporções inimagináveis.

— O que acontecerá com o resto dos querubins? — o peito de Kara doía. Ela olhou as pequenas criaturas arrastando-se em volta da câmara. Ela colocou a mão no bolso da jaqueta. — Ainda há almas que vivem. Não estão todas mortas. Aqui, esta é a alma da minha mãe. Mantenha-a segura. — Kara entregou a esfera branca brilhante de sua mãe para o arcanjo.

Ramiel tomou a alma com cuidado, estudando-a. Ele olhou para Kara de repente, com uma expressão perplexa.

— Como você conseguiu isso volta? Achei que Zadkiel a tivesse destruído.

Kara suspirou.

— É uma longa história... mas eu a consegui de volta.

O arcanjo olhou pensativamente para Kara.

— Bem, ela estará segura aqui.

— Kara!

Kara virou-se para ver David indo em direção a eles. Seu rosto estava distorcido e fechado. Ele acenou para Ramiel com a cabeça, e

Kara achou estranho que ele não insultasse o arcanjo como costumava fazer.

— David, o que está havendo? — perguntou a Kara, começando a sentir-se nervosa outra vez.

— Todos os guardiões estão sendo chamados para uma reunião de emergência — disse David enquanto apertava as mãos nos bolsos da frente — ... sob as ordens do Tenente Miguel. Teremos uma reunião nas Operações.

— Do que se trata a reunião? — Kara suspeitava de que as almas e os querubins morrendo fossem parte do assunto.

— Não faço ideia. Mas eu sei que é algo grande... algo está acontecendo com certeza. Nunca vi uma reunião dessa magnitude.

Kara não gostou do som disso. Ela sentiu-se responsável. Ela havia sido um peão no plano de Asmodeus. Sem ela, o espelho das almas não teria funcionado e os demônios não entrariam no mundo mortal. Ela era como Asmodeus – uma abominação para o mundo angelical, uma mestiça, criada apenas para um propósito: destruir o mundo mortal. Kara cerrou o queixo. Ela conseguiria sua vingança. Você não é meu pai. Ela silenciosamente prometeu a si mesma que faria tudo ao seu alcance para reparar os horrores que ela havia desencadeado. E, então, seria a hora da vingança.

— Quando partimos? — perguntou Kara, sua voz profunda e tremendo de raiva. Ela se lembrou do rosto alegre de Asmodeus

quando seus demônios entraram no mundo dos mortais e começaram a abrir caminho pelos corações humanos.

David ergueu suas sobrancelhas.

— Agora.

Capítulo 6

A Legião de Anjos

Kara seguiu David até as dunas vermelhas. O sol batia em sua cabeça, e Kara sentia como se houvesse um secador quente próximo ao seu cabeludo. Ela via as costas de David, mas, na verdade, não o observava. Ela não conseguia parar de pensar no querubim que havia morrido em seus braços. Seu rosto murcho a assombrava, como um sonho ruim que se estendia, mesmo depois de ter aberto os olhos.

Salve-nos, o querubim havia dito. O que ele queria dizer com isso? E por que lhe dissera aquilo? Ela deveria fazer alguma coisa? Ela era parte de um plano maior? Não sabia. E não podia calar sua mente.

Um estrondo alto chegou aos ouvidos dela. Kara olhou de cima da duna pela qual havia subido e parou de repente em sua caminhada.

Centenas de milhares de anjos da guarda enchiam todo o vale abaixo dela, um mar de anjos em movimento, preparando-se para a batalha. Eles se reuniram e se enfileiraram em cada canto do vale, formando um quadrado perfeito; lá estava toda a força de uma Legião angelical. O corpo de Kara se estremeceu em emoção. Ela nunca havia visto tantos guardiões juntos numa só área. Ela se sentia pequena e insignificante. Um sentimento de orgulho jorrava em seu peito. Ela se sentia inebriada. Ela queria correr entre eles,

ficar entre todos eles. Com um exército como este, tudo era possível.

Ela sentia cheiro de água salgada e ferro. A multidão parecia se dispersar à medida que ela e David se aproximavam. Será que a Legião ainda acredita que ela era uma traidora? Ela podia ouvir os sussurros da multidão. Rostos ansiosos o rodeava. Eles estavam nervosos, como animais enjaulados. Kara ficou tensa.

Um brilho à frente da Legião chamou sua atenção. Kara olhou por sobre as cabeças das multidões. Um homem gigante caminhava pelas as linhas de frente. Metros de pano prata esvoaçavam ao vento atrás dele, como uma bandeira feita do pó das fadas. Mesmo à distância, ela reconheceu o arcanjo Miguel. Sua pele dourada brilhava sob a luz do sol. Seu sedoso cabelo castanho escuro caía por sobre os ombros musculosos, e suas mãos permaneciam entrelaçadas.

Ela sentiu um puxão no braço e se virou, vendo David fazendo um aceno para que ela o seguisse. Ele a puxou para um pequeno monte de areia. Kara subiu atrás dele. Quando chegaram ao topo, ela olhou para os milhares de cabeças e focou em Miguel. Ele estava com as mãos entrelaçadas na frente de seu corpo forte e rígido, como uma estátua grega.

— Guardiões — estrondeou a voz de Miguel pelo deserto. Sua voz havia sido magicamente aprimorada, e todos os guardiões podiam ouvi-lo tão claramente como se o arcanjo estivesse bem na frente de cada um deles.

— Estamos aqui reunidos, nesta hora avançada, para informá-los e prepará-los para o que vem pela frente. Como alguns de vocês já sabem, milhares de portais foram abertos, e centenas de milhares de demônios foram soltos ao mundo mortal. A legião nunca enfrentou uma ameaça dessa magnitude antes. Homens, mulheres e crianças inocentes foram atacados em suas próprias casas e partidos em pedaços.

Sussurros se espalharam através da multidão, como um incêndio florestal. Kara abaixou a cabeça. Será que Miguel a culpava? Ela ouviu uma pontada de acusação nas suas palavras dele. Ela lutou para controlar suas emoções. Lembrou-se dos gritos das crianças enquanto os demônios arrancavam seus corações. Aquilo era sua culpa.

Algo roçou em seus dedos. Ela sentiu uma mão entrelaçar-se na sua. Ergueu os olhos e percebeu o rosto preocupado de David. Seus olhos azuis brilhavam. Ele apertou sua mão reconfortantemente. Ela apertou a dele de volta. Ela não queria soltá-lo jamais.

Ela desejou silenciosamente que pudesse fugir de tudo aquilo — que ela e David pudessem estar juntos, de alguma forma, na Terra, longe dos horrores e das atrocidades pelos quais provavelmente passariam. Mas ela sabia que nunca poderia ter a vida amorosa que sempre planejara com o homem que amava. Ela era um anjo da guarda que havia jurado proteger os humanos. O mundo mortal estava em crise. Eles precisavam ser salvos. E Kara tinha um trabalho a fazer.

Ela voltou seu olhar para Miguel, mas não antes de notar os olhares de desaprovação de alguns anjos. Seus rostos pareciam distorcidos pelo desgosto enquanto olhavam para David e Kara. Ela forçou-se a desviar o olhar.

— Milhares de almas estão morrendo a cada dia — continuou o Miguel. — A cada segundo que perdemos aqui, mais uma alma é morta. Todos juramos protegê-las. Nós somos os escolhidos. É o nosso dever salvar as almas mortais. A partir deste momento, todas as atribuições anteriores estão canceladas. Anjos, vocês têm uma missão: livrar o mundo mortal dos demônios!

Sua última palavra ecoou por todas as vastas dunas como um trovão. Anjos saltavam no ar e bramiam como uma gigante onda se levantando e se espalhando pela multidão. Era incrível e ao mesmo tempo assustador.

Miguel levantou os braços no ar e pediu silêncio. Ele esperou que a multidão se acalmasse antes de continuar.

— Asmodeus acredita que venceu. Mas ele está seriamente enganado. E vamos mostrar isso a ele. Vamos atacar o coração do senhor dos demônios! Nossas legiões esmagarão seus exércitos, e vamos devolver a Terra aos seus legítimos habitantes! — Ele levantou seu punho. — Esta será a maior batalha que esta Legião já enfrentou. A batalha apenas começou! E seremos vitoriosos!

Uma explosão de gritos se irrompeu. Anjos levantaram-se e golpearam o ar com seus punhos. Kara olhou os rostos enlouquecidos. Ela podia praticamente ver o veneno escorrendo da

boca deles. Era ódio — ódio dos demônios. Os anjos queriam destruir Asmodeus e seus demônios tanto quanto ela.

Um súbito ruído característico ecoou em torno deles. As multidões se separaram, e uma massa de mais de uma centena de oráculos rolou em direção a Miguel. Suas vestes de prata e longas barbas brancas fluíam atrás deles. Os raios de sol cintilavam dentro de suas bolas gigantes de cristal, forçando Kara a proteger seus olhos. Eles chegaram até o arcanjo e formaram duas fileiras de cada lado. Os oráculos esperavam pacientemente em cima de suas bolas de cristal.

Miguel observou os oráculos por um momento, antes de se virar e se dirigir aos guardiões.

— Guardiões. Ouçam-me agora. Se toda a raça humana for aniquilada, não haverá nenhuma alma mais para protegemos, e teremos razão de existir. Temos de salvar os mortais para garantir a nossa própria sobrevivência. Se nós não pudermos livrar o mundo mortal dos exércitos de Asmodeus, deixaremos de existir.

Kara viu o terror se espalhando nos rostos dos guardiões. Era uma falsidade, uma meia-verdade dizer que os anjos eram imortais. Kara tinha visto a morte deles com seus próprios olhos — ela sabia que os anjos podiam morrer.

Por um longo instante, o vasto deserto ficou em silêncio.

Miguel finalmente falou.

— Todos os guardiões serão combinados em grupos de cinquenta e destinados a determinadas cidades ou regiões ao redor do mundo. A Divisão Contrademônios permanecerá intacta e será responsável por rastrear Asmodeus e prendê-lo. Nossos batedores identificaram várias localizações possíveis. Traremos o senhor dos demônios à justiça. E ele será executado!

Kara vacilou quando um rugido ensurdecedor irrompeu à sua volta. Imagens de Jenny e Peter percorreram sua mente. Ela sentia falta de seus amigos. Ela sentiu remorso por não ser mais parte da DCD. Aquele havia sido um posto emocionante. Eles precisavam dela – seus poderes poderiam ajudá-los. A DCD não fazia ideia de quão forte Asmodeus realmente era.

Miguel estudou a multidão por um momento. Mesmo à distância, Kara podia ver a inconfundível tensão no rosto dele.

— Não mentirei a vocês dizendo que esta batalha será fácil. Muitos de vocês irão perecer. Mas ouçam-me agora. Não deixem que isso os detenha. Nós, primeiro, somos soldados primeiro, depois anjos. Vamos responder ao chamado de nossa Legião e lutar. Lutaremos até o fim! Devemos proteger os mortais, custe o que custar. Está na hora, guardiões. Que o Horizonte os proteja! Oráculos...

Kara observou quando os oráculos rolaram suas bolas gigantes de cristal de volta às dunas vermelhas, em direção às piscinas. Suas longas barbas brancas pendiam atrás deles. O deserto estrondeava à medida que as tropas de guardiões os seguiam. A areia vibrava debaixo dos pés de Kara.

Em pouco tempo, a multidão se dispersou à sua volta, e Kara avistou um grupo de guardiões da DCD caminhando em direção ao elevador.

— Kara!

Jenny subiu a colina saltitante. Seu cabelo roxo brilhava ao sol. Os olhos dela estavam cheios de emoção. Ela segurava um pequeno estojo de couro preto, a qual entregou a Kara.

— Aqui está. Você foi reintegrada à DCD.

Kara estendeu a mão e pegou o estojo. Assim que a abriu, reconheceu o cartão-chave dourado protegida no interior. Sem ela, não era possível chegar ao nível 5, o segredo mais bem guardado no Horizonte: o Departamento de Defesa.

Kara pegou o cartão dourado e virou-o em sua mão.

— Nunca pensei que me deixariam voltar... depois de tudo o que aconteceu. — Ela lutou para controlar suas emoções.

Os olhos de Jenny brilhavam.

— Bem, eles a estão deixando votar. Cassiel pessoalmente pediu por você, ele disse que a equipe não estava completa sem você, Kara. Ele a quer de volta, garota.

— Sério?

— Sim. — Jenny puxou as pontas do seu cabelo roxo e as girou em seus dedos. — Está uma loucura lá dentro. Toda a unidade está

ficando doida.

— Não é só a sua unidade que está ficando doida — disse David. Ele observava as hordas de guardiões intensamente. — Nunca vi a Legião tão agitada. Eu posso ver o medo nos olhos deles. Eles têm medo do que está lá fora. Eles têm medo de morrer... uma verdadeira morte.

Kara podia ver o medo se espalhando nos rostos de alguns.

— Eles devem ter medo. Eles não estão apenas salvando vidas mortais de mais um acidente. Eles têm que lutar contra os demônios. — Ela mordeu o lábio inferior e falou baixinho. — As novas gerações vão estraçalhá-los.

O belo rosto de David ganhou um olhar feio de preocupação. Seus lábios estavam rígidos. Kara queria confortá-lo.

— Bem, a situação definitivamente está ruim. — os olhos de Jenny estavam cheios de preocupação. Ela suspirou. — Precisamos ir.

Kara se esforçou para conter a vontade de agarrar a mão de David. Ela não queria que ele lutasse sem ela. A ideia de perder David era inimaginável. Ela não se achava capaz de prosseguir se algo acontecesse a ele.

Ele parecia estar pensando na mesma coisa.

— Não gosto disso —disse ele finalmente.

— Do quê?

Ele virou-se para Kara.

— Da ideia de você voltar para a DCD. A unidade foi violada. Você se lembra do que aconteceu com aqueles idiotas. Você não pode confiar em ninguém.

Kara deu a David um sorriso tranquilizador.

— Eu sei e tenho certeza de que Cassiel também está ciente disso. Ele não vai deixar nada acontecer comigo. Não se preocupe. Eu vou ficar bem. É com você que eu estou preocupada.

Os olhos azuis de David brilharam. Seus lábios se curvaram em um sorriso, e ele apertou as mãos em seu peito:

— Eu sabia que você me amava, nossa!

Kara deu um soco no braço dele.

— Aja com seriedade pelo menos uma vez! Isto não é uma piada. Você está sempre se metendo em problemas, David. Apenas... tome cuidado, ok? — Ela não podia acreditar no modo como leve não se levava a sério. Isso a deixava furiosa.

David levantou os braços em sinal de protesto.

— Ok... tudo bem. Não se preocupe, eu posso tomar conta de mim. — Ele puxou uma lâmina da alma de dentro de sua jaqueta. Com sua mão segurando o punho da espada, ele levantou a lâmina no ar e a examinou atentamente. A lâmina brilhava ao sol. — Estava

esperando por uma oportunidade de praticar meus movimentos com algumas dessas novas raças. Estou lhe dizendo... eles sairão correndo pelo outro lado quando me virem chegando.

Kara revirou os olhos.

— David. Prometa-me que não fará nada estúpido. Prometa-me.

David sorriu.

— Eu? Fazer algo estúpido? Claro que não, querida — eu sou o anjo mais responsável w cumpridor da lei de todo o Horizonte.

Mesmo com todo o teatro, Kara conhecia David o suficiente para saber que ele estava escondendo seus verdadeiros sentimentos. Ele estava apavorado, assim como ela. Quanto mais fazia brincadeiras, mais ansioso ele realmente estava. E isso só deixava Kara mais nervosa.

— Vejo vocês mais tarde. — E com isso, David trotou ladeira abaixo e juntou-se à massa de guardiões, indo para as piscinas.

Lamentosamente, Kara viu David desaparecer sob uma onda de anjos. Ela cerrou os punhos quando se lembrou do demônio mestiço que havia sugado a fonte de vida de seu novato Tom com tanta facilidade. Ela sabia que muitos anjos morreriam hoje, provavelmente milhares. Estes rostos voltariam? Quantos anjos tinham as habilidades necessárias para lutar contra demônios superiores?

Kara vacilou à medida que se lembrava dos sons de crianças apavoradas gritando e dos urros de fome dos demônios. Ela era a culpada. Ela era responsável.

— Vamos, Kara. — Jenny puxou a camisa dela, chamando-a. À medida que ela corria ladeira abaixo, sopros de poeira vermelha voaram atrás dela como uma capa.

Relutantemente, Kara seguiu Jenny até os elevadores. Ela só podia esperar que a DCD tivesse a resposta contra Asmodeus e seus demônios, mas algo na maneira de Miguel mais cedo lhe dizia que não era bem isso.

Capítulo 7

Companheiros de Equipe

Kara enfiou seu estojo da DCD no bolso da frente e seguiu a Jenny por um labirinto de cubículos e cadeiras. Em toda a parte, a Divisão Contrademônios estava viva com sons. Kara se lembrou da divisão sendo um ambiente bastante agitado, mas aquilo ali estava mais para anarquia. Papéis caíram dos níveis acima e cobriram o chão, como se fossem um tapete branco. Anjos gritavam uns aos outros de um lado a outro na câmara. Eles se atropelavam. Alguns corriam pela sala, saltando por cima de cadeiras e mesas como cervos. Seus olhos estavam cheios de pânico. Eles não eram os rostos confiantes que Kara havia visto antes.

Gritos rompiam a cacofonia do nível cinco, e Kara não pode deixar de olhar para os telões holográficos que haviam sido montados no centro da câmara e ao longo das paredes. Cada tela mostrava imagens de homens, mulheres e crianças aterrorizados. Eles gritavam com todo o pulmão à medida que demônios de quatro patas, com corpos vermelhos infestados de feridas limosas, rasgavam facilmente a carne dos mortais com suas garras afiadas e pretas. Sangue jorrava nas paredes dos aposentos mostrados nas telas.

Kara ouviu outro grito. Vinha da tela holográfica bem na frente dela. Uma jovem garota com cabelo castanho escuro e grandes olhos castanhos escondia-se contra uma parede. Sangue escorria em seu rosto petrificado, devido a um grande corte na lateral em sua cabeça. Um arrepio percorreu Kara. A garota parecia uma versão

mais jovem de si mesma. Algo escuro passou rapidamente pela tela. Kara queria avisar a garota, mas estava paralisada. Um momento depois, um demônio das sombras se materializou, agarrou a menina pelo pescoço e arrancou o coração dela. Kara se forçou a desviar o olhar.

Ela tentou se concentrar na tarefa em mãos, mas os gritos dominavam seus pensamentos. Havia morte em cada uma das telas; uma lembrança de seu fracasso. Um lembrete do que ela havia feito.

— Você vem? — Jenny apareceu ao lado dela, tirando Kara de seu transe. Jenny olhou para as telas e depois para Kara — não podemos fazer nada por eles agora. Eu sei que é difícil não olhar... ou não sentir nada, mas temos que manter o foco — Ela pressionou o ombro de Kara suavemente com a mão suavemente. — Venha. Temos de ir.

Kara baixou os olhos.

— Isso é minha culpa, Jenny — sussurrou ela, mantendo os olhos baixos. — Tudo isso. Todos estão morrendo por minha causa.

Seu lábio inferior tremia.

— Você não tinha como saber o que ele pretendia fazer com você, Kara — disse Jenny suavemente. — Você não pode se culpar. Não foi sua culpa.

Um choro veio de um dos monitores. Kara vacilou. Ela não ousou olhar para a tela.

— Sem mim, isso nunca teria acontecido. Os portais foram abertos. . . com os espelhos e eu... com os meus poderes. Sou parcialmente responsável. Eu fiz parte disso.

— Kara, olhe para mim. Você não pode se culpar pelo plano de um louco. Você é uma pessoa boa. Você nunca desejaria isso a ninguém. Você não é uma assassina. Você é um anjo da guarda. — os olhos verdes de Jenny penetravam em Kara. — Vamos consertar isso. Eu prometo.

Kara só balançou a cabeça.

— Venha. Vamos. — Jenny agarrou a mão de Kara e a puxou.

Sem entusiasmo, Kara seguiu Jenny por entre uma confusão de mesas e cadeiras até o centro da câmara redonda. O arcanjo Cassiel sentava-se em uma mesa grande, cercada por algumas dezenas de guardiões em uniforme preto. Seu cabelo castanho claro estava tão despenteado quanto Kara lembrava. Ele usava calça preta e uma camiseta preta apertada sobre o peito musculoso. Ele fixou seus olhos castanho nela. Aquilo a deixou desconfortável. Ela reconheceu o rosto petrificado de Peter. Ele deu-lhe um sorriso e empurrou os óculos no nariz com o dedo trêmulo. Ela desviou o olhar e hesitou.

Al e Devon estavam sentados à mesa.

Um riso silencioso se manifestava nos lábios do Devon. Seus olhos escuros deram calafrios a Kara. Os dois rapazes tinham cabelos da cor dos corvos, mas Devon tinha uma tonalidade azulada, que o destacava. O nariz de falcão era o centro das suas feições, o

qual lembrava Kara de uma ave de rapina. Ela se esforçou para manter a calma e não deixar que eles vissem sua aflição. Os olhos dela voltaram-se para Al. Sua pele pálida parecia doente sob a luz. Seus olhos negros eram meio escondidos sob as sobrancelhas maciças. Ela se lembrou do feixe de luz dourada que havia soprado incontrolavelmente de suas mãos e o acertara no peito. Embora tivesse ido para a prisão por causa da sua falta de controle, ela ainda não confiava nele. Ela tinha visto a lâmina da morte na mão dele. Não havia engano nisso. Ele tinha a intenção de usá-la contra David, e ela não deixaria isso acontecer.

O rosto de Al não mostrava nenhuma emoção. Era como uma máscara feita de argila, sem vida e fixada nele. Ela sabia que as coisas ficariam feias. Como? Ela não sabia dizer. Mas era impossível suprimir a sensação desagradável que jorrava dentro de si.

Cassiel puxou sua cadeira e se levantou.

— Ah! Até que enfim, Kara! De volta entre nós, onde é o seu lugar. — Com o rosto radiante, ele foi em direção a Kara. Abriu os braços e a abraçou — Bem-vinda. Bem-vinda, Kara.

Kara fez uma careta, pois sua cabeça havia sido empurrada na axila dele. O homem gigante finalmente a soltou e fez um sinal para que ela e Jenny se sentassem à mesa grande.

Com seus braços entrelaçados atrás das costas, Cassiel deu uma volta ao redor da mesa e parou atrás da cadeira de Kara.

— A DCD recebeu a incumbência de procurar o senhor dos demônios. Temos de localizar o seu centro de comando, pois sabemos que ele está lá. Nós devemos identificar a sua localização. Nós devemos procurá-lo.

Procurá-lo, repetiu Kara em sua mente. Ela sabia que não ia ser fácil. O senhor dos demônios não era nenhum demônio comum e, com certeza, não era tolo. Ele é o rei do submundo, o príncipe das trevas. Kara não sabia se eles conseguiriam. Como se mata um arcanjo, especialmente aquele que não quer ser encontrado?

Kara sentiu uma pressão quando Cassiel colocou as mãos no encosto de sua cadeira. A cadeira moveu-se alguns centímetros.

— Um único guardião não pode derrotar o senhor dos demônios — disse Cassiel — Então, não quero que ninguém tente nada estúpido. Ele é muito poderoso e poderia esmagá-los como um amendoim. Prestem atenção! Se uma equipe descobrir o paradeiro do senhor dos demônios, ela irá informar à DCD imediatamente. Ninguém deve tentar enfrentar o senhor dos demônios sozinhos. Estamos entendidos? Ninguém deve se aproximar dele!

Com um pouco que sua cadeira balançou, Kara foi lançada para frente.

— Suas ordens são para procurar o centro de comando e reportá-lo, com uma confirmação de sua localização. Assim que a identidade for confirmada, farei as ligações necessárias e darei novas instruções. É imperativo que tenhamos sucesso. Não podemos cometer erros.

Kara sentiu a pressão contra sua cadeira novamente, como se Cassiel colasse seu peso todo em cima dela. Ela ergueu os olhos, todos a olhavam. Imediatamente, ela desviou o olhar para a mesa.

— Outra vez. Não quero que ninguém tente dar uma de herói. Entenderam? Bom. Agora cada equipe receberá um endereço específico. Sabemos de cinco locais prováveis. Vocês devem sondar os locais e tentar obter uma identificação positiva do senhor dos demônios, descubram se ele está lá. Lembrem-se do que eu disse, ninguém deve atacar. Vocês devem esperar as minhas instruções. As equipes são as seguintes.

O ódio jorrava dentro de Kara. Ela estava encolhida na mesa, ouvindo distraída enquanto Cassiel chamava os nomes das primeiras equipes. Ela não sabia se poderia simplesmente sentar e esperar pelos reforços caso visse Asmodeus. Depois de tudo o que ele havia feito, ela queria fazê-lo pagar. Ela queria machucá-lo como ele a machucou. Era hora da vingança.

Uma comoção a tirou de seu devaneio. Ela pensou ter ouvido seu nome ser chamado. Ergueu o olhar. Todo mundo estava olhando para ela. O que ela havia perdido? Ela olhou de Peter para Jenny, os olhos deles estavam cheios de angústia. Jenny balançou a cabeça ligeiramente para Kara.

Kara gesticulou um "o quê?", mas os olhos de Jenny estavam fixamente voltados para Kara.

— Então, você tiver, guardiões, — Kara ouvi Cassiel dizer acima da cabeça. — Vamos lá!

Todos os agentes de campo se levantaram ao mesmo tempo e se uniram às suas equipes. Os sons de suas botas pesadas correndo estourou pelo local. Kara aproveitou a oportunidade para se aproximar de Jenny e Peter.

— O que houve? O que está acontecendo? Eu estava distraída... o que eu perdi?

Peter e Jenny trocaram um olhar preocupado. Jenny deu um passo em direção à Kara e sussurrou para ela:

— Você fará equipe com Al e Devon.

— O quê? — Kara estava indignada. Ela olhou para eles. Al e o Devon estavam recostados em suas cadeiras, olhando para ela. Um sorriso malvado se espalhava pelos rostos deles. Ela percebeu que eles adoraram vê-la se aborrecer. Ela se virou rapidamente. Como Cassiel podia colocá-la com esses traidores? Eles haviam tentado matar David. Ela os odiava. E tinha certeza de que eles a odiavam também. Ela sabia que eles iriam tentar machucá-la novamente.

— Como Cassiel pode fazer isso comigo? O que há de errado com ele?

Jenny fechou os olhos por um momento.

— É isso aí, Kara. Eu não entendi. E veja isto: Cassiel também fará parte da sua equipe! Ele vai em uma missão de campo com vocês. Se quer saber, eu acho isso muito estranho.

Peter colocou a cabeça entre as duas garotas:

— Talvez ele queira ficar de olho neles. Ver se eles vão tentar alguma coisa com você por perto. Ele é um grandalhão... tenho certeza de que pode lidar com esses dois idiotas. Talvez ele esteja buscando algo para incriminá-los, para provar que eles são traidores.

Kara se lembrou de quão animado Cassiel havia ficado com a ideia de ela usar seus poderes. Quando a luta começou entre Devon, Al e David, Cassiel a incitara se concentrar em sua raiva, para deixar a energia elemental fluir. Ela visualizou o estúpido sorriso na cara dele.

— Acho que ele quer me ver usando meus poderes de novo... é como se ele fosse me treinar no campo de batalha ou algo assim.

— Você acha? — perguntou Jenny.

— Não sei. É possível. Ele estava muito ansioso para me ver operar meus poderes antes. Talvez ele ainda espere que eu seja capaz de fazer grandes coisas. — Kara não sabia em que acreditar. Talvez ela devesse ter ficado com o David. Parecia o menor dos dois males. Mas algo não se encaixava. — Vocês já foram em uma missão com Cassiel?

Jenny olhou por sobre o ombro, certificando-se de que ninguém estivesse escutando.

— Desde que entrei para a DCD, Cassiel nunca foi em nenhuma missão de campo... nunca. E agora ele vai com aqueles dois! E você! Algo não me cheira bem.

Kara sabia que Jenny estava certa. Algo estava errado. Ela virou a cabeça e observou quando Cassiel deu um tapinha alegremente nas costas de Al, como se eles fossem velhos amigos relembrando os velhos tempos. Kara se sentiu enojada.

O arcanjo levantou um grande braço no ar.

— Kara! Vamos! — Ele acenou para ela animadamente, com o rosto radiante.

Kara trocou um olhar nervoso com Peter e Jenny antes de ir em direção à sua nova equipe. Cassiel estava feliz e ansioso demais para o gosto dela. Enquanto o resto do mundo angelical estava angustiado, Cassiel parecia estar em êxtase. Como ele poderia estar feliz quando o mundo mortal estava desmoronando.

Após reabastecer suas armas, Kara seguiu seus novos companheiros de equipe até os tanques vega. Ela manteve uma distância segura deles, não querendo chegar muito perto. Cada fibra do seu ser gritava que algo não estava certo. Seus três novos companheiros de equipe caminhavam à frente dela. Cassiel olhou para trás, com um sorriso inocente pintado no rosto. Ele fez Kara encolher-se.

Eles foram em direção a uma plataforma elevada, na qual os tanques vega os aguardavam. Os quatro compartimentos de água brilhavam como esmeraldas gigantes à medida que a luz do teto batia nos tanques.

Kara observou em silêncio enquanto as outras equipes entravam nos tanques, uma por uma. Seus corpos se desintegravam, virando partículas cintilantes de areia, e depois desapareciam como se nunca tivessem existido. Ela viu Jenny e Peter acenando em despedida. Logo, Kara e sua equipe eram os únicos que restavam.

— Você está pronta, Kara? — Cassiel subiu na plataforma de metal e se posicionou entre dois tanques. Al e Devon tomaram seus lugares atrás dele.

Kara cerrou os punhos. Contra seu melhor julgamento, ela pisou na plataforma. Ela sentiu que estava sendo observada e olhou para a direita. Um sorriso malvado se materializava no rosto de Al. Seus olhos escuros a ameaçavam. Ela gostaria de poder vomitar.

— Vamos a um hospício abandonado na pequena cidade de Hudson, em Nova York. Os patrulheiros acreditam que um dos centros de comando esteja lá. Mantenham-se por perto. — Cassiel sorriu amplamente novamente, e Kara pensou que ele parecia animado demais para uma missão tão séria.

— Vejo você do outro lado em poucos segundos, Kara. — E, com isso, Cassiel entrou no tanque. O corpo dele explodiu em partículas brilhantes e, em seguida, desapareceu. Al e Devon seguiram seu exemplo.

Kara franziu a testa. Por que Cassiel estava tão feliz? E por que ele decidiu acompanhá-los nessa missão? Ela sabia que só havia uma maneira de descobrir.

Ela pisou na parede de águas verdes.

Capítulo 8

Hospício de São João, Nova York

Kara caminhou ao longo de uma estrada de terra. Suas botas trituravam o cascalho à medida que ela caminhava por uma trilha sinuosa até o topo de uma colina. Ela se sentia incrível em seu traje M, apesar do fato de estar em uma missão com seus dois arqui-inimigos, Al e Devon. Seu traje M a fazia sentir-se de certo modo invencível, como uma super-heroína.

A chuva molhava o topo da cabeça de Kara. Um vento suave trazia o cheiro de terra e folhas molhadas. Era início da primavera. Montes de neve ainda cobriam o chão em alguns lugares, recusando-se a derreter. Esquilos, ao contrário do grupo que passava por suas terras, emitiam sons altos e saltavam nos ramos de uma árvore. O céu de noite era uma mistura de marrons e pretos, não exatamente bonita. Os trajes da série M-5 davam a tudo uma tonalidade verde feia e deprimente, aumentando a tensão da sua sombria missão.

Kara havia lido sobre esse hospício online. Ele era o mais assombroso em todo o estado. Ela se perguntava se fantasmas realmente existiam. Ela havia aprendido em primeira mão que os anjos e os demônios existiam. Por que não fantasmas também? Ela se estremeceu e imaginou o céu com uma quente cor alaranjada

Gritos distantes ecoavam da cidade abaixo. Kara parou abruptamente e se virou. A pequena cidade estava coberta com um manto de escuridão. As luzes da rua não estavam acesas. Não havia

luzes nas casas. Não havia nenhuma eletricidade em lugar algum. Várias formas moviam-se na escuridão. Algumas passavam rapidamente de porta em porta, enquanto outras deslizavam lentamente ao longo das ruas, como espectros negros. Um choro perfurou o ar da noite. Kara estremeceu. Ela reconheceu a voz de uma menina gritando por socorro. Demônios. Kara, percebeu, com horror, que eles estavam atacando a cidade. Ela sentiu o coração apertar. O grito vinha de perto. Ela poderia ajudar. Involuntariamente, ela deu um passo à frente.

Algo forte pegou o braço dela.

— Indo a algum lugar?

Kara se deparou com o olhar de Al. Ele era selvagem. Com o queixo cerrado, ele se inclinou em direção a ela.

Ela livrou seu braço.

— Não me toque — bravejou com firmeza. Cruzou os braços. Ela não ia deixar Al intimidá-la, mesmo ele tendo quase o dobro do seu tamanho.

— O que está acontecendo aqui? — Cassiel abriu caminho entre os dois. Seu corpo gigante os separava facilmente. Ele estudou os rostos deles e repetiu sua pergunta, irritado. — Eu disse... o que está acontecendo?

Como Al não ia dizer nada, Kara apontou para a cidade.

— Aquela cidade está com problemas. Os demônios estão atacando os mortais. Eles são indefesos contra esses demônios. Precisamos ajudá-los.

Cassiel olhou para a cidade em silêncio. Seus olhos cor de avelã brilhava sob a luz da noite. O rosto era inexpressivo.

— Não há nada que possamos fazer por eles agora. Nós não podemos nos desviar da nossa missão.

Kara estava indignada.

— Mas não podemos deixá-los! Todos vão morrer se não nos os ajudarmos! Há crianças lá embaixo. Crianças inocentes!

Devon e Al trocaram um olhar divertido. A raiva de Kara ardia. Crianças inocentes estavam morrendo e esses dois estavam rindo, como se fosse uma boa piada. Era óbvio de qual lado eles estavam. Por que Cassiel também via não isso?

— Eu entendo seus sentimentos... mas essa não é a nossa missão — disse Cassiel, depois de um momento.

— Mas somos anjos da guarda! Podemos salvá-los! Fizemos um juramento. Temos de ajudá-los! — Kara lançou os braços no ar em fúria.

— Às vezes, por um bem maior, algumas vidas inocentes são perdidas, a fim de salvarmos milhões. Não podemos salvar a todos, Kara. Mas temos de encontrar o senhor dos demônios. Esse é o nosso dever. Ele é a causa de todo este sofrimento. Nós devemos

pôr fim nisso. E para fazer exatamente isso... devemos encontrá-lo primeiro, antes que ele possa continuar a machucar os mortais.

Kara deu de ombros. Parte do que Cassiel dizia fazia sentido. Mas ela tinha certeza de que poderiam salvar algumas vidas e ainda voltar para procurar Asmodeus. Tudo aquilo não lhe cheirava bem.

Cassiel balançou a cabeça.

— Vamos lá. Já perdemos muito tempo. — Ele se afastou propositadamente. Devon e Al o seguiram, mas não antes de ambos darem a Kara um olhar ameaçador.

Kara foi deixada sozinha. Ela olhou para a cidadezinha. Esta estava quieta outra vez. Kara se esforçou para ouvir de novo o som dos gritos da garota. Mas eles não vieram. A cidade estava silenciosa sob o céu noturno. Nada se movia, nem mesmo uma sombra. Era uma cidade fantasma agora que os demônios haviam matado a todos. Era isso que aconteceria com todo o mundo se eles falhassem?

Enquanto remoíam aquilo tudo, Kara se obrigava a seguir os outros. Um gigantesco edifício de tijolos vermelhos surgiu no topo da colina. Ele era alto e muito velho, como um castelo abandonado de outra terra. Fileiras de janelas decoravam a frente e os lados do edifício. Um forte nevoeiro cobria as gramas altas do chão como um grosso cobertor. Não havia nenhuma bifurcação no caminho. A estrada de terra os levava diretamente para o prédio abandonado, como um convite.

Mantendo distância, Kara seguiu Cassiel e os outros até o topo, parando em frente à estrutura maciça. Eles estavam diante de duas portas majestosas de madeira. Grafite e uma tinta vermelha rachada cobriam as portas e a parede frontal. Um grande cadeado mantinha as portas fechadas com segurança. Devon puxou uma faca e cortou o metal facilmente, como se fosse manteiga. Ele empurrou as portas. Um som alto estridente cotou o ar da noite à medida que as dobradiças se abriam. Kara conseguiu perceber a forma de uma entrada escura e um corredor antigo que se abria para outras passagens perdidas na sombra. Um cheiro de mofo misturado com podridão permeava o ar ao redor deles. Os cabelos na nuca de Kara se arrepiaram. Havia uma sensação sinistra ali — aquela era a fortaleza perfeita por um anjo caído.

Devon virou-se e sorriu para Kara. Ele deu um passo para o lado e fez um gesto com o braço.

— Primeiro as damas.

Kara mudou de posição desconfortavelmente. Aquilo a fazia sentir-se mal. Ela se virou para Cassiel.

— Nós não podemos entrar aqui. Este lugar é enorme. É perfeito para os demônios se esconderem. Nem ao menos sabemos onde procurar. Sugiro que façamos um plano para que não nos percamos aqui.

Devon parecia convencido.

— Estou notando um pouco de medo aqui. — disse ele — Como pode a grande Kara Nightingale ter medo de um pouco de aventura? Você não está com medo do escuro, está? Certamente, com o seu tipo de poder, o senhor dos demônios não a assusta, não é?

Cassiel riu suavemente, e Kara se lembrou de outro arcanjo com pele branca e cabelo preto. Não. Cassiel era bom. Ele não a colocaria em perigo. Mas por que eles estavam com Al e Devon? Será que ele sabia das intenções traidoras deles? Ela tentou se convencer de que ele era mesmo ingênuo. Não funcionou.

— Tudo bem, então. Eu vou primeiro. — Cassiel tirou uma pedra da lua do bolso da jaqueta. Imediatamente, a pedra emanou uma luminosidade branca, emitindo luz suficiente para Kara ver aonde eles estavam indo.

Kara empunhou uma lâmina da alma e seguiu o arcanjo para dentro das grandes portas. Ela sentiu a presença de Al e Devon atrás de si. Ela forçou-se para manter a calma.

O cheiro de podridão era cem vezes pior no interior. Mofo negro cobria as paredes, e pedaços de cerâmica e metal descascavam-se das paredes e do teto, deixando grandes lacunas das quais escorria um líquido laranja. Era como se todo o edifício tivesse sido infectado por alguma doença comedora de carne. Pedaços das paredes jaziam desintegradas em pilhas brancas de gesso, como se uma bomba tivesse explodido ali dentro. Uma água alaranjada escorria dos encanamentos há muito negligenciados e se estendiam por toda a parede. Kara pensou em tocar no líquido, mas mudou de ideia. O cheiro de podridão parecia estar vindo dessa água laranja.

A entrada dava para uma sala com várias portas e corredores que se ramificavam. Pedacos de vidro quebrado e móveis esmagados estavam espalhados pelo chão. Uma televisão antiga, numa caixa de madeira, estava no outro canto da sala, em cima de jornais amontoados. Kara queria saber como aquele lugar era há cinquenta anos, com enfermeiras em uniformes brancos ajudando os pacientes em seus quartos. Ela imaginou salões com lindas paredes brancas e azulejos azuis. Aquela lugar devia ter sido muito bonito. Mas há muito tempo.

Cassiel pegou a planta da construção e a estudou por um momento.

— Bem, guardiões. Vamos nos dividir em duas equipes. A primeira vai por essa porta, até o porão. — Ele apontou para uma área da planta. Kara se aproximou para ver melhor. — A outra equipe vai pela porta à esquerda, subindo dois andares. Achamos que ele está escondido no laboratório ou no necrotério.

— Há um necrotério neste edifício? — Kara imaginou cadáveres cinzentos e podres deitados em camas de metal.

— Não mais — disse Cassiel. — Nós nos encontraremos aqui em uma hora. Al, você vai comigo. Devon e Kara, vão para o porão. Fiquem fora vista. — Ele dobrou a planta e a guardou em sua jaqueta.

Que sorte a dela, Kara pensou. Ela preferiria muito mais ir com Cassiel. Ela observou o arcanjo e Al passando pela porta. A pedra da lua iluminou as paredes por um momento e depois se apagou.

Kara e Devon foram deixados na escuridão. Depois de um tempo, os olhos de Kara se ajustaram à escuridão em sua volta. Com o traje M, ela podia ver melhor no escuro do que quando estava viva. Ela supôs que era assim que os gatos deviam enxergar na escuridão.

— Vamos, aberração. — Devon foi em direção à porta que levava ao porão.

— Espere! — gritou Kara. — Não deveríamos usar uma pedra da lua para termos alguma luz? Está muito escuro aqui.

— Não, idiota. Não queremos que ninguém saiba que estamos aqui. A menos que você esteja querendo morrer. Nesse caso, não hesite em acender uma.

Kara fez um gesto obsceno atrás das costas. Ela realmente odiava esse cara.

Felizmente, seus olhos estavam se ajustando melhor à escuridão. Ela seguiu Devon até a porta e por um lance de escadas. Ele ficou cercada de mais escuridão. Era praticamente impossível enxergar no porão. Ela só conseguia ver alguns metros à sua frente. O som de suas botas raspando no chão ecoava em torno deles. Kara não sabia dizer onde as paredes do porão terminavam e onde começavam. Ela podia ver as costas de Devon subindo e descendo em um movimento rítmico.

Um assobio soou de algum lugar atrás dela.

Kara olhou ao redor. Algo se moveu nas sombras. Ela piscou e aquilo desapareceu. Só havia escuridão ali. Será que seus olhos

estavam lhe pregando uma peça? Por vezes, quando era mortal, ela acordava de um pesadelo e via uma forma negra pairando diante dos seus olhos. Aquilo a assustava, mas assim que piscava os olhos, a forma desaparecia, e ela ficava olhando para o quarto vazio. Talvez fosse a mesma coisa agora. Ela se perguntava se Devon tinha visto também. Ela se virou de volta. Devon havia desaparecido.

— Ei, Devon? Devon!

Nenhuma resposta veio. Sua voz ecoou na escuridão. Mas que diabos!

Kara inclinou-se contra a parede. Isto devia fazer parte do plano de Devon. Ele iria tentar matá-la ali. Essa era sua chance. Ele provavelmente estava se escondendo nas sombras, pronto para atacar a qualquer momento. Ela amaldiçoou-se por ser tão estúpida e pensou em voltar.

Algo se moveu nas sombras.

Kara se achatada contra a parede. Ela puxou outra lâmina da alma de dentro de sua jaqueta. Ela brandia duas lâminas à sua frente. Ela forçou os olhos para ver se enxergava mais. Ela não se deixaria massacrar por Devon. Ela faria isso com ele primeiro. Delicadamente, ela desencostou da parede e deu um passo. Ela se concentrou nos sons ao seu redor, havia um gotejamento de água de um encanamento velho e o barulho de metal contra metal, mas nada de Devon.

Olhos vermelhos brilharam na escuridão.

Uma figura negra se ergueu. Kara só conseguia distinguir a sombra de uma forma humana, pequena e infantil, que estava curvada como um inseto. Braços anormalmente longos se arrastavam no chão. Garras raspavam os assoalhos de concreto. Uma gargalhada baixa soou na escuridão. O mau cheiro de carne podre queimava suas narinas. Aquilo era um demônio.

Os olhos vermelhos se abaixaram, e Kara conseguiu ver o demônio agachado, prestes a saltar. Ela inclinou-se e estabilizou os braços. Ela estava pronta.

As mãos dele pegaram Kara pela garganta, e ela voou pelo ar, batendo contra a parede atrás de si e escorregando até o chão. As mãos envolveram sua garganta. O pescoço do demônio estava pegando fogo. Ela levantou suas lâminas e cortou os braços que a enforcavam. O demônio a soltou.

Ela ouviu um som à direita. Ignorando a dor em seu pescoço, estendeu os braços para a frente e começou a cortar a escuridão feito uma louca. Kara se esforçou para enxergar alguma coisa, mas não adiantou. Havia apenas escuridão. Outro riso chamou a atenção dela. Sua raiva aumentou. Ele a estava provocando. O demônio sabia que ela não conseguia vê-lo.

Kara se voltou para o seu interior e chamou seu poder elemental. Ela tentou desesperadamente dominar a energia que sabia que estava escondida dentro de sua alma. E mais uma vez, ela foi deixada na mão.

Frustrada, Kara se amaldiçoado por não ter levado uma pedra da lua. Suas únicas armas eram duas lâminas da alma, e elas não a ajudavam exatamente a enxergar. Olhos vermelhos dançaram diante dela. O demônio estava se divertindo.

Ela sentiu uma dor nas costas. Cambaleou para a frente. Suas costas estavam pegando fogo. Kara gritou devido à dor excruciante. Ela virou-se e atacou o inimigo invisível com suas lâminas. Mas ela só cortava o ar.

Ela se estabilizou. Outro par de olhos vermelhos a observavam. Eles se penduravam no teto, como uma mosca. Agora eram dois deles. O que eram esses demônios? Ela sentiu o pânico aumentar. Como ela revidaria se não os podia ver? Ela era uma presa fácil para eles.

Um som veio do corredor. Kara contou mais de uma dúzia de pares de olhos vermelhos vindo em sua direção. Ela não tinha tempo para pensar. Eles eram muitos. Demais. O pior é que estava tudo muito escuro. Eles estariam em cima dela em segundos. O som de seus estômagos famintos ecoava na escuridão. Os cabelos de seus braços se arrepiaram.

Kara se virou e enfiou uma lâmina no olho de um demônio. Um líquido jorrou no rosto dela. A criatura soltou um estridente grito. Com a outra lâmina, ela cortou onde imaginava ser a cabeça dele. Ela ouviu um barulho suave, como um pedaço de carne caindo no chão. O demônio caiu aos pés dela. Ela saltou por cima dele e correu pelo corredor. Ela não parou para ver se os outros a perseguiam.

Uma misteriosa raspagem das garras contra o piso de concreto soava atrás dela.

Kara correu cegamente pelo corredor. Ela estendeu sua mão esquerda e passou os dedos contra a parede. De repente, a parede terminou. Kara correu para a abertura que havia à esquerda. Algo prendeu seu pé, e ela bateu em algum tipo de parede de vidro. Pedacos quebrados de vidro explodiram ao redor dela quando ela caiu no chão. Suas pernas estavam bambas. Ela sentiu alguma coisa em sua cabeça. Estendeu a mão e tirou um pedaço grande de vidro de sua testa. Uma luz saía do corte. Kara conseguiu enxergar um pouco. Pedacos de vidro perfuravam seu traje M-5. Ela estava coberta deles. Ela podia ouvir os demônios se aproximando. Ela não tinha tempo para remover o vidro.

Com a luz vindo de sua testa, Kara seguiu por outro corredor. Ela ainda podia ouvir as garras dos demônios raspando no chão atrás dela. O cheiro pútrido de decomposição chegou novamente ao seu nariz, e ela sentiu um hálito quente perto da nuca.

Eles estavam próximos.

Kara correu por mais corredores. Ela passou por muitas portas e salas cheias de lixo. Ela não podia ver nada além disso. Ela tinha apenas luz suficiente para ver pouco mais de um metro à sua frente. A série M-5 era forte, e Kara estava feliz por não ter se cansado — ainda. Mas uma coisa era certa: Kara sabia que estava perdida.

Ela estava nas profundezas daquele lugar. Com os demônios em seu rastro, suas perspectivas não pareciam muito boas. Mas ela

estava determinada a encontrar um caminho até a saída. Ela sabia que estava no porão. Agora, precisava encontrar escadas para subir ao outro andar. Pelo menos, no primeiro andar ela poderia saltar de uma janela se preciso. Ela duvidava se poderia encontrar água suficiente para fazer um mergulho de volta ao Horizonte. Se houvesse alguma sorte do seu lado, ela talvez pudesse encontrar algum banheiro. Tinha de haver banheiros nesse prédio enorme, talvez nos pisos superiores. Sim. Kara aumentou sua velocidade e correu pelo corredor. Era um beco sem saída.

O corredor parou abruptamente. Uma grande parede branca estava à sua frente. Ela se lembrou de ter passado por uma porta alguns instantes atrás. Não havia escapatória. Ela teria de lutar para poder passar por aquele corredor cheio de demônios.

Kara empunhou suas lâminas da alma. Ela não seria desistir sem uma luta.

Pelo menos trinta demônios correram em direção a ela. Eles eram muitos. Alguns vinham desde o teto e das paredes. Os olhos vermelhos brilhavam com fome. Ela cortou o máximo de criaturas que conseguiu e abriu caminho até a porta. A luz vinda de sua testa os iluminava claramente. Eles definitivamente eram humanoides, com cabeças anormalmente grandes e uma pele preta viscosa que cobria seus corpos esqueléticos. Eles pareciam tortos e quebrados, com braços anormalmente longos que se arrastavam no chão à medida que andavam. Seu mau cheiro queimava o nariz de Kara como ácido.

Eles deram um bote.

Kara levantou suas lâminas e atacou o máximo que pôde. As garras deles rasgavam sua cabeça e seus membros. Eles estavam tentando acabar com ela. Kara cortou as mãos de um que tentou pegar seu rosto. Ela sentiu uma dor do lado. Gritou. Três demônios a mordiam. Eles comiam a pele de seu traje — eles a estavam devorando. Ela tentou recorrer ao seu poder, mas estava assustada demais. Havia demônios demais. Seu pânico aumentava à medida que ela cortava aqueles membros pretos. Seu rosto estava molhado com o sangue deles.

Mais demônios vieram.

Ela sentiu o peso de uma dúzia ou mais de corpos em cima dela. As mãos deles cobriam seus olhos. Eles puxaram sua cabeça. Ela sentiu suas lâminas da alma serem arrancadas de suas mãos. O pânico tomou conta dela. Ela não escaparia dali.

Então, eles se foram.

Kara tropeçou e caiu. Ela olhou ao redor. Os demônios haviam desaparecido. Ela examinou a si mesma. Grandes cortes e marcas de mordida cobriam todo o seu corpo. Uma luz vazava por suas muitas feridas. Seu traje M-5 era mais forte do que as roupas normais, mas ela percebeu que ele havia sido danificado. Os demônios haviam exagerado. Ela esforçou-se para se levantar e cambaleou em direção aonde havia visto uma porta.

Mãos a agarraram.

— Peguei!

Kara se debateu. Devon e Al a seguraram firmemente pelos braços.

— O que estão fazendo? — Kara se debatia contra eles, mas não conseguia se soltar. Ela foi levantada no ar e levada ao fundo do corredor. Ela chutava e gritava o máximo que podia. Ela riu quando bateu na cara de Al com sua bota. Uma luz amarela suave escapava de um cômodo à frente. Eles arrastaram Kara por uma entrada e a soltaram no local.

A sala estava cheia de equipamentos médicos velhos enferrujados. Frascos de líquidos azuis e amarelos cobriam toda a parede de trás. Uma única banheira de metal ficava no outro extremo da sala. Grandes suportes de metal estavam soldados no chão de concreto e na parede atrás da banheira. Outro par de apoios de metal se penduravam no teto, por uma corrente que ficava acima da banheira. Manchas escuras cobriram o chão aos pés da banheira. Um calafrio passou por Kara. Era ali que eles faziam experimentos com os pacientes.

Cassiel estava de pé com os braços cruzados sobre o peito.

— Ah, aí está ela. — Ele ergueu suas sobrancelhas. — E ferida, como esperava que estivesse.

Então, sua ficha caiu. Aquilo já era esperado. Como uma idiota, ela havia sido atraída a outra armadilha.

— Você queria que isso acontecesse comigo — bravejou Kara — Não é?

Cassiel sorriu e apontou para a banheira.

— Coloquem-na ali.

Devon e Al jogaram Kara na banheira. Eles a prenderam facilmente e apertaram as cordas. Kara fez força para se soltar.

— É claro. Eu queria que você fraca. Caso contrário, não seríamos capazes de matá-la.

Kara se mexeu até conseguir se sentar.

— Como... como pode fazer isso — ela sussurrou. — Você é um arcanjo! Você jurou proteger os mortais! Deixe-me ir! — Kara chutou com os pés do máximo que podia.

Cassiel sacudiu a cabeça.

— Ah... Kara... Kara... Kara. Quão pouco sabe. Os mortais são o problema, cara menina. Você não vê? Há milhares de anos fomos forçados a salvar suas almas miseráveis. E para quê? O que ganhamos com isso? Nada. Por que deveríamos desperdiçar nossa energia com seres inferiores? Por que nos preocupamos com a vida mundana?

Ele caminhou até as prateleiras e agarrou uma garrafa grande de plástico branco. Ele leu o rótulo e sacudiu o conteúdo.

— Você sabe o que é isso? — Ele virou-se e caminhou em direção à banheira.

— Quem se importa? — Kara ardia de raiva. A traição do Cassiel lhe doía profundamente. — Eu confiei em você. Como você pode? Tire-me daqui, Cassiel.

— Acho que não. — Ele desenroscou a tampa da garrafa. — Sabe, minha cara, eu preciso tirá-lo do caminho. Você é a única com poder suficiente para fazer estragos ao nosso senhor. E não podemos ter isso agora, não é?

Kara puxou as coras.

— Você está seguindo as palavras de um louco. Não vê? Isso é uma loucura. Os mortais não são inimigos. Asmodeus que é!

Cassiel segurou a garrafa para que Kara a visse.

— Isso aqui é um ácido. Apenas uma gota queima e atravessa o metal. — Ele sorriu perversamente para Kara. — Seu traje mortal vai derreter em poucos segundos. Você vai ficar sem proteção, será uma presa fácil. Vai ser rápido, prometo.

Kara viu Cassiel começar a virar a garrafa.

— Pare! — Ela gritou desesperadamente. — A Legião vai descobrir. Você vai pagar por isso. — Ela tentava ganhar tempo.

O arcanjo riu suavemente.

— Como? Não sobrar nada de você para contar história. — Cassiel tombou a garrafa.

Um som veio da soleira da porta.

De repente, um grande cão atirou-se na garganta de Cassiel.

O arcanjo cambaleou para o lado e derrubou a garrafa. Ela caiu no assoalho, bem perto da banheira. Cassiel caiu no chão à medida que o grande cão rasgava seu pescoço. Cassiel ficou perdido em meio a uma camada de pelos castanho-escuros. Mas o arcanjo era forte. Ele arrancou o cão de seu corpo e quebrou o pescoço dele. Ele jogou o cão morto para o lado. Um sorriso materializou-se em seu rosto, satisfeito com seu sucesso.

Outros quatro cães apareceram.

Todos eles saltaram em Cassiel. Os caninos rasgavam a carne do arcanjo com força incrível. O peso das grandes feras o deitou no chão. Seus olhos estavam arregalados de terror. O medo subiu no peito de Kara à medida que ela via os cães rasgarem o arcanjo. Com uma grande tração, Cassiel perdeu um braço. Kara ficou de queixo caído.

Devon e Al saltaram em seu auxílio. Eles cortaram os cães com suas lâminas negras. Mas os cães não pararam. Vieram mais quatro. Eles nem sequer olhavam para Kara. Seus olhos estavam fixos nos outros. Kara contou uma dúzia de cães gigantes. Eles saltaram no ar e abriram suas mandíbulas enormes. O som da pele sendo rasgada a paralisara. Ela nunca havia testemunhado uma cena tão aterrorizante. Ela amava cães e nunca imaginou quão assustadores eles poderiam ser quando muito bravos.

Cassiel conseguiu empurrar os cães que o atacavam. Ele fugiu pela porta sem olhar para trás, abandonando seus companheiros.

Os corpos de Devon e Al desapareciam à medida que os cães os devoravam. Depois, eles voltaram seus olhos para Kara, e ela sentiu um calafrio a percorrer. Eles iriam devorá-la agora?

Um cão de pelos brancos e castanhos marchou para dentro. Ele era baixinho e corpulento, com uma grande cabeça quadrada. Sua língua pendia para o lado de fora da boca. Ele caminhou até a banheira e a cheirou.

— Você está horrível. Se você realmente precisava de um banho, eu poderia tê-la ajudado — disse o cão.

Kara respirou aliviada.

— Thor! Estou tão feliz por ver você.

O buldogue caminhou pelo chão e foi inspecionar a garrafa.

— Pelo visto, cheguei bem na hora. Isso é ácido. Você estava prestes a se tornar ensopado de anjo.

— Como me encontrou?

Thor sentou-se sobre suas pernas traseiras e começou a coçar a orelha.

— Jenny me mandou uma mensagem. Ela disse que você estava em uma missão podre com alguns traidores. Eu segui seu cheiro.

— Obrigada.

— De nada. Você tem sorte de cheirar tão mal, senão poderíamos tê-la perdido.

Kara não respondeu. Ela sabia que cheirava muito bem. Ela olhou os grandes cães. Alguns sentavam-se confortavelmente no chão enquanto outros ficava olhando para ela. Eles pareciam estar ouvindo.

— Eles são batedores, como você?

Thor pulou e estufou o peito com orgulho.

— Sim. Conheça meus companheiros, pastores alemães.

Kara examinou os cães. Eles eram todos muito grandes com um pelo marrom e preto muito macio. Os traços do rosto eram característicos dessa raça.

— Obrigada por salvarem minha vida.

— De nada — responderam os cães em coro. Eles pareciam sorrir para ela. O maior do grupo se aproximou e deixou cair uma chave no colo dela.

— Encontrei isso com um dos traidores. Eu quase o engoli — disse o cachorrão.

Kara agradeceu-lhe e começou a se desamarrar.

Thor levantou a cabeça e cheirou o ar.

— Demônios. Precisamos sair.

Kara pulou da banheira. Ela viu os pastores alemães saírem juntos. Ela esfregou os pulsos.

— Não precisa pedir duas vezes. Esse lugar me dá arrepios. Vamos.

Capítulo 9

Castello di Zena

A notícia da traição de Cassiel se espalhou por toda a Legião. Assim que Kara retornou ao Horizonte e relatou o que havia acontecido, a Legião ficou em alvoroço. Já era ruim o suficiente que Zadkiel fosse um traidor, mas agora que Cassiel havia sido desmascarado como um traidor e assassino, o ânimo da Legião estava enfraquecido.

Kara se sentou na mesa redonda da DCD. Ela batia os dedos na mesa e olhava o rosto sombrio de seus companheiros. Se Jenny pudesse chorar, Kara tinha certeza de que ela estaria em lágrimas. Jenny admirava o arcanjo. Ela sempre o observava e elogiava. Kara poderia ver que sua traição a havia afetado profundamente. Talvez Jenny se importasse mais com ele do que deixava transparecer.

Peter não estava muito melhor. Ele sentou-se de costas para o grupo. Se recusou a falar com todos e murmurava continuamente a mesma coisa. Os óculos repousavam sobre a mesa. Com a cabeça baixa, ele olhava para seus pés, perdidos em seus pensamentos. Kara sentia uma imensa tristeza por ele. Ela queria confortá-lo com um abraço, mas algo em seu interior lhe dizia para deixá-lo só. Jenny e Peter conheciam Cassiel há mais tempo do que ela. Eles precisavam de tempo para lamentar sem uma novata interferindo.

Mas os agentes de campo não foram os únicos afetados. Toda a divisão parecia sem rumo. Era como estar num funeral. A depressão ameaçava se espalhar como um vírus. Missões não estavam sendo

atribuídas, e Kara sentiu que a Divisão tinha perdido sua faísca. A DCD estava sem liderança.

Uma súbita comoção chamou a atenção de Kara. Ela se levantou, animada. Gabriel caminhou em direção a ela. Cassiel era grande, mas Kara havia se esquecido do quão mais maciço Gabriel era do que os outros arcanjos. Sua camisa preta apertada envolvia seu peito e revelava seu corpo poderoso. Seus músculos mexiam quando ele andava. Ele estava vestido como um agente de campo, com calças e grandes botas pretas, assim como eles.

Kara pode ver cabelos loiros por trás do ombro de Gabriel. Ela inclinou-se para a esquerda, a fim de ter uma melhor visão de quem estava acompanhando o arcanjo. Uma vibração a percorreu. Ela pressionou seus lábios firmemente, com medo de deixar escapar um sorriso gigante. David caminhou na direção deles, com um sorriso no rosto. Kara podia ver que ele estava feliz, só pela maneira como ele andava e pela cabeça erguida. Ele queria se juntar à DCD há anos, e Kara sempre se sentiu um pouco desconfortável por ter sido chamada e ele não. Gabriel dissera que a reputação de difícil e desobediente de David havia afetado suas chances. Mas, agora, ali estava ele, orgulhoso como um pavão.

Ninguém se movia, e o som das botas de Gabriel e de David ecoavam pela câmara. Gabriel virou-se e olhou a sala em silêncio. Ele se deparou com olhar de Kara e a acenou com a cabeça. Kara fez o mesmo. Ela viu David estabelecer-se ao lado dele. Ele notou a olhar e lhe deu uma piscadela. Kara mordeu o lábio para não rir, mas um ruído suave escapou dela, de qualquer maneira. Envergonhada,

ela olhou ao redor, mas ninguém parecia estar prestando atenção nela. A atenção das divisões estava sobre Gabriel.

O arcanjo observou a sala mais uma vez antes de falar.

— Guardiões. A Legião não pode permitir que vocês pareçam cachorrinhos tristes. Sim, Cassiel se foi. Sim, foi um choque para todos nós... mas isso não significa que esta divisão está terminada. A DCD ainda está em operação. A ameaça ainda está lá fora. Os mortais estão morrendo, guardiões! Parem com isso agora! — a voz de Gabriel se ergueu em toda a câmara como um trovão. A pele de Kara se arrepiou.

— Suas ordens são para encontrar o centro de comando do senhor dos demônios. Sabemos que ele está lá, seus demônios precisam de contato direto com ele. Precisamos localizar esse posto. Assim que vocês confirmarem a localização, quero que a relatem imediatamente. Não deixem que eles os vejam. Teremos o elemento surpresa do nosso lado quando estivermos prontos para atacar.

Kara se perguntou como eles esperavam atacar Asmodeus. Uma coisa era encontrar a localização dele, mas como eles estavam planejando derrotá-lo? Ele tinha dois arcanjos caídos em seu time e uma enorme multidão de demônios. Ele já tinha provado ser mais poderoso do que o esperado. A Legião deve ter uma ideia de como acabar com ele.

O rosto de Gabriel estava firme e determinado.

— Vocês são os melhores que existem. Então, provem isso. Agora não é hora de sentir pena de si mesmos. Vocês são guerreiros! Estamos em guerra e a Legião precisa de vocês.

Kara olhou ao redor. O discurso de Gabriel parecia ter funcionado. Kara viu uma nova vida brilhar nos olhos de Jenny e Peter e sentiu a emoção fluir em seu próprio corpo também.

— Todo mundo de volta aos seus deveres — anunciou Gabriel. — Quero possíveis locais em cinco minutos. Agentes de campo, prepare-se para saltar em breve.

Imediatamente, a sala ficou vivo com o som dos anjos correndo para as mesas e chamando os nomes das cidades para fazer a varredura. Telas holográficas brotaram de volta à vida, com mapas coloridos das cidades ao redor do globo. Kara sorriu. Era bom rever a DCD em funcionamento.

— O que é que há, lindinha? — Kara virou-se para um David sorridente. — Você quer ver meu... distintivo? — David abriu sua identificação da DCD, como se fosse um detetive mostrando o distintivo. Seus olhos brilhavam com satisfação. Ele nunca parecera tão feliz.

Kara riu suavemente.

— Vejo que finalmente conseguiu entrar para as grandes ligas. Eu pensei que você fosse uma causa perdida. A Legião mudou de ideia?

— Em última análise, foi decisão do Conselho Supremo. Gabriel os persuadiu, disse que eles precisavam de um anjo com habilidades espetaculares de luta, para não mencionar a minha beleza.

O olhar de Kara se voltou para os lábios carnudos de David. Ela sentiu um puxão repentino em direção a eles. Kara encontrou o olhar de David. Uma vibração de excitação subia em seu peito. Kara achou que não conseguia desviar o olhar daqueles olhos azuis brilhantes. Inconscientes dos olhos curiosos em torno deles, ela se inclinou para ele.

— Ah-hã.

Kara pulou para trás e se virou. Gabriel examinou-a com as sobrancelhas levantadas.

— É um prazer vê-la inteira, Kara.

— Ah... Oi, Gabriel — ela conseguiu responder e olhou para David.

— Eu estava felicitando David por sua promoção à DCD. Sei o quanto significa para ele. — Ela podia ver um enorme sorriso surgir no rosto de David.

— Sim, tenho certeza. Estamos todos muito satisfeitos com o seu avanço. Embora não tão felizes como o próprio David. — Os olhos negros de Gabriel penetravam Kara, e ela pensou que podia ver a sombra de um sorriso aparece em seus lábios.

— Senhor! — Um alto guardião com pele bronzeada e cabelo cacheado curto correu para o arcanjo. — Encontramos duas possíveis localizações do senhor dos demônios, senhor. — Ele entregou os papéis para Gabriel, que estudou atentamente cada um deles.

Depois de um momento, o arcanjo ergueu os olhos e dirigiu-se aos agentes de campo.

— Escutem. Quero duas equipes prontas para estes locais: uma igreja abandonada na Espanha e um antigo castelo na Itália. Peter e Jenny — Gabriel esticou o braço, entregando-lhes um pedaço de papel. — Vocês serão a primeira equipe. De pé!

Peter saltou de sua cadeira e pegou o papel. Ele o estudou por um momento e o deu a Jenny, para que o lesse. Kara viu os olhos dela se iluminarem depois da leitura.

— E a segunda equipe — Kara ouviu Gabriel dizer — Kara... e David.

Kara ouviu sussurros entre a divisão. Ela não entendeu o que estavam dizendo, mas sabia que tinha algo a ver com ela formar equipe com David.

— Vocês devem explorar as áreas primeiro para depois relatarem o que virem. Sem gracinhas... Não quero nenhuma tolice. Quero que ambas as equipes voltem em segurança. Entendeu? Você tem uma hora. — os olhos de Gabriel estavam focados em David.

David pegou o último pedaço de papel da mão de Gabriel. Kara se inclinou para ler:

Castello di Zena,

Itália

A Itália parecia interessante para ela. Um velho castelo antigo seria perfeito. Kara imaginava Asmodeus, sentado em seu trono, com seus demônios curvando-se diante dele, com almas mortais como oferendas. Era o local perfeito. Digno de um rei dos demônios.

— Você está pronta? — David ergueu a cabeça e observou o rosto dela. — Estou doído para experimentar os tanques.

Kara deixou o entusiasmado David arrastá-la até a plataforma onde os tanques vega os aguardavam. Ela não podia deixar de rir quando ele a puxava. Peter e Jenny já estavam posicionados atrás da parede de águas verdes.

— Boa sorte! E tenha cuidado. — Kara acenou para os dois. Peter acenou de volta e Jenny fez dois "joinhas" com os polegares. Eles desapareceram num flash de luz branca.

David pulou na plataforma.

— Vamos lá. Estou pronto. — Ele esfregou as mãos como se estivesse prestes a acender um fogo com suas próprias mãos. — Mal posso esperar para experimentar uma dessas belezinhas.

Kara riu novamente e subiu no estrado.

Os olhos escuros de Gabriel observavam David.

— David, pare de agir como um idiota. Você acha que poderia tentar agir como um guardião pela primeira vez e não como um tolo? — ele pediu — Eu precisei convencer um monte de gente para deixarem você entrar na DCD. Não me faça me arrepender da minha decisão. Não me faça parecer um tolo, David McGowan.

— Não, paizinho. Eu prometo. — David sorriu para ele. Ele saltou no ar como uma menina com uma corda de pular. Kara viu o humor de Gabriel se fechar.

— David, não seja idiota — sussurrou Kara. — Tente ser sério, só desta vez. Você pode fazer isso?

David pisou num tanque.

— Não se preocupe, Gabriel. Nós voltaremos inteiros. Posso prometer isso. Nós estaremos de volta antes que você tenha a chance de sentir nossa falta, pois eu sei que você vai sentir.

— Pode apostar — resmungou Gabriel. — Boa sorte para vocês. Fiquem a salvo.

— Você está pronta? — David virou o rosto para Kara e arqueou suas sobrancelhas.

Kara endireitou as costas e foi para a esquerda de David, atrás de um tanque.

Ela assentiu com a cabeça.

— Pronto.

Juntos, eles entraram nas águas verdes e desapareceram.

Momentos depois, Kara passeava entre gramas altas que balançava para frente e para trás em uma brisa suave. David veio correndo até dela, deu um salto mortal e caiu de volta no gramado. Kara balançou a cabeça e suspirou. Ele era descaradamente louco. David corria e ria feito um louco, testando a força do traje M-5 e curtindo cada pedacinho dele.

Era meio-dia, e os raios de sol passavam pelas aberturas das altas árvores perenes. Botões verdes cobriam as árvores; um toque de primavera pairava no ar. Colinas verdes se entendiam por vários quilômetros, em todas as direções, a se perder de vista. Kara ouviu o som de água correndo. Um pequeno riacho passava pelas colinas e desaparecia na floresta espessa. Árvores altas, com folhas amarelas, cintilavam ao sol como ouro.

Mas então Kara notou que a floresta estava estranhamente silenciosa, como se animais não morassem lá. Kara não podia ouvir nenhuma ave ou esquilo ocupando-se com a chegada da primavera. Aquilo não era normal — algo estava errado.

Escondendo-se em um vale da floresta fechada, havia um castelo italiano abandonado, o Castello di Zena. Era um mistério caindo aos pedaços, resplandecente em meio à grama alta. Videiras perenes subiam pelas muralhas do castelo, até a fortaleza, como se o cobrisse de folhas para mantê-lo quente. Grandes pedregulhos se

desintegravam na base do castelo. A parede leste inteira havia ruído com o tempo e agora era o lar de ervas daninhas e arbustos.

Kara sentiu uma pressão em seu braço. Ela se virou. David fez sinal de silêncio e a puxou para baixo, atrás de um arbusto grande. Ele apontou para o castelo. Kara observou a região. Sombras escuras se moviam entre as gramas altas. Demônios. Havia demônios por toda parte. Quatro demônios gigantes que se assemelhava a ursos, mas com chifres amarelos salientes em suas cabeças. Eles guardavam a entrada principal. Kara contou mais uma dúzia deles caminhando pelo terreno. Mas essa não era pior parte. Centenas de demônios menores rastejavam e serpenteavam em volta do castelo, com seus corpos inchados e infeccionados; deixando manchas escuras no jardim. Kara sentiu-se enjoada de repente. Ela notou que os demônios nunca se aventuravam para muito longe, sempre mantendo-se naquele terreno. O castelo estava fortemente protegido. Kara sabia que estavam protegendo algo precioso ali dentro.

Ela sentiu os cabelos dos braços se arrepiarem. Asmodeus estava lá, ela tinha certeza disso. Kara imaginou o senhor dos demônios em um trono de ouro, com uma coroa de joias, cortando a garganta de todos os anjos que não se curvassem e beijassem seus pés. Kara estava ansiosa para ter um momento entre pai e filha. Ela tinha muito no que pensar

— Aposto que ele está lá — sussurrou David, tirando Kara de seu transe. — Esse castelo não seria tão fortemente guardado se ele não estivesse lá.

— Deve reportar isso?

David balançou a cabeça negativamente.

— Não. Precisamos ter cem por cento de certeza de que ele está lá. Pelo que sabemos, isso pode ser uma isca. Temos que tentar entrar de alguma forma.

Kara inspecionou novamente a entrada principal. Não era impossível combater quatro demônios maciços, mas centenas de demônios menores juntos dificultaria a tarefa. Se as coisas começassem a se complicar com os demônios maiores, ela sabia que os outros viriam sobre eles em um piscar de olhos. Isso não seria um bom plano — eles teriam que entrar de alguma forma. Tinha de haver outra entrada. Todos sabem que os castelos têm entradas secretas e quilômetros de túneis subterrâneos. Eles só precisavam encontrar um.

— Vamos dar a volta e ver se há caminho menos vigiado.

— Boa idéia.

David liderou o caminho. Eles deslizaram por uma longa descida e desembocaram em um charco com meio metro de profundidade. Depois de Kara expressar seu desgosto, eles seguiram furtivamente até o lado leste do castelo. Ainda passando pelo pântano, eles chegaram à parede leste, que estava caída, e David fez sinal para Kara parar. Ele estendeu o braço. Kara viu que ele apontava para uma pequena abertura atrás de um muro de pedra. Kara pensou que aquilo provavelmente já havia sido uma porta. Os demônios não

parecem interessados nessa área; eles estavam todos vigiando a frente do castelo.

Kara olhou para David e assentiu com a cabeça.

David puxou uma lâmina da alma. Ela brilhava ao sol e cegou Kara por um momento. Ele cerrou o queixo. Kara podia ver, pelas rugas profundas na testa dele, que David estava pensando muito. Um verdadeiro guerreiro, ela pensou enquanto o via sair do pântano. Ela estava feliz de formar equipe com ele novamente. Kara brandiu sua lâmina e o seguiu de perto.

Encolhidos, eles caminharam pelo terreno o mais silenciosamente possível. Kara lançou um olhar nervoso para trás quando passavam pela grama alta.

Nenhum demônio veio.

Eles estavam quase lá. Kara conseguia distinguir os muros embranquecidos pelos excrementos das aves à medida que se aproximavam do castelo. Uma porta podre jazia a poucos metros da entrada. As dobradiças ainda estavam lá, lembrando que ali já teve uma porta. David saltou sobre os escombros e as enormes pedras. Kara o seguia de perto.

Um súbito grito estridente irrompeu à volta deles.

Kara ficou paralisada. O uivo tinha vindo por trás dela. David se virou. Kara viu o medo nos olhos dele momentaneamente. Ela agarrou seu punhal e se virou. Uma horda de monstros grotescos com várias cabeças, com estômago vazio e garras afiadas como

navalha olhava para ela. Bestas do submundo se reuniram em torno deles. Alguns tinham formas humanoides, enquanto outros eram semelhantes a animais. Eles tocavam na terra molhada com seus membros torcidos. Demônios menores, com pele negra oleosa, saíam da floresta. Kara se arrepiou. Ela reconheceu os demônios que enfrentara no hospício. A fome brilhava em seus olhos vermelhos. Milhares de formas curvadas se reuniram no local. Era um exército de demônios.

Kara recuou com o cheiro de carne podre. Os olhos dela ardiam.

Outro grito cortou o ar, mais alto do que todos os outros sons. Kara ouviu uma resposta estranha ao chamado. Um barulho no chão. Mais demônios vieram. Os demônios haviam chamado reforços.

David puxou uma pedra de fogo da sua jaqueta.

— Kara, fique por perto!

Ele jogou o globo vermelho na massa de demônios que se aproximava. Houve o estouro de um trovão, uma luz vermelha explodiu. Pedacos de carne de demônios voaram pelo ar, sujando o chão com um líquido negro. Outros demônios rugiram furiosamente. Um grande demônio com uma cabeça de lagarto e corpo de boi iniciou o ataque. Seus olhos amarelos estavam fixados em Kara. Gotas de lodo negro escorriam de seu corpo à medida que ele investia.

Kara se preparou. A fera a atacou. Ela sentiu seu bafo azedo quando ele se aproximou. No instante seguinte, ela pisou para o lado, torceu seu corpo, levantou o braço e o cortou com sua lâmina. O corpo da fera caiu no chão. Sua cabeça rolou.

— Nada mau. — David riu nervosamente. — Você acha que poderia fazer isso de novo... algumas centenas de vezes? Cuidado!

Kara sentiu uma dor em sua perna. Ela gritou. Um pequeno demônio havia se agarrado à perna dela e estava mastigando a pele do seu traje M. Ela o atingiu na cabeça e livrou-se dele facilmente. Ela pensou correr até a entrada, mas mais demônios bloquearam seu caminho. Kara sentiu o pânico aumentar. Eles estavam cercados.

— Algum plano genial, David? Agora seria a hora. — Ela colocou a mão dentro do bolso do casaco, do qual puxou uma pedra de fogo. — Só tenho uma.

O rosto de David estava sério.

— Talvez não seja uma boa ideia. Precisamos de reforços. Você acha que poderíamos correr até as colinas?

— Vamos, então.

Kara jogou a pedra de fogo nos demônios. Houve uma explosão e, de repente, um caminho se abriu. Kara sabia que ia durar apenas alguns segundos. Ela tentou aproveitar ao máximo o seu traje M-5 para conseguir subir até as colinas, cortando nos demônios que se colocavam no caminho. Ela ficou surpresa com sua própria força.

Nada parecia impedi-la. Ela só olhou para trás depois de estar fora do alcance dos demônios.

— David, acho que estamos...

David não estava lá. O pânico a sufocava.

— David!

Kara correu de volta para baixo da colina. Desesperadamente, ela procurou por David. Mas ele não estava em nenhuma parte. A raiva substituiu o medo dela. Ela voou sobre troncos e rochas à medida que corria até os demônios no pé da colina. Eles estavam empilhados uns sobre os outros, cortando algo debaixo deles. Houve uma luta e, em seguida, um grito. Ela reconheceu o grito.

David estava debaixo deles.

Capítulo 10

As Verdades Ocultas

Horrorizada, Kara gritou de raiva. Sua visão ficou turva com seu furor. Ela sentiu o poder elemental dentro dela despertar. Ela o havia chamado enquanto corria. Ele respondera. Ela só pensava em salvar David. Nada mais importava, nem Asmodeus, nem a Legião. Só David.

Kara desceu o resto da colina. Ela podia ver os braços de David, tremendo sob a multidão de demônios que o seguravam. Eles rasgaram sua pele. Kara o ouviu gritar novamente. Ela vacilou diante da dor dele. Eles o estavam machucando.

Ela estava quase lá.

Sua visão mudou, e tudo foi coberto com tons de ouro. Kara se alegrou com seu poder. Ela iria destruir todos eles. Ela jogou sua lâmina da alma no chão. Não precisaria mais dela. Com um salto final, Kara pousou na frente da massa de criaturas. A ira dela queimava em sua essência. Ela só via a morte. Sua fúria escapou com um rugido ensurdecedor:

— Não!

Uma luz dourada chamejou e dançou em suas palmas como eletricidade. Os demônios pararam e olharam para ela.

— Fiquem longe dele! — Kara estendeu as mãos, pronta para lançar seu ataque.

Então, retrocedeu.

Os demônios se afastaram de David repentinamente, como se tivessem medo. Seus olhos estavam fixados em Kara. Eles esperavam.

— Que diabos...? — David sentou-se e esfregou sua cabeça.

Kara notou algumas marcas de mordidas, mas, fora isso, ele parecia estar bem.

— O que você fez? Como você os fez ouvi-la?

Kara estava perplexa. Ela ainda não havia lançado seu poder. Ela só havia dito para irem embora, e eles a obedeceram. Kara se esforçou para manter as emoções intactas, com seu poder elemental pronto e esperando dentro dela, caso precisasse. Mas os demônios tinham feito o que ela pedira. Eles haviam se afastado de David e estavam ali, esperando. Era como se ela, de alguma forma, fosse mestre deles. Ela decidiu testar a teoria um pouco mais.

— Demônios, eu quero que todos se sentem e fiquem parados até que eu diga o contrário. — Kara observou ansiosamente enquanto toda a massa de demônios se sentava. Havia funcionado de novo. Eles a obedeciam.

— Bem, estou feliz de estar vestindo um M-5. — David inspecionou o corpo com um sorriso estúpido. — Caso contrário, acho que teria virado geleia de anjo.

Ele se levantou com esforço e caminhou até o demônio mais próximo.

— Vamos testar isso ainda mais, vamos?

Havia uma pobre criatura sem olhos e com uma grande boca escancarada, cheia de dentes amarelos. Um líquido negro escorria das muitas feridas ao redor do seu corpo. David o perfurou com sua lâmina. A criatura uivou, contorceu-se e, então, caiu morto.

— Interessante. O pestinha nem ao menos revidou. Como você fez isso, Kara? É como se eles estivessem obedecendo você. Você, de alguma forma, se tornou líder deles. Quero dizer, por que agora e não antes... o que está diferente?

Kara deu de ombros. David tinha razão.

— Não sei. Eu só disse para pararem... e eles o fizeram. Simplesmente aconteceu.

Então, sua ficha caiu. Ela sabia como aquilo acontecera. Com a energia elemental ainda fluindo livremente dentro de si, ela sentia outra presença lá dentro, como um laço. Ela sentia uma conexão com essas criaturas de alguma forma e sabia que, sem dúvida, os demônios sentiam a mesma conexão com ela. Eles reconheciam seu poder elemental. Foi ela quem os soltara no mundo mortal. Ela era mestre deles.

— Acho que sei o porquê. — Kara olhou para David.

Ela virou-se, com medo do que ele pudesse pensar quando ela lhe dissesse.

— Eles estão ligados a mim de alguma forma... por causa do meu poder elemental. Foi o meu poder que lhes permitiu passar para o mundo mortal. E eu acho que eles o reconheceram quando veio à tona. Eu acho... Eu sei que eles vão fazer tudo o que eu disser.

David franziu os lábios.

— É muito interessante. Pode vir a calhar. Então, eles vão apenas sentar lá e esperar?

— Acho que sim. — Kara estudou os demônios.

Uma brisa suave trouxe consigo o cheiro de carne podre e de algo mais revoltante no que Kara não queria pensar. Centenas de pares de olhos vermelhos a observavam silenciosamente. A inteligência se refletida em alguns deles, enquanto outros tinham apenas uma expressão sombria. Alguns eram apenas corpos sem consciência, torcidos e deformados.

Eles esperavam pacientemente as instruções dela. Ela pensou na única coisa que fazia sentido.

— Demônios. Ordeno que deixem o mundo mortal. Quero que voltem ao submundo e fiquem lá. Vocês nunca deverão retornar aqui e vocês nunca deverão ferir um ser humano. Agora vão.

David ficou ao lado de Kara. Ambos observavam, maravilhados, enquanto as criaturas se levantavam rapidamente e desapareciam

na floresta, um por um. Em menos de três minutos, a região estava vazia.

Bandos de pássaros multicoloridos chilreavam alegremente e esquilos tagarelavam enquanto perseguiram uns aos outros em um pinheiro. O ar cheirava a agulhas de pinheiro, e a primavera desabrochava. Não havia mais nenhum traço de demônio em lugar algum.

— Bom trabalho. — os olhos de David brilhavam. — Acha que poderia fazer isso com todos os demônios? Talvez ainda com demônios mais elevados?

Kara afastou o cabelo dos olhos.

— Acho que não posso controlar demônios superiores. Acho que isso só funcionou porque estes são os mesmos demônios que Asmodeus soltou usando o espelho... e a mim. Duvido que isso funcione com novas raças ou demônios superiores.

— Bem, que pena. Mas fico feliz tenha funcionado com esses seres asquerosos. — David deu de ombros e procurou algo dentro de sua jaqueta. Ele puxou uma lâmina. — Eu me pergunto o que o Gabriel dirá sobre tudo isso.

Kara franziu a testa. Ainda assim parecia um pouco estranho que fosse capaz de controlar os demônios. Ela não queria ser associada a Asmodeus. Se a Legião descobrisse, será que eles pensariam que ela jogava no outro time? Era isso o que Zadkiel queria dizer quando falou que ela estava mais para um demônio do que para um anjo?

Ela não tinha certeza do que sentia. Ela estava feliz por aquilo ter dado certo, mas também se perguntava se haveria algo mais no fato de ser parte elemental do que estava ciente, caso estivesse pronta para aceitar sua origem.

— David, você poderia manter isso entre nós? Até eu descobrir o que fazer. Não sei o que Gabriel ou a Legião pensaria sobre minha nova habilidade. Podemos manter isso só entre nós dois agora, por favor?

David olhou para Kara gentilmente.

— Claro, Kara. Não digo nada se você não quiser. Eles não precisam saber disso. Vou deixar essa parte fora do meu relatório, não se preocupe — ele riu suavemente. — Provavelmente ninguém acreditaria mesmo.

Aliviada, Kara olhou para a entrada escura no muro leste do castelo.

— Ainda quer dar uma olhada? — Kara olhou para seu relógio. — Ainda temos meia hora antes que tenhamos de apresentar o relatório.

— Sim... acho que devemos. — David bateu a poeira do casaco. — Não podemos sair sem saber se ele está lá ou não. Não quero desapontar o grandalhão na minha primeira missão como agente de campo da DCD. Não aguento mais implorar... isso está começando a afetar a minha reputação.

Kara o ignorou. Ela olhou para suas mãos e se perguntou se esta nova habilidade fazia parte do plano de Asmodeus. Ele ia usá-la para controlar os demônios na Terra? Será que ele também podia sentir o que ela fez a seus demônios? Caso sim, isso significava que ele poderia estar esperando por eles no interior do castelo. O poder elemental já a havia deixado, e ela não tinha mais armas. Ela afastou a grama alta com suas botas para procurar sua lâmina da alma.

David entregou-lhe sua lâmina.

— Toma, leva esta. Não temos tempo para procurar a sua. Eu tenho mais uma. — Kara pegou a lâmina e apertou-a na mão.

— Obrigada.

— Vamos entrar e procurar o senhor dos idiotas.

Kara seguiu David ao longo de uma pequena passagem de pedra, coberta por ervas daninhas e grama. Ela conduzia até uma entrada no muro leste. Grandes rochas recortadas projetavam-se no topo como presas; um aviso para aqueles que se atrevessem a entrar. Kara se estremeceu involuntariamente. Escondendo seus medos de David, ela o seguiu até lá dentro.

Eles estavam em um escuro átrio com paredes estreitas. Uma suave luz cintilava das tochas nas paredes. Alguém ou algo estivera lá com certeza e tivera tempo para acendê-las. A sujeira cobra o chão como um tapete cinzento. O ar estava quente e abafado. Kara de repente se sentiu claustrofóbica. Ela não queria ficar muito mais

tempo ali. Felizmente, David se continuou andando, e o ar ficou mais limpo.

Eles caminharam em silêncio durante dez minutos, ambos com suas armas em punho. A luz das tochas refletia em suas lâminas de alma. Eles não encontraram nenhum outro demônio. O túnel estava tão silencioso quanto um túmulo. De vez em quando, eles passavam por muros desabados. E Kara se perguntava o que dava suporte aos andares superiores. A luz enfraqueceu-se mais à frente. David diminuiu o passo e pressionou seu corpo contra a parede. Kara seguiu seu exemplo. Juntos, moveram-se lentamente em direção à luz minguante, com cuidado para não fazer qualquer barulho súbito com suas botas.

Eles entraram em uma câmara grande e redonda. Uma luz amarela penetrava através de um buraco no teto. Uma grande pilha de pedras planas jazia esmagadas no chão. Eram do telhado, Kara supôs. Ervas daninhas brotavam em meios às pedras do chão rachado, criando uma estampa de verde musgo. Árvores tinham encontrado espaço para crescer e florescer na sala. Quatro colunas de pedra erguiam-se do chão e alcançaram o céu aberto. Ninhos de aves repousavam nos galhos do topo, como coroas feitas de palha. Excrementos de pássaros revestiam os pisos e as colunas, como cal pegajosa.

Uma plataforma elevada de mármore ficava no centro da sala. Uma grande cadeira de madeira, com pernas esculpidas em forma de patas de leão, descansava em cima do estrado.

Um homem sentava-se na cadeira.

Ele tombou casualmente na cadeira, voltando seus grandes olhos negros arregalados para eles. Ele usava um terno cinza claro e gravata rosa bebê. Seu cabelo era castanho escuro e curto. Ele não se movia.

— Fique atrás de mim. — David caminhou no sentido do homem cautelosamente, equilibrando sua lâmina da alma entre os dedos. A cada novo passo, ele olhava ao redor da sala nervosamente, como se esperasse sofrer uma emboscada a qualquer momento.

Kara sentiu que algo estava errado. Algo estava errado com o homem, mas ela não conseguia descobrir o quê. Quanto mais perto ela chegava, mais forte sentia que algo estava errado. Ela olhou por cima do ombro nervosamente. E se fosse uma armadilha? O homem não se movia, nem piscava.

Moscas zumbiam em volta de seu rosto, e ela as espantou com impaciência, trombando nas costas de David. O rosto dele virou uma carranca. Kara percebeu que ele estava olhando para o homem. Ela se afastou e deu espaço.

Um homem mortal se sentava na cadeira. Sua pele era de um cinza escuro, coberta de feridas. A carne em decomposição soltava do seu rosto e das mãos, deixando expostas feridas úmidas. Dos grandes cortes escorriam pus verde. Zumbido ecoavam em torno deles. Ele estava coberto de moscas. O cheiro de carne podre queimava as narinas de Kara. Seus olhos haviam sido arrancados, Kara observou. Mas era a expressão do rosto que mais a aterrorizava. Ele estava paralisado com uma expressão de puro terror. Kara sabia o que ele havia sofrido. Tristeza jorrava dentro

dela. Ele não merecia isso. Nenhum mortal merecia morrer e ser exposto assim. Um bilhete autocolante amarelo estava preso na testa dele. Kara se aproximou e leu:

Seu amor pelos macacos o cegou da verdade

— O que isso significa? — David arrancou o papel, amassou-o e jogou-o no chão. — Isto é alguma piada? Você acha isso engraçado, seu lunático dos demônios! — Sua voz encheu toda a câmara.

Kara pegou o papel amassado e o alisou em sua coxa. Ela estudou a frase por um momento.

— Não faz sentido. Por que passarmos por tudo isso? Por que esse lugar estava guardado se ele nunca esteve aqui?

David chutou a cadeira.

— Porque ele é um bastardo doentio! Isso é um jogo para ele! Ele deve estar escondido em algum lugar, dando boas risadas.

Mas Kara não estava convencida. Nada disso fazia sentido.

— Mas por que se esconder? Ele é forte, não é? Ele acredita que ele é mais poderoso e mais esperto que qualquer um de nós. Ele não tem medo de você, de mim ou da Legião. Ele... isso não faz nenhum sentido. — Ela pensou por um momento e, então, leu o bilhete novamente em voz alta, tentando desesperadamente decifrar seu significado.

— Estou dizendo, ele está a gozando de nós! Ele não está aqui. Somos apenas eu, você e este pobre coitado. — David alisou seu cabelo com as mãos. Kara viu que ele não estava bem.

Kara olhou para o papel. Aquilo era uma charada. Ela nunca fora boa para decifrar enigmas. Seus significados ocultos sempre lhe davam dor de cabeça.

— Um rei se esconderia de um oponente mais fraco? Não. Asmodeus é inteligente, muito inteligente. Ele está nos testando, tenho certeza disso. Este bilhete é uma pista. Significa alguma coisa... eu... eu só não consigo descobrir o quê.

— Significa que somos idiotas.

Kara ignorou David e se concentrou no bilhete. Ela repetia as palavras várias vezes em sua mente até decorá-las. A verdade. Que verdade? Seu amor pelos macacos o cegou da verdade. Então, sua ficha caiu.

O rosto de Kara se empalideceu.

— David. Eu sei o que isso significa.

David se voltou para Kara e olhou para ela com os olhos arregalados.

— Então... me diga! O que é que o idiota está tentando nos dizer?

Kara amassou o bilhete na mão. Ela olhou para o chão por um momento, como se preparando-se para o que estava prestes a dizer.

— Significa que... ele nunca esteve atrás do mundo mortal. O ataque ao mundo mortal foi apenas uma distração.

Kara viu uma faísca de compreensão no rosto de David. Ela sabia que ele achava que ela estava certa.

— Pense nisto: ele odeia os mortais. Por que ele iria querer controlar um mundo cheio dos chamados "macacos"? Isso é algo que ele nunca quis. Ele planejou isso desde o começo. — o olhar de Kara se encontrou com o de David.

— Ele está atrás do Horizonte.

Capítulo 11

O 8º Plano

Os olhos de David estavam frios e determinados.

— Temos de avisá-los. — ele guardou sua lâmina dentro de sua jaqueta. — Precisamos ser rápidos, Kara. Eu vi um riacho não muito longe do castelo. Vamos.

Kara só assentiu, ainda entorpecida com a verdade que havia descoberto. Aquela era a verdade. Tão logo as palavras escaparam de seus lábios, ela sabia que eram verdadeiras. Ela se estremeceu. Seu pai estava indo atrás do Horizonte.

Eles correram pelos túneis e saíram pelo lado leste do castelo, mais rápido do que Kara teria imaginado ser possível. Os trajes M-5 provaram sua eficiência novamente. O céu estava escuro, e Kara instantaneamente soube, sem olhar para o relógio, que haviam gasto uma hora inteira ali. Gabriel avisara que eles deveriam voltar em uma hora. Jenny e Peter provavelmente já teriam voltado de sua missão e já teriam anunciado que sua localização era um chamariz. Eles deviam estar se perguntando se Kara e David haviam encontrado o esconderijo verdadeiro. Ninguém teria suspeitado de que o Horizonte fosse o verdadeiro alvo. Asmodeus havia jogado as cartas certas. A pergunta era: quando ele planejava atacar?

Eles correram o mais rápido que podiam e logo puderam ouvir o som das águas de um riacho. A maioria dos Guardiões da Legião estavam fora, no mundo dos mortais, salvando vidas. Eles haviam

deixado o Horizonte desprotegido. Ele seria um alvo fácil. Ela odiava dizer isso, mas seu pai havia elaborado um plano genial. Seria um massacre. A Legião teria de reunir todas as tropas e se preparar para o ataque. Ela tinha de avisá-los. O tempo estava passando.

A mente de Kara corria mais rápido do que suas pernas. Gabriel saberia o que fazer. Eles tinham de alcançá-lo primeiro a ele.

— Ali está o riacho! — Kara ouviu David chamar.

O fluxo corria propositalmente, como se ordenasse que eles fossem rápidos.

David agarrou a mão de Kara e a apertou.

— Pronta?

Kara apertou suavemente de volta.

— Pronta.

Juntos, eles saltaram no ar e mergulharam nas águas geladas da primavera.

Instantes depois, Kara abriu os olhos.

Uma névoa cinzenta mascarava sua visão. Ela piscou várias vezes. Ela se estremeceu e olhou em volta. Um nevoeiro cobria o chão. Uma névoa mais fina agitava-se lentamente mais acima, como nuvens se movendo. Aquilo estava por toda parte. Não havia céu, nem sol. A neblina parecia durar para sempre.

Ela olhou para baixo. Um nevoeiro envolvia suas pernas como serpentes. Seus pés atravessam a névoa e pisavam no chão de concreto cinza. Ela se lembrou de ter um sonho como este, no qual havia ficado sozinha e perdida em um vasto campo com nevoeiro. Um estranho cheiro metálico pairava no ar.

Alguma coisa parecia errada. Ela definitivamente não estava no elevador. Então, onde diabos ela estava? Quando voltava de uma missão, ela sempre se encontrava em um dos elevadores, com um primata esnobe. Mas não havia nenhum primata para saudá-la desta vez, apenas um campo com nevoeiro. Como ela havia chegado ali?

Ela se lembrou do belo rosto de David. Lembrou-se de ter pulado com ele no riacho momentos atrás. Ela não conseguia vê-lo em nenhum lugar.

— David! David, onde está você?

Não houve resposta.

Em pânico, Kara correu cegamente pelo nevoeiro, chamando o nome de David, mas apenas um eco estranho a respondia. Estranho, ela pensou. Ela parou de correr e estendeu os braços no nevoeiro, à procura de David ou de qualquer coisa sólida. Ela amaldiçoou a névoa.

Um baque veio de longe, à distância. Kara espremeu os olhos para enxergar através da névoa. Não adiantou. Era como tentar ver com um cobertor sobre o seu rosto. O peito de Kara doía. Onde ela estava? E o que havia acontecido com David?

Ela ouviu o som de uma batida. Parecia o som de passos. Eles estavam vindo em direção a ela. Ela não podia ver. Quem ou o que estava vindo em sua direção? Os passos tornaram-se mais altos. Ela se lembrou de que ainda carregava uma das lâminas da alma de David e a puxou para fora. Ela balançou a lâmina facilmente na mão. Não importa o que estava por vir, ela iria enfrentar o que fosse.

A neblina se separou.

— Kara! Graças a Deus. — a expressão de preocupação de David deu lugar a um alívio intenso. Ele correu até Kara e a envolveu com seus braços. Ele a apertou com ternura.

Embora gostasse de ser abraçada por David, ela o empurrou de volta suavemente.

— David, o que aconteceu? Que lugar é este?

David sacudiu a cabeça.

— Não tenho a mínima ideia —disse com cautela. — Nunca estive aqui antes.

— Por que não saltamos para os elevadores? — Kara olhou ao redor, esperando ver o olhar de desaprovação de um dos primatas. Mas só havia um nevoeiro espalhado por onde quer que olhassem.

— Algo deve ter acontecido na nossa transição. — o rosto de David estava tenso. — Não sei onde estamos, mas eu sei que não estamos no Horizonte. — David virou-se para Kara. — Esse é o submundo?

— Não — Kara encolheu os ombros à medida que se lembrava do reino dos demônios. O mal se escondia nas sombras, e vozes a chamavam. Ela havia tido a sensação estranha de uma malevolência a seguindo no outro mundo. Ela tremeu só de lembrar. — Confie em mim, o reino dos demônios é repugnante, realmente repugnante. Este lugar aqui... parece... vazio.

— Bem, isso não está exatamente ajudando a nossa causa. — David caminhou com o rosto tenso. — Se há uma entrada... então tem de haver uma saída. Só precisamos encontrá-la.

Kara assentiu com a cabeça.

— Você está certo. Chegamos aqui de alguma forma. Tem de haver uma maneira de sairmos deste nevoeiro miserável. — Ela se virou — Por onde começamos? Todos os lugares são iguais.

David olhou para frente.

— Vamos por aqui. — Ele apontou para a frente. — Parece que a neblina está clareando. Isso pode nos levar em algum lugar.

Kara seguiu David de perto, por medo de perdê-lo na névoa espessa.

Uma figura negra se materializou diante deles.

Kara ficou tensa e apontou sua arma. Ela viu David fazer o mesmo, de canto do olho. Eles ficaram juntos, lado a lado, e esperaram.

O nevoeiro começou a se dissipar, e a silhueta de um homem alto veio em direção a eles. Ele usava um robe preto longo que se agitava atrás dele enquanto ele se aproximava. Um cinto de corda estava amarrado na cintura, da qual pendia um conjunto de chaves. Ela podia ouvir o som delas batendo umas contra as outras enquanto ele se aproximava, mas não escutava os passos. Era como se ele flutuasse. Um capuz mantinha o rosto dele ocultado, e, quando, ficou diante deles, Kara viu que ele não tinha rosto. Kara se estremeceu involuntariamente — ele parecia demoníaco para ela.

David adiantou-se e brandiu sua lâmina, com um sorriso nos lábios.

— Eu não chegaria mais perto, monge, a menos que você queira se encontrar com o seu criador.

O ser permaneceu parado, como se os estudasse. Depois de um momento, ele falou:

— Eu sou o Guardiã — disse a criatura, e Kara se perguntou como uma voz poderia se formar sem uma boca para articular as palavras. A voz era rouca e aguda. Kara pensou que talvez o Guardiã fosse do sexo feminino. Uma mulher muito feia, ela pensou.

David ergueu a cabeça, mas não abaixou sua lâmina.

— Guardiã? Nunca ouvi falar de você. Que tipo de demônio é você, Guardiã? Guardiã das almas? Guardiã das criancinhas?

O Guardiã balançou sua cabeça.

— Eu não sou um demônio, mas uma entidade sobrenatural, como você.

— Você não é nem um pouco como nós. — David olhou para a criatura. — Onde estamos, Guardiã? E não tente nenhum dos seus truques demoníacos.

O Guardiã levantou seus braços diante deles. Mãos brancas esqueléticas apareceram por baixo das mangas. Uma pele fina e translúcida cobria os ossos.

— Vocês estão no oitavo plano. E eu sou o Guardiã daqui.

Kara inclinou-se para mais perto e agarrou o punho da jaqueta de David. Ela sussurrou em seu ouvido.

— O que é o oitavo plano? — David balançou a cabeça e deu de ombros. O medo tomava a mente de Kara. Mas não havia tempo nem lugar para o medo. Sua prioridade era reportar sua informação crucial para a Legião, antes que Asmodeus atacasse.

O rosto de David parecia cheio de incertezas.

— Nunca ouvimos falar do oitavo plano. Diga-me, Guardiã. Como chegamos aqui?

O Guardiã inclinou sua cabeça para o lado.

— Como todos os outros espíritos antes de você... seus corpos sobrenaturais passaram através do véu... e entraram no oitavo plano.

Kara não gostou dessa resposta, ela estava sem ânimo para mais enigmas. Ela pensou que poderia ter mais sorte com a criatura do que David.

— Está bem, então me diga. O que é o oitavo plano, Guardiã?
— perguntou Kara.

O Guardiã dobrou as mãos esqueléticas com calma antes.

— O oitavo plano é um reino de espíritos que perderam seu caminho. É um lugar de refúgio, de encontro. É lugar algum e todos os lugares ao mesmo tempo.

Era a vez de Kara falar. Ela balançou a cabeça.

— Espere um minuto. Então, você está dizendo que nossos espíritos se perderam? Nos perdemos no caminho de volta para o Horizonte?

— Sim. — O Guardiã curvou sua cabeça levemente, e Kara pensou que ele parecia triste por um momento. — Infelizmente, seus espíritos não poderiam alcançar o Horizonte. E, então, eles passaram através do véu, até o oitavo plano.

— Mas como isso é possível? — David perguntou. Kara podia ouvir o tom de frustração na voz dele. Ela sentiu sua própria irritação aumentar. — Os espíritos não podem se perder. Não existe essa coisa de oitavo plano. Você está mentindo. Você está tentando nos enganar, demônio! Diga-nos onde estamos... realmente estamos em algum reino demoníaco?

O Guardião ficou em silêncio por um momento antes de responder. Kara percebeu que seus dedos se contorciam, e ela se perguntava se ele estava ficando nervoso. Só os mentirosos ficam nervosos.

— Eu não estou tentando enganar vocês — continuou o Guardião. — Não sou nenhum demônio enganador... mas o Guardião do oitavo plano. Acho que as portas para o Horizonte foram fechadas.

Kara vacilou. Isso não podia estar acontecendo, não quando a sobrevivência da Legião dependia deles. Ela deu um passo à frente, em direção ao Guardião. Ela apontou para a criatura com um dedo trêmulo.

— O que você quer dizer com isso de que as portas do Horizonte foram fechadas? Como elas podem estar fechadas? Isso é impossível!

— Há um desequilíbrio dos planos. — O Guardião olhou para a névoa sem fim, e Kara se perguntava onde os olhos dele estariam naquela cara leitosa.

— Algo está acontecendo em nosso mundo espiritual neste momento. Esta anomalia de alguma forma causou uma fratura dos planos. É por isso que vossos corpos vieram aqui... ao oitavo plano.

O pânico consumia Kara, como ácido corroendo metal.

— Que anomalia? O que fraturou os planos? — uma imagem de seu pai ecoou em sua mente. Ela apertou o punho de sua lâmina.

— Só algo de grande poder poderia rasgar um buraco no véu — respondeu o Guardiã. — Não temos... certeza da sua origem... nós não sabemos de onde vem essa fonte de poder, mas sabemos que isso, com certeza, causou danos ao nosso mundo.

Kara trocou um olhar com David. Ela poderia dizer, pelo olhar que trocaram, que eles concordavam sobre a origem dessa fonte e sobre quem essa fonte. Eles já haviam desperdiçado muito tempo falando com o Guardiã sem rosto. Eles precisavam que partir e rápido.

— Vai haver ainda mais danos se você não nos envia de volta o quanto antes — pressionou Kara. — Precisamos ir, precisamos sair daqui agora. Temos de avisá-los!

O Guardiã sacudiu a cabeça tristemente.

— Me desculpem, mas não posso.

Kara ficou nervosa. Antes que David a interrompesse, ela o cortou.

— Você deve! Você não entende? Vai haver uma grande guerra. Os anjos vão ser mortos. Você tem de nos enviar de volta, agora!

— Sinto muito — repetiu o Guardiã, com a voz suave. — Quando um espírito entra no oitavo plano, ele jamais consegue sair. Ele permanece aqui... para sempre.

Capítulo 12

No palco

— Não pode ser! — Kara bateu com a cabeça em frustração e bateu os pés. — Tem de haver uma maneira, tem de haver! Não podemos ficar aqui, precisamos voltar ao Horizonte neste instante!

— Eu realmente peço desculpas. — O Guardiã baixou sua cabeça, parecendo refletir por um momento. — Você vai achar o oitavo plano bastante agradável. Esta é apenas uma pequena parte do plano. Ele pode ser... muito bonito a seu modo.

Kara agarrou o braço de David e ele se virou.

— David. Não podemos ficar aqui! Temos de avisar a Legião. — Ela lutava para controlar seu tremor e acabou apertou o braço dele mais do que queria.

David colocou as mãos na cabeça e gritou de frustração.

— Guardiã. Diga-nos como sair! Há uma entrada, então deve haver uma saída.

O Guardiã só balançou a cabeça e não respondeu. Seu rosto era inexpressivo, e Kara se perguntava se ele estava rindo deles agora, escondido atrás de sua máscara branca. Talvez fosse um demônio truculento brincando as suas emoções e deliberadamente escondendo a saída.

Demônio ou não, ela não poderia ficar ali e deixar sua alma definhar enquanto o Horizonte morria. Ela tinha de fazer algo. Ela estava desesperada.

Com o desespero, vêm as ações desesperadas. Kara empunhou sua lâmina com as mãos trêmulas. Caminhou até o Guardiã e apontou a lâmina para o rosto dele.

— Diga-nos como ir embora ou a coisa vai ficar feia. — Ela suspirou alto. — Eu não vou pedir de novo.

O Guardiã deu um passo atrás, seu corpo se retorcia de uma forma antinatural. Ele levantou seus braços esqueléticos em objeção.

— Você não pode estar falando sério. Eu sou apenas um mensageiro. Eu não faço as regras. Por favor, abaixe sua arma.

— Não me importo com quem faz as regras! — Kara se voltou para a criatura, ela sabia o que faria em seguida, mas tinha de fazer algo. — Você sabe como sair daqui? Diga-nos! Diga-nos agora ou irei cortá-lo! — Ela imitou o movimento com o braço.

O Guardiã recuou. Ele tropeçou na própria túnica e quase caiu. Mas se equilibrou a tempo e se endireitou.

— Por favor! Eu não sou uma ameaça. Por favor, não me machuque. Estou indefeso. Eu sou apenas o mensageiro.

Com sua raiva prestes a explodir, Kara agarrou o braço do Guardiã e o puxou para frente.

O braço foi se desfazendo.

Kara olhava estupidamente para um braço plástico esquelético. Parecia com o Max, o esqueleto que era mascote da turma de biologia no colégio. Kara torceu os lábios. Ela virou-se para o Guardiã, agarrou um punhado de seu manto e o chutou no estômago.

Dois pequenos homens saíram de debaixo do pano. Eles bateram no chão e rolaram até parar. Com um pouco de dificuldade, eles ficaram de pé e se afastaram de Kara, o branco de seus olhos apareciam. Eles usavam macacões simples com camisas brancas. O mais alto tinha cabelos ruivos cacheados que destacavam seu rosto pontudo. O outro era careca, com tufo de cabelo castanho claro na cabeça. Eles eram de meia idade, com a barba bem aparada. Ambos estavam com medo. Se não estivesse com tanta raiva, Kara teria rido. Em vez disso, ela rosnou como um animal.

— O que significa isso? — Ela murmurou algo e jogou o manto no chão. — É melhor vocês começarem a se explicar... senão vou cortar seus corpinhos em pedacinhos!

Um dos homenzinhos sorriu. Ele esfregou as mãos nervosamente.

— Nós... nós apenas estávamos nos divertindo um pouco, só isso. Nunca imaginamos que os anjos poderiam ser... tão violentos. — Ele forçou um novo sorriso. Sua voz era anormalmente alta para um homem da idade dele, e Kara tinha certeza de que este quem estava falando antes.

— Sim. Por favor, perdoe-nos — disse o outro homem que parecia estar prestes a chorar. — Nós ficamos entediados, sabe. Só queríamos nos divertir um pouco. É só um show.

Kara ouvi David bufar. Ela levantou suas sobrancelhas. Não estava impressionada. Aquilo não tinha graça. Ela ficou olhando para os homenzinhos, irritada por ter sido enganada.

— Que show? E sem mais gracinhas.

— Sim, senhora. — os dois homens se curvaram ao mesmo tempo. Após um momento, eles levantaram os braços no ar e gritaram. — Ok, meninos e meninas. Acabou o show! Façam as malas!

A terra tremeu debaixo dos pés de Kara e ruídos soaram em seus ouvidos, como os sons de um trovão. A névoa se dissipou. Painéis brancos gigantes sobre rodas foram afastado por pequenos homens e mulheres de macacão jeans. Os céus infinitos do oitavo plano haviam se transformado num armazém cheio de gente. Kara reconheceu as três grandes máquinas de fumaça que estavam sendo rebocadas. Ela piscou devido às luzes dos projetores gigantes. Com um clique, eles os desligaram. Ela ficou olhando ao redor. Aquilo era um cenário de mentira, ela percebeu, com adereços e máquinas de fumaça. Era isso o que os homenzinhos queriam dizer com "show". Kara e David haviam acabado de fazer parte de um. Ela mordeu os lábios, ficando ainda mais irritada.

— Ei! Espere um minuto. — Kara se dirigiu ao homenzinho ruivo e agarrou o braço dele. Ela o fez encará-la. — Para o seu próprio

bem, estou disposta a esquecer o fato de que você só desperdiçou nosso tempo com seu show ridículo, mas é melhor me dizer a verdade agora. Que lugar é este? O que fazemos aqui?

O homenzinho coçou a nuca.

— Bem, é como dissemos antes... quando estávamos no personagem. Este é o oitavo plano. E, infelizmente, ninguém pode sair.

— Não pode para sair? — David foi ficando irritado também. — Quem disse? Quem está no comando aqui? — Seus olhos azuis faiscavam perigosamente.

— Ordens do Conselho Supremo. O próprio arcanjo Uriel — respondeu outro pequenino com uma voz ainda mais aguda — diz que ninguém deve sair. É muito perigoso. Temos de ficar aqui.

— Muito perigoso? Mas nós temos de sair. Não podemos ficar aqui! — Kara estava com raiva. As coisas iam ficando piores a cada minuto. Ela lutou para controlar a raiva. Ela queria estrangular o rapaz.

— Me desculpe, mas você não pode. Você terá de sentar e esperar com o resto deles.

— O homenzinho virou-se e apontou na direção de um grande painel cinza que cobria uma parede inteira.

Outro homenzinho bamboleou até o painel e fez força para abri-lo. Kara viu uma sala repleta de anjos. Uma placa de neon azul e

vermelha estava pregada no topo. Nela dizia: Serviço ao cliente, agora servindo anjos. Mais de mil anjos da guarda sentavam-se em pequenas cadeiras de metal. Eles mexiam os dedos nervosamente. Kara queria saber há quanto tempo eles esperavam naquela sala. Ela procurou Jenny e Peter. Eles não estavam lá. Ela sentiu um aperto no peito e torceu para que eles tivessem conseguido voltar para o Horizonte em segurança.

— Você tem de pegar um número e sentar-se com o resto deles.
— O homenzinho enrolou o manto e jogou no ombro. — Lilly vai cuidar de você. — Ele saiu arrastando o manto negro no chão atrás de si.

Kara se virou e observou o local. Um único balcão de madeira polida ficava à direita da sala. Uma mulher estava sentada em uma cadeira atrás da mesa. Ela usava um colete preto por cima de uma blusa branca abotoada até o pescoço. Seu cabelo grisalho estava firmemente puxado para trás, preso em um coque, no topo de sua cabeça. Seu rosto pontudo tinha um ar de seriedade, e sua profunda carranca franzia sua testa até comecinho do nariz. Ela lembrava Kara da sua professora, a Sra. Wiggins, cujo olhar severo e cruel aterrorizava as crianças. Ela suprimiu um calafrio.

Lilly estava certa, uma grande seta vermelha, fixada num suporte alto de metal, com as palavras pegue uma senha, apontava para baixo. Um grande rolo de números caía até o chão.

David ergueu as sobrancelhas.

— Este é o dia mais estranho que já tive como um anjo da guarda.

— Esperemos que ela possa nos dizer como voltar. Quanto mais tempo perdemos aqui, menores as nossas chances de chegarmos à Legião a tempo antes do ataque dos demônios.

David deu de ombros.

— Você está certa. Bem, vamos ao que interessa. — Ele caminhou em direção à mesa, abrindo caminho através do espaço apertado. Kara seguiu-o, olhando ao redor. Ela não reconhecia nenhum rosto. Mas todos tinham uma coisa em comum: estavam assustados.

David parou diante da grande seta vermelha e arrancou um número. Ele olhou para ela por um momento. Ele olhou para Kara e entregou-lhe um pequeno pedaço de papel.

Kara pegou o bilhete. A campainha tocou, e um número apareceu acima da seta: oitenta e quatro. Ela olhou para o número dela: trinta e seis mil setecentos e noventa e nove. Eles ficariam presos por muitos dias. Kara viu o anjo com o número oitenta e quatro caminhar até a mesa e entregar o pedaço de papel a Lilly. Ela pegou o número, partiu-o em pedaços e jogou-o dentro de um cesto de aparas de papel atrás dela, sem nem ao menos olhar. Kara notou que ela parecia aborrecida.

Kara pegou seu próprio número e partiu em direção à mesa. O anjo com número oitenta e quatro foi-se embora. Kara aproveitou a

oportunidade, e, quando o sinal tocou chamando o próximo número, ela já estava em frente à mesa.

Lilly olhou por debaixo da testa franzida.

— Número —disse ela com impaciência enquanto estendi a mão. Ela esperou.

Kara avistou David em pé próximo a ela. Ela entregou a Lilly seu número. Ela viu a velha examinar o pedaço de papel. As sobrancelhas se arquearam e o rosto da mulher se retorceu em aborrecimento.

— Não sabe ler? Diz número oitenta e cinco. — Ela apontou para o número acima da seta vermelha, com um dedo muito torto. — Sente-se — ela ordenou e dispensou Kara com um movimento de mão. Kara cerrou o queixo. Isso ia ser mais difícil do que ela esperava.

Kara inclinou-se sobre a mesa, de modo que os outros anjos não pudessem ouvir.

— Hã... Lilly? Escute, não podemos esperar aqui. Temos informação urgentes para a Legião. Eu e meu parceiro devemos chegar ao Horizonte agora. — Ela esperava que ela não parecesse muito desrespeitosa. Ela estudou o rosto da mulher em busca de quaisquer vestígios de desprezo. Não havia nenhum.

Lilly olhava Kara sem pestanejar. Ela sorriu, divertindo-se.

— Tem o número oitenta e cinco?

— Não, mas...

— Então, senta!

Kara vacilou. Como esta mulher ousava falar com ela assim? Ela cerrou o punho com dedos trêmulos. Ela queria dar um soco naquela mulher, mas bateu a mão na mesa. A batida ecoou por todo o local, mais do que ela queria. Todos os anjos da guarda estavam ouvindo.

— Escute, senhora — sussurrou Kara. Ela notou David dar um passo para trás. — Não tenho tempo a perder com sua atitude e estupidez! — Sua voz percorria a sala. — Se você não nos deixar voltar, a Legião será destruída! E vai ser por sua causa! — Ela apontou o dedo diante do rosto de Lilly. Aquilo pareceu deixar a mulher com raiva.

Lilly parecia ter mordido algo amargo. Os olhos dela se espremiavam, e Kara mal podia ver mais o verde deles.

Lilly empurrou a cadeira para trás e se levantou.

— Preste atenção, guardiã. Como tenho explicado nas últimas cinco horas a essa sua gente — ela balançou o braço magro na direção dos anjos sentados nas cadeiras — você não pode voltar ao Horizonte. Algo rompeu o véu. Todos os anjos tentando voltar ao Horizonte, vindos da Terra, vão pousar aqui. O Alto Conselho me instruiu a mantê-los aqui, em segurança, até corrigirem o problema. Então, saiba que você não pode ir a lugar algum... não importa o quanto você levante a voz para mim.

Kara olhou para a mulher baixinha.

— É justamente por isso que precisamos partir. — Ela tentou acalmar o tremor de sua voz — Há coisas que você não sabe... não entende. Coisas terríveis vão acontecer se não entrarmos em contato com a Legião a tempo, você precisa acreditar em nós.

— Que coisas? — Lilly cruzou os braços sobre o peito. — Que coisas, guardiã? — Ela repetiu, com uma pitada de preocupação em sua voz de comando.

Kara se perguntou se ela deveria contar àquela tola. Mas decidiu que ela teria de fazê-lo se quisesse que ela a entendesse.

— Asmodeus está planejando um ataque ao Horizonte. Ele usou os ataques no mundo mortal como uma distração. Sabemos que isso é verdade. Ele provavelmente também está causando esta perturbação no véu. — Com todos os anjos indo salvar as almas mortais, mais aqueles presos aqui, ele terá uma grande chance de sucesso.

David apoiou Kara.

— Isso é muito sério, Lilly. — David fez charme. — Não estamos aqui para trazer qualquer tipo de problema, eu prometo. Só precisamos que nos ajude a voltar.

A velha ficou imóvel, seu olhar frio se fixava nos dois. Ninguém falou mais nada por um momento.

— Se não pudermos ir ao Horizonte... então pelo menos nos deixe enviar uma mensagem — pediu David.

— Não — disse Lilly com os dentes cerrados. — Isso é não é possível.

— Você certamente pode se comunicar com eles, não é? Você não disse que eles lhe deram ordens diretas para manter todos aqui?

— Não, como eu disse... não é possível.

— Por que não? — Kara ouviu a raiva na voz de David. Ele também estava perdendo a paciência com a velha.

Lilly estudou seus rostos por um minuto. Seus olhos verdes focavam Kara.

— Você é um anjo, Kara? Não é?

— Sim. — Kara estava ficando sem paciência e sem tempo.

Lilly caiu para trás em seu assento, e Kara achou que ela havia se empalidecido.

— Se o que você diz é verdade, então é realmente grave. Eu me perguntei por que tínhamos perdido a comunicação com o Horizonte. Eles não nos ouvem mais. Nós somos incapazes de nos comunicar com eles. Nenhuma mensagem mais é enviada.

Os olhos de Kara encontraram os de Lilly.

— Então, deixe-nos passar, deixe-nos voltar.

A velha olhou para o espaço vazio. Ela olhou para os dois e balançou a cabeça.

— É muito perigoso. Seus corpos de anjo vão morrer. Eu não posso ser responsável por suas mortes.

Kara apertou as mãos sobre a mesa.

— Se você não nos deixar ir, você será responsável por muito mais que apenas duas mortes.

Lilly balançou a cabeça outra vez. Ela olhou para eles com olhos tristes.

— Você não entende. Com o véu rasgado, é muito perigoso viajar de volta para o Horizonte. Seus corpos sobrenaturais irão queimar e se desfazer. Sem as piscinas, seus corpos se desintegrarão, virando nada. Você vai morrer... a verdadeira morte.

Kara se recusava a acreditar. Eles não haviam passado por toda essa confusão para lhe dizerem que não conseguiam voltar ao Horizonte.

— Há alguma chance de que isso não aconteça? Há uma chance de sobrevivermos?

Lilly não respondeu. Ela apenas olhou para ela.

— Bem, há ou não?

A velha fechou os olhos.

— Sim. Há uma pequena chance. Uma chance muito pequena de poder sobreviver.

— Então, vamos fazer isso. Vamos tentar.

Lilly olhou desnorreadamente para Kara por um longo instante. Depois de um tempo, ela relaxou. Ela parecia ter aceito o pedido de Kara. Ela se levantou e gritou.

— Rosy! Preciso que você me substitua por quinze minutos.

Uma jovem mulher gorda, com um terno de saia, abriu caminho através da multidão. Seu cabelo loiro cacheado saltava por seus ombros enquanto ela se ocupava com aqueles anjos. Lilly deu a volta na sua mesa e fez um gesto para Kara e David a seguirem.

Ela os levou para fora dali, do outro lado do armazém, em direção aos fundos. Eles a seguiram por um pequeno corredor e desceram alguns degraus que levavam ao andar inferior. Kara não podia enxergar através da escuridão. Lilly subiu uma escada e acendeu um interruptor. Imediatamente, o local foi banhado por uma suave luz amarela. Havia um grande poço de elevador na parede dos fundos. Uma porta de metal a segurava. Kara ouviu um tilintar e viu Lilly puxar um grande molho de chaves. Ela bamboleou até o grande elevador e levantou-se na ponta dos pés. Ela enfiou uma chave na fechadura de metal e destrancou a porta.

A terra tremeu quando uma luz explodiu da fechadura. O elevador estava iluminado com uma luz azul. Fragmentos azuis emanavam do elevador. A sala se firmou mais uma vez.

David sorriu.

— Uau. Que tipo de elevador é esse? — Ele atravessou a sala e passou a mão contra o portão de metal. — Parece antigo.

— É porque é antigo — Lilly segurou o portão e, com grande esforço, o abriu. Duas portas de metal sólidas estava diante deles. — Este elevador foi um dos primeiros construídos pelos arcanjos, há milhares de anos. Eles pararam de usá-lo porque havia alguns defeitos. Os anjos voltavam sem braços e pernas. Tornou-se muito perigoso deixar alguém usá-lo. Eles, então, projetaram os modelos EL20, aqueles que vocês usam, e abandonaram este aqui. Ele não é usado há mais de quinhentos anos. É mantido apenas para emergências. Nem sei se vai funcionar.

Kara apertou a mão contra as portas de metal. Eram frias.

— Bem, esta é definitivamente uma emergência.

A porta rangeu e se abriu. Kara deu um pulo de susto.

Além das portas, havia um grande compartimento. As paredes eram de metal e o chão era feito de tijolos tortos de concreto. Aquilo não chegava nem perto dos elevadores que Kara costumava usar. Mas este não era o momento de ser exigente. Kara tomou coragem e entrou no elevador. David entrou ao lado dela. Ela olhou ao redor. As paredes lisas de metal os cercavam. Não havia nenhum botão em lugar algum. Kara achou estranho que não houvesse nenhum painel de controle.

Lilly agarrou o portão de metal e o fechou. Ela recuou e os olhou com uma expressão preocupada.

— Como sabemos para onde vai o elevador? — perguntou Kara, com a mão na parede onde o painel de controle deveria estar.

Lilly forçou um sorriso.

— Vocês não sabem. Se sobreviverem à viagem, chegarão ao Horizonte. Mas dizer onde está além da minha capacidade.

— Ótimo — murmurou Kara.

— Boa viagem. Boa sorte. — Ela se inclinou e pressionou o dedo em um painel da parede exterior.

Com um alto ruído estridente, as portas se deslizaram lentamente. David apertou a mão de Kara nas suas. Ela olhou nos olhos azuis deles e apertou a mão dele. David estava tão aterrorizado quanto ela.

O elevador ganhou vida. Ela sentiu uma pressão puxá-la em todas as direções. O puxão aumentou, e ela sentiu como se seu corpo fosse se rasgar. Ela olhou para David desesperadamente. Onde eles haviam se metido? O corpo de David tremia, e sentiu o dela se mover. Kara gritou de espanto. O corpo de David desapareceu de repente. Reapareceu um segundo mais tarde, porém transparente. Ela podia ver a parede de metal através dele, como se estivesse olhando através de uma onda de calor. Ela olhou para baixo. Suas pernas pareciam uma névoa branca. Este era o fim? Uma onda de dor a atingiu. Kara soltou um grito. Ela se sacudiu incontrolavelmente. Sentiu como se estivesse em um liquidificador. Ela sabia que seu corpo estava se partindo. Eles iriam morrer.

Ela olhou para o corpo de David. Ela teve de se concentrar para vê-lo. Ele estava quase completamente invisível. Ela podia ver a dor no rosto dele. De repente, minúsculos pedaços de seu corpo começaram a se separar. Ele estava se desfazendo. Em pânico, Kara pressionou seu corpo contra o dele, na esperança de mantê-lo inteiro. Seus braços estavam se partindo muito. Kara termia. Ela não os deixaria morrer.

Kara usou o único poder que lhe sobrava. Ela deixou toda a sua raiva arder dentro de si. Ela sentiu o poder elemental respondendo ao seu chamado. Era isso o que ela queria. Sua visão explodiu em tons de dourado. Uma luz dourada saía da ponta dos seus dedos. Ela gentilmente os pressionou contra os ombros de David e ramos dourados envolveram o todo o corpo dele, mantendo-o firme. Logo, seus corpos irradiavam uma cor dourada luminosa. Ela finalmente conseguiu ver o rosto de David mais claramente. Ele estava assustado, mas conseguiu dar um sorriso. Kara notou que ele parecia lindo destacado em ouro. O plano dela parecia estar funcionando. Seus corpos estavam intactos.

Houve um súbito estalido. Kara e David foram jogados no chão. O vínculo com o poder elemental foi quebrado. Kara sentiu que o elevador parou de se mover. Ela tentou se levantar à medida que as portas se deslizavam para abrir.

Gritos altos pareciam cercá-los. Explosões de vermelho e branco iluminavam o céu. O cheiro da fumaça entrou no elevador. Kara piscou diante de uma pesada névoa cinzenta. O vasto deserto das

Operações estava em chamas. As barracas estavam em chamas. Os sons de batalha ecoavam por toda parte.

A guerra já havia começado. Eles estavam muito atrasados.

Capítulo 13

Uma guerra de anjos

— **Kara!** Vamos nessa!

Mas o corpo de Kara não se mexia. Ela estava paralisada, olhando para o massacre lá fora. O céu normalmente azul das Operações estava escuro e coberto com uma névoa cinzenta de fumaça. Brasas choviam dos céus e cobriam o deserto com um manto de chamas. Em todos os lugares, parecia que os anjos estavam sendo rasgado em pedaços, seus corpos evaporavam, transformando-se em cristais brilhantes. Um estrondo ensurdecedor ressoou em torno deles. Um raio negro do céu acertou vários anjos. Seus corpos explodiram e foram varridos pela tempestade de areia ardente.

— Kara! — David tirou Kara do elevador à força. Ela saiu de seu transe e andou tropeçando. Um estampido ensurdecedor abalou a terra. Kara sentiu uma súbita dor aguda do lado. Ela caiu de joelhos e se virou. Uma montanha de concreto foi tudo o que sobrou do monumental elevador. Fogo e fumaça subiam no ar.

David puxou Kara, arrastando-a consigo em uma corrida. Ventos fortes batiam em seu rosto. Um turbilhão de areia arranhava seus olhos. Kara cerrou os olhos para tentar ver através da tempestade de areia que se aproximava. Seus pés se prenderam em algo, e ela quase caiu. Ela recuperou o equilíbrio e olhou para o que a fizera tropeçar. Os pelos de um chimpanzé morto, que havia sido coberto

de areia, sacudiam com os ventos fortes. Ela reconheceu o rosto: era o chimpanzé 5M51. Ela queria gritar.

Depois de um momento, ela sentiu a presença de David ao seu lado. Ele parecia horrorizado. Ela seguiu o olhar dele.

À distância, pilhas de madeira e metal brotavam no deserto, como ossos fraturados de um abdômen rompido. Restos de elevadores e seus operadores estavam espalhados por quilômetros. Alguns estavam em chamas, enquanto outros jaziam silenciosos nas pilhas de escombros. Ela entendeu agora por que eles não podiam acessar o Horizonte como antes. Os demônios haviam destruído os elevadores e matado os operadores. Então, ela viu de relance alguns primatas aterrorizados se escondendo atrás de pedras. Ela torceu para que os demônios os ignorassem.

Uma risada distante chamou atenção de Kara. Ela olhou para o céu escurecido. Enormes asas cortavam as nuvens de fumaça e batiam nos céus acima dela. Uma criatura de duas pernas, com um corpo de cobra e cabeça reptiliana voava facilmente pelas nuvens. Uma cauda longa, agudamente pontiaguda balançava logo atrás. Seu corpo estava coberto de chamas amarelas e vermelhas, e, de alguma forma, Kara podia ver através dele. O demônio voou em direção ao campo de batalha. Ele deslizou pelas nuvens de fumaça e, de repente, mergulhou em direção a um grupo de guardiões. Uma figura estava montando o demônio. Sua risada malvada causou um arrepio na espinha de Kara. Ela reconheceu Asmodeus. Ele sentou-se na besta, com seu traje vermelho sangue esvoaçando ao vento. Seus braços se levantaram no ar. Uma luz negra saiu de suas mãos e

atingiu os anjos logo abaixo. Kara sabia que eles não teriam chance. Ele era impiedoso. Com um estalo agudo, seus corpos explodiram, virando um borrão de pó branco.

Asmodeus vociferou um riso. Ela o viu levantar os braços novamente. Uma eletricidade negra saiu de suas mãos e caiu no chão. Um tremor passou sob os pés de Kara. A terra tremeu e o deserto foi dividido por uma fenda que se estendia além da vista das colinas vermelhas.

Kara não conseguia enxergar o fundo. Ela assistiu horrorizada a centenas de anjos caindo gemendo no abismo.

David a puxou correndo. Kara agarrou firmemente a mão de David, com medo de soltá-lo. Uma lâmina da alma brandia na frente dele.

Uma sombra cobriu o chã, eram as águias. Os guardiões do tártaro voavam pelos céus enegrecidos como mísseis. Eles atravessaram uma horda de demônios e os rasgou facilmente com suas garras de navalha afiada. Os demônios gemiam à medida que as águias arrancavam suas entranhas e esmagavam seus crânios com os pés.

Um demônio enorme, com grandes asas de mosca, investiu contra as águias. Ele agarrou uma pelo pescoço, com sua grande presa. Kara ouviu um estalo. A águia caiu mole no chão. Mais demônios semelhantes a insetos subiram aos céus e lançaram outro ataque. Grandes penas douradas choviam sobre Kara e David à medida que as águias lutavam contra as novas raças do mundo dos

mortos. O céu estava repleto de sons horripilantes das carnes sendo rasgadas. Kara temia pelas águias.

— Kara, precisamos agir! Não podemos ficar aqui. — David gritou, abafado pelos ventos uivantes e pelos gemidas das águias e dos demônios.

Kara tirou o cabelo de olhos.

— Eu sei... mas aonde vamos?

— Não sei. Vamos continuar andando até encontrar um lugar seguro. Seremos mortos se ficarmos aqui. Vamos! — David pediu.

Os pés de Kara afundavam na areia vermelha à medida que ela corria, descendo um barranco atrás de David. Os sons da batalha ecoavam em seus ouvidos em todas as direções, enquanto corriam, apressando-os. Aquele horror todo a afligia. Ela não conseguira avisar a Legião antes dos ataques. O que aconteceria com eles?

Uma frota de guardiões apareceu diante deles, a trinta metros distância. Eles formaram uma forte fileira acima da colina. Quarenta homens e mulheres resistentes, todos vestindo armadura, espera pela batalha, com suas longas espadas e adagas prateadas penduradas de lado. Kara viu arcos presos nos ombros de algumas mulheres. Alguns também carregava orbes luminosos, vermelhos e brancos, em suas mãos. Kara imediatamente os reconheceu como pedras de fogo e pedras da lua. Eles não demonstravam medo. Estes eram os verdadeiros guerreiros, Kara disse a si mesma. Eles eram soldados a eras, experientes e prontos para lutar até a morte.

Um movimento chamou a atenção de Kara. Ela se virou.

Dez demônios superiores caminhavam casualmente pela areia vermelha. Seus rostos idênticos não traziam nenhuma expressão. Uma fumaça preta saía de suas lâminas da morte e subiam por seus braços. Kara achou estranho o quão limpos seus trajes pareciam, considerando a sujeira e fumaça por todo lado. Suas roupas mostravam indícios de luta.

Os demônios chegaram ao pé da colina. Kara ouviu alguém dar uma ordem, e a fileira de anjos se dividiu ao meio. Ela observava enquanto os guardiões desciam a colina para se encontrarem com os demônios superiores logo abaixo. Uma jovem guardiã, da sua idade, correu com sua lâmina diante de si. Longos cabelos vermelhos voavam ao vento enquanto ela corria. Ela lançou-se no demônio mais próximo. Com o braço erguido, saltou no ar e enterrou a lâmina no pescoço dele, com um movimento arqueado. Kara tinha certeza de que ela o havia conseguido. Houve um súbito borrão, e a jovem gritou. Kara viu uma lâmina cair na areia. A espada do demônio havia perfurado o abdômen dela. Ele empurrou a lâmina como se cortasse um pedaço de pão e puxou a mulher com as mãos, como se não fosse nada, apenas um papel. O corpo caiu no chão cortado em dois pedaços. Kara assistiu horrorizada ao demônio se agachar e devorar a alma do anjo. Ela estremeceu quando ele se levantou.

A morte da companheira não abateu o resto da frota. Eles atacaram duramente e com tudo o que tinham. Gritos e sons de metal batendo contra metal se levantaram em torno deles. Uma

lâmina da alma perfurou as costas de um demônio mais desavisado. Ele gritou e estendeu os braços para trás, tentando libertar-se da dor. Com sua atenção interrompida momentaneamente, outro anjo o espetou com sua lâmina, seguido por outro e outro. Finalmente, o demônio caiu de joelhos. Ele sorriu. Tomou sua própria lâmina e cortou seu pescoço com ela. Seu corpo se transformou em chamas negras e logo desintegrou-se, virando um monte de pó que o vento soprou para longe. Kara nunca havia visto um demônio desses morrer antes. Ela sentia-se satisfeita e revoltada ao mesmo tempo. Mas aquele era apenas um. Os outros nove haviam matado os guardiões. Seus corpos estavam espalhados no chão, sem alma e vazios.

Kara ouviu outro grito de guerra. O último dos anjos deu uma investida. Kara se assustou com a modo como eles facilmente perdiam suas vidas. Os anjos revidaram com tudo o que tinham, mas eles não eram páreos para os demônios superiores. Ela tinha de fazer algo. Ela sentiu-se inclinar para frente.

— O que você acha que você está fazendo? — David puxou Kara na direção dele. — Você não pode fazer nada por eles agora. É tarde demais. Temos que sair daqui!

Kara balançou a cabeça e tentou se livrar das garras de ferro de David.

— Eu preciso! Isso é culpa minha. Eu tenho de salvá-los! Eu não posso ficar aqui e assistir enquanto todos estão morrendo. Deixe-me ir!

— Não. Isso é suicídio. Não vou deixar você!

A raiva de Kara se inflamou.

— Deixe-me ir, David! — Ela puxou seu braço livre. — Nós temos de fazer algo!

Antes que David desse conta das suas intenções, Kara o empurrou e roubou sua lâmina da alma. Ela fugiu antes que ele pudesse detê-la. Ela ouviu-o gritar seu nome algumas vezes, mas então a voz dele se perdeu nos sons da batalha.

Ela deixou sua fúria sair, recordando-se de todas as mortes dos mortais inocentes e dos anjos. Venha, chamou Kara. Ela sentiu o formigamento da energia percorrendo seu corpo. Ela sentiu que ganhava vida e impulso até as pontas de seus dedos, como se estivesse envolta por um cobertor quente. Kara recebia seu poder. Ela sentiu a energia elemental selvagem, alimentando-se de seu ódio pelo o que os demônios haviam feito ao Horizonte e de seu ódio pelo o que Asmodeus havia feito com ela.

Um demônio nas proximidades cortou a cabeça de um guardião e ria enquanto o chutava feito uma bola. Kara correu até o demônio, com sua lâmina pronta e seu poder elemental dourado dançando nas pontas de seus dedos. Ela estendeu a mão.

Ela sentiu uma dor aguda em suas costas. A dor era imediata e esmagadora. Ela gritou e caiu no chão, de joelhos.

Risos ecoaram de todos ao seu redor.

Ela estendeu as mãos para trás e sentiu três alças. Ela sabia, instantaneamente, que eram as lâminas da morte. A mão dela queimou quando pegou no cabo de uma e a removeu de suas costas. Ela jogou a lâmina no chão e estendeu a mão para remover outra.

Algo a chutou na cabeça. Kara caiu no chão. Ela podia sentir a propagação do veneno das lâminas através de seu corpo, correndo seu interior como ácido. Vapores pretos saíam de seu corpo. Ela tinha de tirar aquelas lâminas logo... ou morreria.

— Bem, bem, bem. O que temos aqui?

Kara piscou diante de uma rajada de areia. Um demônio superior estava acima dela. Sua pele branca enrugada com um sorriso diabólico. Seus negros olhos sem fundo zombavam dela.

— Pensou que você poderia usar esse poder, não é?

O demônio riu, e Kara amaldiçoou sua própria estupidez.

— Acho que é hora de acabarmos com a famosa Kara Nightingale. Meu senhor já teve o suficiente das suas... interrupções. Você não pode escapar da sua verdadeira morte, minha cara. Seus poderes especiais não podem salvá-la agora.

O demônio desembainhou outra lâmina de morte. Ele lambeu a lâmina e sorriu. Num piscar de olhos, a lançou em direção ao rosto de Kara.

Algo prateado parou a lâmina da morte no ar e a desviou para o lado. Houve outro clarão prateado e uma série de barulhos de lâminas afiadas — ela ouviu um grito e uma lâmina prata perfurou a cabeça do demônio por trás, saindo por sua órbita ocular.

Uma figura vestida de preto sobrevoou Kara e pousou diante do demônio agonizando. Com um só golpe, a figura decapitou o demônio. Kara viu a cabeça dele bater no chão com um baque. O corpo do demônio pegou fogo, em chamas negras, assim como havia acontecido ao outro demônio, e se dissolveu em uma nuvem negra de poeira.

Kara sentiu uma pressão em suas costas e, depois, um alívio. Ela soube instantaneamente que as lâminas haviam sido removidas. Ela tombou para o lado.

A figura atrás dela ligeiramente tomou forma. Ela se vestia como um agente de campo da DCD, com uma blusa e calças pretas. Kara teve a impressão de que era uma mulher. Lâminas da alma eram protegidas por uma bainha de couro amarrada ao redor de suas coxas e tornozelos. Seu longo cabelo negro estava preso para trás, com uma trança apertada.

A guardiã virou-se e se ajoelhou diante de Kara. Ela falou com preocupação e insistência.

— Kara! O que está fazendo aqui? Você devia estar no oitavo plano e segura.

Kara não podia falar.

Ela olhou nos grandes olhos castanhos como os dela própria. Mesmo com a expressão de preocupação, o rosto era liso e muito bonito. Seus lábios naturalmente vermelhos estavam sérios.

Finalmente, Kara encontrou sua voz.

— Mãe?

Capítulo 14

Em movimento

— Mãe! — Kara gritou. Ela saltou e abraçou sua mãe.

Sua mãe a abraçou de volta, mas a soltou suavemente.

— Kara, como você conseguiu chegar aqui? Os demônios destruíram os elevadores, as conexões foram perdidas, qualquer chance de viajar do mundo mortal para cá é impossível. Como é que vocês estão aqui?

A mãe de Kara nervosamente olhou por sobre o ombro. Elas não poderiam ficar ali por muito mais tempo.

— Pegamos um elevador do oitavo plano. — Pela expressão desnorçada da mãe, Kara sabia que ela tinha de explicar um pouco mais. — Era um elevador antigo, um velho, construído há milhares de anos. E Lilly nos deixou usá-lo para chegar até aqui.

A mãe balançou a cabeça.

— Mas seus corpos seriam rasgados! É impossível.

— Era um risco, nós sabíamos, mas estávamos determinados a avisar a Legião. Descobrimos o que Asmodeus estava planejando... parte do que está acontecendo é culpa minha. Eu tinha de avisar a Legião.

— Mas como, Kara? Como você é responsável por isso?

Kara olhou para suas botas.

— Eu não sou como você e os outros, mãe. Eu sou diferente. E usei essa parte que é diferente. — Ela olhou para cima e encontrou os olhos da mãe. — Eu usei minha parte elemental para nos mantermos inteiros no elevador. Funcionou.

— Quem somos nós? Quem está com você? — a mãe de Kara olhou por sobre o ombro de novo.

Kara suspirou.

— Meu amigo David. Ele estava comigo quando pousamos no oitavo plano. Viemos juntos.

— Que imprudente, Kara — disse a mãe dela, com a voz repentinamente dura. — Você podia ter morrido... e David também.

Kara olhou para os dedos.

— Eu sei. Mas não morremos. Achamos que teríamos tempo suficiente para chegarmos ao Horizonte antes que os ataques começassem... mas acho que estávamos errados.

— Está tudo bem, minha querida — disse a mãe dela suavemente. — Você fez o que fez porque você achou que era a coisa certa a fazer. Foi uma loucura, mas eu entendo por que você fez isso. Eu provavelmente faria o mesmo.

Kara fitou o rosto da sua mãe. Ela sentia tantas emoções ao mesmo tempo. A alma dela havia sobrevivido. Ela estava segura e

em pé diante dela, como um anjo da guarda. Perguntas encheram sua mente. Ela queria saber sobre a vida da mãe como guardiã, como era aquilo. Mas, principalmente, Kara queria saber como a mãe dela pôde se apaixonar por Asmodeus.

— Mãe... como você pôde...

— Kara! — David apressou-se em direção a eles. — Você está louca? Qual é o problema com você? — Ele entrou no meio delas. Sua voz estava alta e com raiva, mas seus olhos eram ternos de preocupação. — Você podia ter morrido! — Seu rosto estava a centímetros do de Kara. A mãe levantou as sobrancelhas e olhou para Kara com um sorriso nos lábios.

Kara deu um passo para trás e levantou os braços.

— Bem, eu estou bem, como você vê. Graças a Danielle, minha mãe.

— Sua mãe? — David olhou para a mãe de Kara com a boca entreaberta. Os olhos dele moveram-se de acima e a baixo, inspecionando cada centímetro dela. Por fim, David arqueou uma sobrancelha. — Você nunca me disse que ela era uma boneca, ai!

A mãe de Kara agarrou os dois pelos cotovelos e os virou em direção a ela.

— Agora escutem, vocês dois. Não podemos ficar aqui. Somos alvos fáceis, se ficarmos nas Operações. — Ela olhou por sobre o ombro e falou com mais pressa. — Michael e Gabriel levou o que resta da Legião para o nível três, a Divisão de Milagres. Os demônios

não conseguiram atravessar a montanha... até agora. Mas isso não vai durar para sempre. Por enquanto, é o nosso quartel-general. Missões estão sendo implantadas de lá. Vou explicar mais detalhadamente depois que estivermos a salvo.

Danielle entregou lâminas da alma para os dois.

— Levem isto. Vamos lá, crianças.

Kara viu sua mãe caminhar sobre destroços em chamas e correu para alcançá-la. Para uma mulher de seus quarenta e pouco anos, ela caminhava mais rápido que Kara e David, mostrando que a mortalidade não fazia efeito no Horizonte, pensou. A idade não significa nada aqui.

O trio correu lado a lado, subindo e descendo as encostas arenosas. O céu tornara-se mais escuro. Nuvens negras passavam pelo céu cinzento, sugando a luz. Em breve, tudo seria consumido pela escuridão. Kara queria saber se sua mãe sabia aonde os estava levando. Pelo que podia ver entre a areia e as cinzas, havia apenas mais colinas à frente deles, à distância.

Um urro ensurdecedor levantou-se em torno deles. Danielle levantou a mão e fez sinal para que eles ficassem quietos. Kara se ajoelhou ao lado de sua mãe. Ela sentiu a David à direita. Kara olhou para o deserto escuro. Um tornado de areia e cinzas rolou pelas dunas. Ela não conseguia enxergar além do vendaval.

Uma sombra se moveu cerca de sessenta metros à frente deles. Kara se esforçou para ver. A coisa era enorme e se abaixava no

chão. A criatura se agachou e inclinou a cabeça, como se estivesse seguindo um perfume no ar. Suas quatro patas carregavam um corpo coberto de espinhos afiados, da cabeça à cauda. Ele farejava alguma coisa. Grunhidos escapavam da criatura, cada vez mais altos. De repente, o demônio deu uma investida. Kara levantou a cabeça para ver o que o demônio estava prestes a atacar. Um poço de elevador estava sobre um montículo de areia, com as suas portas abertas. O operador estava encolhido em um canto. Ele cobria a cabeça com as mãos. Kara podia vê-lo tremendo de medo. O demônio galopou em direção a ele, afundando no chão a cada passo.

Kara se levantou.

De repente, um feixe de luz branca se acendeu e atingiu o demônio no peito. A criatura gemeu e foi jogada longe. Ela caiu dura no chão e derrapou até parar; seu corpo ficou revestido de areia vermelha. Depois de um segundo, a criatura se esforçou para ficar de pé. Seu corpo chiava e estalava. Kara viu sua carne queimada cair no chão. O vento carregava o cheiro de carne queimada. O demônio mancou em direção ao elevador. Ele abriu sua grande boca com um rugido ensurdecedor de raiva.

Um outro feixe de luz atingiu o demônio. A criatura foi içada no ar e pairou por um momento. Um grito escapou da criatura quando ela caiu no chão. Ela não se moveu mais.

— Toma, sua besta! — Um oráculo rolou à vista deles. Seu cristal gigante ardia em chamas brancas, iluminando o oráculo e a areia ao redor dele, em um círculo luminoso. Ele estava de pé na sua bola de

cristal, com as mãos nas cadeiras. Ele levantou seu punho. — Há muito mais de onde veio isso!

— Vamos lá. — Danielle levou Kara e David na direção do elevador. A oráculo os avistou e rolou a bola de cristal com os seus pés para encontrá-los. Ele parecia aliviado por vê-los.

— Obrigado, oráculo — disse Danielle. Ela inclinou a cabeça ligeiramente. Sua longa trança caiu das costas e balançou ao lado do seu rosto. — Não tem ideia de quanto você nos ajudou. Sem o elevador, não alcançamos os outros níveis. Acho que este é um dos últimos em funcionamento.

O oráculo parecia satisfeito com o elogio.

— Nós oráculos podemos ser antigos, mas há ainda um lutador em cada um de nós. Não vamos deixar nosso mundo ser infestado por demônios imundos. — Ele enrolou a barba nos dedos nervosamente.

— Kara...David... vamos rápido. — Danielle deu uma rápida olhada no deserto antes de saltar para dentro do elevador. — Não há muito tempo. Temos de ir. Agora!

Kara agradeceu ao oráculo e seguiu sua mãe para dentro do elevador. Ela inclinou-se contra os painéis de madeira polidos, sua mente estava a mil. Um cheiro de mofo pairava no ar, tal como ela se lembrava. David pressionou suas costas contra a parede de trás, ao lado dela. Seus olhos se encontraram. David deu-lhe um sorriso tranquilizador. Kara não sorriu de volta.

— Nível três, por favor. Divisão de Milagres, depressa — disse Danielle.

Kara ouviu um gemido e olhou para baixo. O operador do elevador estava encolhido feito uma bola, no canto inferior direito do painel de controle. Seus pelos negros brilhavam à medida que ele tremia. Ele olhou para ela. Seus olhos castanhos estavam molhados e arregalados. Kara ouviu barulhos e percebeu que vinha dos dentes batendo. A pobre criatura estava aterrorizada. Ela se lembrou do chimpanzé 5M51, que era apenas um pouco menor. Antes que percebesse o que estava fazendo, ela se ajoelhou ao lado dele. Ela estendeu a mão e acariciou-o delicadamente no braço.

— Você está seguro agora. Vai ficar tudo bem. Qual é o seu nome?

Ela sentiu pena do chimpanzé. Nenhuma criatura merecia isso, especialmente os primatas. Eles não eram lutadores treinados. Este era um território desconhecido para eles.

— Precisamos que você seja forte agora. Precisamos chegar ao nível três. Você pode fazer isso por nós? — Ela sabia que poderia apenas pressionar o botão ela mesma, mas ajudar essa pobre criatura a fazia se sentir melhor, mesmo que brevemente.

O chimpanzé piscou os olhos e não se mexeu por certo tempo. Então, ele falou:

— Chim...chimpanzé 2M24.

O chimpanzé ficou de pé lentamente. Ele tinha quase metade do tamanho de Kara. Embora ainda tremesse, ele parecia mais no controle dos seus medos. Ele levantou um dedo trêmulo e pressionou o botão de número três no painel de controle.

— Nível 3! Divisão de Milagres — disse o macaco. As portas deslizaram e se fecharam. O chimpanzé 2M24 caiu contra a parede, aliviado.

Com um solavanco, o elevador veio à vida. Kara sentiu a pressão na sua cabeça e nos ombros à medida que subiam. Ela se perguntava o que esperar quando as portas se abrissem. Estariam no coração de outra batalha?

Houve um puxão repentino e violento. Kara e os outros foram jogados contra a parede oposta. Kara estendeu a mão e agarrou David. Ela teve medo de que não chegassem ao nível seguinte. Surpreendentemente, as portas se abriram, e Kara olhou para fora, vendo um belo vale verde exuberante.

Danielle foi primeiro, seguida por David. Kara ficou na porta e olhou para o chimpanzé. Ele ainda estava tremendo, mas parecia mais recomposto. Kara agradeceu-lhe e partiu.

— Vamos nos apressar. Não sabemos o que se esconde na floresta. — Danielle puxou uma lâmina. Ela brilhava ao sol e refletia os raios dourados em seu rosto. — Muitos morreram protegendo a montanha. Nós não podemos ficar aqui. Vamos!

Kara e David trocaram um olhar e foram atrás dela.

A Divisão de Milagres era tão linda quanto Kara lembrava. Ela olhou para o céu escarlate e laranja que cobria a floresta densa. Uma leve brisa carregava o cheiro dos pinheiros e da terra úmida. Algo chamou a atenção dela. Um guardião inclinou-se contra uma árvore grande, seu corpo escondido nas sombras. Ele deu um aceno de cabeça quando passaram correndo por ele. Kara notou muitos outros bem escondidos na floresta densa. Eles usavam longos mantos verde, e Kara pensou que pareciam elfos do bosque.

Kara seguiu os outros por uma trilha de cascalho. Logo a floresta se abriu, e ela viu uma montanha que se estendia após um vale e se perdia nas nuvens. Correndo, eles chegaram na base da montanha em poucos minutos. Marcas pretas chamuscavam os muros de pedra que ladeavam a entrada principal. Uma fumaça envolvia o lugar. Um grande grupo de anjos da guarda e oráculos jogavam água nos pequenos incêndios na base das construções.

Danielle os levou por meio de um boque com passagens sinuosas, até uma grande porta de madeira. Ela a abriu e caminhou para dentro. Eles estavam no limiar de uma grande câmara. A luz do sol penetrava pelas aberturas quadradas no teto. Kara imediatamente reconheceu aquele lugar como uma das muitas câmaras curativas. Uma dúzia de anjos da guarda de jalecos azuis trabalhavam febrilmente, misturando e medindo elementos em recipientes de vidro. Houve um súbito grito de alarme. Um dos guardiões passou por Kara, segurando uma garrafa de vidro de líquido laranja e correndo pela porta. Aquilo parecia muito com a substância pegajosa laranja do Cura-Xpress.

Dois homens excepcionalmente grandes estavam sentados em uma mesa de madeira na extremidade da câmara. Eles conversavam, com suas cabeças inclinadas sobre um pacote embrulhado em um pano brilhante de ouro sobre a mesa. Eles empurraram suas cadeiras e ficaram em pé com a entrada do grupo. Kara os reconheceu imediatamente. O arcanjo Miguel estava ao lado de Gabriel, com seu cabelo sedoso e castanho que combinava perfeitamente com seu rosto cinzelado. Ele usava um manto de prata e ouro que caía sobre seus ombros musculosos. Ele parecia confuso. Ele claramente teve a mesma sensação de sua mãe quando a viu: Kara e David não deveriam estar ali. Seus olhos castanhos estavam fixados em Kara. Ela desviou o olhar.

Uma mulher bonita de aparência asiática, envolta em linho branco, com cabelo preto que caía por toda as suas costas, correu em direção a eles com os braços estendidos.

— Kara! David! O que estão fazendo aqui? — O arcanjo Rafael agarrou David e Kara e os espremeu firmemente contra si. Kara tinha certeza de que David estava gostando disso. Ele sempre agia de forma estranha quando a deslumbrante Rafael estava na mesma sala. Finalmente, ela os soltou. Kara notou um sorriso estúpido na cara de David. — Não tenho ideia de como conseguiram chegar aqui, mas estou muito feliz em vê-los em segurança... e inteiros.

— Bem, você me conhece, sou indestrutível. — David passou os dedos no cabelo. Sua tentativa de flerte fez Kara querer amordaçá-lo.

Raphael riu suavemente.

— Sim, mas sempre se metendo em problemas. Bem, estou feliz que vocês dois estejam seguros comigo agora.

— Eu sempre me sinto seguro quando estou perto de você... — os olhos azuis de David brilharam.

Kara revirou os olhos e desejou que David parasse de envergonhar a si mesmo. A mãe sorriu-lhe. Kara suspirou e apertou a mãe em um abraço apertado.

A mãe beijou sua testa.

— Estou tão feliz que você esteja segura. Eu estava tão preocupada.

Kara enterrou seu rosto no ombro da mãe.

— Estava com saudades, mãe.

Danielle fez um carinho nas costas da filha.

— Eu também, Kara. Quem me dera estar sempre com você. Você deve ter ficado aterrorizada com todas essas coisas sobrenaturais... sobre quem você é... sobre quão especial você é. Depois que Rafael me trouxe de volta, ela me contou tudo o que você fez por mim e pela Legião. — Ela afastou Kara suavemente. — Estou tão orgulhosa de você, minha linda filha.

Kara queria ser capaz de chorar, mas se confortou no abraço de sua mãe. Ela não havia percebido a saudade que sentia. Kara pendeu a cabeça.

— Sinto muito por nunca ter acreditado em suas histórias sobre demônios, mãe. Não sabe o quanto me arrependo.

A mãe riu. Kara havia esquecido o quanto ela amava a risada da mãe.

— Não se preocupe com isso. Como você poderia saber? Eu não sabia que você havia sido escolhida assim como eu. Se soubesse, as coisas teriam sido diferentes. Mas a Legião só me dava de volta algumas lembranças por vez após cada missão. Não me admira que pensasse que sua mãe fosse louca. Eu mesma pensei que estava louca. Tudo o que eu queria era poder ter estado ao seu lado, quando as coisas ficaram... complicadas.

Kara sorriu. Sua mãe sempre lhe fez sentir-se melhor. Uma coisa lhe ocorreu.

— Mãe... sobre meu pai...

As portas da câmara se abriram, e uma mulher caiu no chão. Seu cabelo ruivo cacheado estava emaranhado e cobria a maior parte de seu rosto. Suas vestes verdes estavam rasgadas e cobertas de poeira. Uma luz brilhante escapava de suas muitas feridas. Ela não estava se movendo.

— Camael! — Rafael correu para a ajuda da mulher. Ela segurou-a no colo e tirou o cabelo do rosto dela. — Camael! O que aconteceu? Quem fez isso com você?

A arcanja esforçou-se para abrir a boca. Os lábios dela tremiam enquanto ela se esforçava para formar suas palavras.

— Asmodeus... matou Uriel. Ele conquistou o Alto Conselho.

Capítulo 15

Inferno

Kara observou, impotente, quando Miguel e Rafael levaram o arcanjo Camael para uma das mesas de madeira. Rafael dobrou um pano às pressas e o usou como um travesseiro. Ela tirou as mãos de Camael e as colocou ao lado dela, sussurrando suavemente para ela. Seus ferimentos eram graves, e Kara se perguntou se ela iria sobreviver.

Ela observou silenciosamente quando Rafael pressionou suas mãos na frente dela e fechou os olhos. Como se estivesse em oração, ela ficou lá por um momento, sem se mover. Sua pele exalava um suave brilho branco.

Rafael, de repente, abriu os olhos. Eles haviam se tornado brilhantes esferas brancas. Ela olhou no arcanjo lesionado, com olhos como pequenos sóis. Com as palmas abertas, ela colocou as mãos no peito de Camael. Raios de luz emanaram de seu toque e envolveram o corpo de Camael, como uma colcha de luz branca. Kara viu o corpo de Camael absorver a luz como uma esponja. Depois de um tempo, as lesões do corpo de Camael começaram a encolher, até que a pele sarasse. Logo, até o último corte estava emendado. Rafael ajudou Camael a se sentar e manteve o braço envolvido nos ombros dela. O rosto dela ainda trazia vestígios de agonia, mas, fora isso, Kara a achou bem o suficiente. Ela suspirou de alívio.

— Ela vai ficar bem, Rafael é uma incrível curandeira — disse a mãe.

— Asmodeus é um monstro. Ele não pode escapar impune com tudo o que fez. — a voz de Kara levantou-se involuntariamente. Ela abaixou o tom quando viu a expressão séria no rosto da mãe.

A mãe Kara deu um sorriso fraco e falou com ela suavemente, de modo que só ela pudesse ouvir.

— Sobre o seu pai... Me disseram que você sabe quem ele é.

Kara olhou nos grandes olhos castanhos de sua mãe. Tristeza se refletia neles.

— Mãe... quando o conheceu, não percebeu que ele era um demônio?

A mãe balançou a cabeça.

— Eu não sabia que ele era um demônio. Se soubesse... nunca poderia ter me casado com ele. Como eu poderia? Eu estava no meu corpo mortal quando o encontrei pela primeira vez. Ele era alto e tão bonito. Ele me disse que seu nome era Samuel. Eu me apaixonei por ele desde o primeiro instante. Não me olhe desse jeito, ele era bom para mim, Kara. E para você também. Ele não era essa coisa má na qual se tornou. Eu não acredito que ele era mau... ele mudou.

— E de uma forma não muito boa. Ele é mau, mãe. O pior tipo de mal que você pode imaginar.

A mãe contorceu-se desconfortavelmente.

— Eu sei. E é difícil acreditar que eu alguma vez senti algo por alguém tão cruel.

— Mesmo sendo uma guardiã, você não soube que ele era um demônio? Você não conseguia enxergar os demônios quando era mortal? Por que não conseguia ver através dele, mãe?

— Não foi bem assim. Eu nunca vi demônios quando estávamos juntos. Só o via como um homem mortal, com carne mortal. E depois que engravidei de você, fomos tão felizes. Depois, cinco anos mais tarde... ele morreu de repente... bem, seu traje mortal morreu. Não sabia o que ele estava planejando este tempo todo, Kara. acredite em mim. Então, há alguns meses, eu estava na cozinha e três demônios superiores me atacaram. Não me lembro de mais nada depois disso.

Kara pôs a mão no ombro da mãe com ternura.

— Está tudo bem, mãe. Eu entendi.

— A última coisa da qual me lembro é de acordar do Cura-Xpress. Rafael trazia uma toalha. Ela me contou tudo. Ela disse quem Samuel realmente era e como ele havia me usado. Ela também me disse que você era uma guardiã também, mas com um talento especial. Depois ela explicou sobre seu poder elemental. Eu fiquei aterrorizado por você. Este poder elemental é perigoso. Eu estou tão brava com o que ele fez com você. — Danielle abraçou a

filha. — Eu sinto muito, Kara. Se pudesse tirar esse fardo de você e lhe dar uma vida normal... eu faria.

— Eu sei, mãe. Não é culpa sua. Você não sabia. Além disso, gosto de ser uma guardiã. Até que tem sua graça. — Kara riu suavemente no ombro da mãe. — Eu queria ter impedido isso de alguma forma. Impedido essas mortes todas.

— Não se preocupe. A Legião é mais forte do que você pensa. Vamos sobreviver a isso.

Kara esperava que sua mãe estivesse certa. Ela sentiu uma presença atrás de si e olhou para ver Miguel se aproximando da mesa. Ele parou diante do arcanjo ferido. Ele pegou na mão de Camael suavemente. Seu lindo rosto havia se transformado em algo aterrorizante, quase selvagem. Seus olhos estavam arregalados. Kara sentiu uma frieza vindo deles. Mas, ao falar, sua era suave:

— Camael, você pode nos dizer o que aconteceu?

O arcanjo Camael olhou para a mesa por um momento antes de responder.

— Aconteceu tão rápido. — ela balançou a cabeça. — Nunca imaginamos que o Alto Conselho estaria sob ataque, nunca. Não estávamos preparados. — Ela olhou para suas mãos trêmulas e cerrou os punhos. Kara queria se aproximar e confortá-la, mas temia o que Miguel faria. Talvez não fosse o lugar dela. Então, ela deu um passo em frente, em vez disso.

— Não se preocupe, Camael. Não pode se culpar pelo que aconteceu — disse a Miguel, sua voz era cheia de compaixão. Ele apertou a mão dela gentilmente.

— As portas se abriram — continuou Camael, com sua voz hesitante. — Muitos deles... muitos deles... — Seus olhos estavam cheios de terror. Seu corpo tremia incontrolavelmente. Kara queria saber se ela havia enlouquecido com o que havia testemunhado. Ela não a culparia por isso.

Miguel apertou sua mão com ternura.

— Está tudo bem. Você está segura agora. Por favor, Camael, diga-nos o que aconteceu. Isso é muito importante. Não tenha medo.

Kara e o resto da equipe esperaram pacientemente que o arcanjo se recompôs-se para começar a narrar sua história mais uma vez.

— Nós fomos pegos de surpresa. Primeiro, hordas de demônios inferiores devastaram a câmara, destruindo tudo. Depois vieram os demônios superiores. — Camael olhou para o espaço. — E, então... ele veio.

— Asmodeus — disse Miguel.

— Sim. — Camael levantou a cabeça e encontrou os olhos de Miguel. — Ele começou a matar os membros do Conselho, esquartejá-los. Seus gritos... seus gritos. — Ela cobriu seus ouvidos com as mãos e balançou a cabeça.

— Ele bebeu a essência deles, Miguel! Como uma besta! Como ele pode fazer isso? Ele sugou a força da vida deles para si mesmo e caminhou pela câmara rindo. Uriel tentou detê-lo. Ele realmente tentou. Ele era o mais forte de nós. Mas Asmodeus só ria dele. Ele zombou de Uriel e, então, ele... ele o matou. Ele matou Uriel! — Camael gritou o nome dele e caiu nos braços de Rafael.

Kara se sentia entorpecida. Uriel estava morto. Asmodeus o havia matado. Era irreal que alguém tão poderoso pudesse sumir. Por vezes, ele havia sido gentil com ela. Sua alma lamentou a perda.

Camael puxou Miguel para mais perto.

— Ele o torturou, Miguel! O torturou! Ele o segurou e o cortou em pedaços lentamente. Asmodeus ria e dançava enquanto Uriel gritava de dor. Foi horrível. Ele tomou sua essência e depois veio atrás de mim. Eu... Eu pensei que eu seria a próxima. — Ela fechou os olhos. — Ele me feriu, me queimou. Eu queria que a dor parasse. Eu queria morrer. Mas, então, ele parou. Ele disse que queria que eu sáísse e entregasse uma mensagem a você.

— Que mensagem?

— Que acabou. A Legião perdeu. — Camael abriu os olhos. Havia um lampejo de terror em todo o rosto dela. — Devemos nos juntar a ele agora... ou morrer. Ele disse que ele lutaria com você com prazer.

Miguel largou Camael.

— Se é uma luta o que ele quer, então, uma luta ele terá. Ele vai provar a amargura da morte. Ele vai morrer nas mãos de uma

lâmina do inferno.

As vestes de ouro e prata de Miguel esvoaçaram atrás dele quando ele atravessou a câmara. Ele parou diante do pacote embrulhado com pano dourado. Kara viu quando Gabriel o olhou desconfiado. Ela se mexeu nervosamente. O que estava embrulhado naquele pedaço de pano? E o que exatamente era uma lâmina do inferno? A tensão a estava deixando louca.

Depois de um momento, Miguel estendeu a mão e removeu o pano. Kara engasgou. Chamas levantaram-se do lugar no qual estava o item. E, por um momento, a mesa foi banhada por uma cor dourada suave. Kara atravessou a sala. Ela podia ver chamas amarelas refletidas nos olhos de Miguel. Ela olhou para baixo. Um punhal dourado jazia em cima de um pedaço de pano. Chamas flamejavam e dançavam em torno do punho e da lâmina. A lâmina brilhava. Ela era feita de fogo.

Miguel levantou o punhal no ar. Chamas douradas saíam da sua mão e desciam por seus braços. O braço todo estava em chamas de fogo dourado. Com o rosto cheio de determinação, ele parecia mais alto e mais temível. Kara queria saber se era efeito da lâmina. Ele despertava temor. Ela percebeu que estava com mais medo dele do que de qualquer demônio. Kara deu um passo para trás. Se alguém pudesse derrotar Asmodeus, ela estava certa de que seria Miguel.

Miguel abaixou o braço e examinou a lâmina com cuidado.

— Uma arma feita pelos criadores das chamas dos céus, para um único propósito: trazer a morte verdadeira a um arcanjo. A lâmina

que mata os arcanjos eliminará o demônio Asmodeus.

Kara observou o fogo ao redor de mãos e dos braços de Miguel. Ela agora entendia o olhar reprovador de Gabriel. Ele sabia que isso poderia matá-lo.

— Espere! — Camael estendeu os braços no ar. — Você não sabe o que ele fez. Você não conhece o poder que ele tem agora.

— Nenhum arcanjo pode sobreviver à lâmina do inferno. Ele vai morrer.

Camael balançou a cabeça.

— Não acho... você não entende. Ele não é mais apenas um demônio. Ele mudou.

Rafael trocou um olhar de preocupação com Miguel, mas ele ignorou. Ela tirou uma longa mecha de cabelo do rosto de Camael.

— O que você quer dizer, Camael? Em que sentido ele mudou?

Camael lutou com o que estava prestes a dizer.

— Ele ingeriu as almas dos arcanjos. Sua energia fluiu dentro dele. A força deles agora é a sua força. Ele não será derrotado facilmente.

— Ele será derrotado, apesar de tudo. — os olhos de Miguel brilharam com ódio.

— Ele está planejando isso há muito tempo. Ele sempre quis controlar o Horizonte.

— Ele tem planejado? — deixou escapar Kara antes que pudesse se conter. Todos os olhares se voltaram para ela, e ela desejou sumir.

Camael virou-se e observou Kara por um momento. A voz dela estava calma quando ao falar:

— Sim. Mesmo como um arcanjo, eu podia ver seu desejo de poder, e fiquei preocupada. Sua alma havia se corrompido. Sua fascinação e sua habilidade natural para liderar criaram seguidores. Anjos e arcanjos pareciam ouvi-lo e adorá-lo. Foi muito fácil para ele, e sua fome por poder só cresceu. Ele tentou um ataque com um grupo formado por nossos anjos mais poderosos e talentosos. Ele quase conseguiu, você sabe. Mas, no final, não teve membros suficientes, e a Legião os derrotou. Asmodeus e seus seguidores foram banidos para o submundo.

— Ele não aceitou ser banido. Asmodeus era um arcanjo orgulhoso e o mais forte entre nós. Eu vi o ódio nos olhos dele quando ele partiu. Soube, então, que não seria a última vez que o veríamos. Nunca imaginei que pudesse ser assim.

Gabriel bateu com o punho na mesa. Kara e os outros olharam.

— Ele vai pagar caro pelo que ele fez!

Camael balançou a cabeça.

— Eu não consigo entender como ele consegue consumir as almas de todos os arcanjos e ainda estar vivo. Seu corpo não deveria ser capaz de suportá-las. Nós, criaturas, não fomos criadas

para suportar tanto poder. Ele deve ter aprendido algo que nós desconhecemos. Isso tudo não faz sentido para mim.

Miguel virou-se para Gabriel.

— Prepare as tropas. Sairemos em quinze minutos. Temos de agir agora, enquanto ainda existem alguns de nós que são capazes. — Ele guardou a lâmina ardente em uma bainha de couro presa firmemente ao seu tornozelo. Kara não mais podia ver as chamas. Ele se endireitou e dividiu um olhar com Gabriel.

— Nós sabemos onde ele estará. Está na hora.

Gabriel assentiu em silencioso. Ele se virou e se dirigiu aos outros.

— Guardiões, siga-me. Nós vamos nos encontrar com o resto das tropas no átrio. Não, não você, Kara.

— O quê? — a voz de Kara levantou-se antes que ela pudesse se conter — Eu sou uma guardiã. Eu também vou.

— Não, você ficará com Rafael.

— Eu não vou ficar para trás! — Kara bravejou. Ela viu a irritação no rosto de Gabriel, mas não conseguia se controlar. Ela havia arriscado sua vida para chegar até ali e lutar ao lado de seus amigos. Esta luta era sua também. Eles não conseguiam tirar isso dela. — Eu vou.

— Não.

— Por que não? Isso é loucura!

— Porque sabemos que Asmodeus tem a intenção de matá-la. Você está segura aqui.

Kara cerrou os punhos.

— Ele pretende matar todo mundo! Não vou ficar aqui e me esconder como covarde.

— Precisamos de você a salvo, Kara.

— Eu vou! Ele me usou para matar todos aqueles mortais e agora os anjos. Você acha que vou ficar quieta? Você não me conhece. Não vou ficar para trás.

Miguel afastou Gabriel. Seus olhos estavam fixados em Kara.

— Pode imaginar o que aconteceria se ele a matasse e sugasse seu poder? Camael nos disse que ele está absorvendo a essência dos arcanjos. E se ele planeja fazer o mesmo com você? O que acontecerá se ele conseguir? Você pode pensar na devastação que ele poderia causar com seu poder elemental através dele? Ele se tornaria uma criatura que ninguém seria capaz de vencer. Nem mesmo uma lâmina do inferno poderia feri-lo. Todos nós pereceríamos.

Kara só podia olhar. Ela não havia pensado nisso. Embora doesse admitir, ela sabia que Miguel estava certo. Ela teria de ficar para trás. Kara pressionou seus lábios. Ela viu David olhando para ela. Ele deu um sorriso fraco e olhou para o chão.

Satisfeito, Miguel passou por ela, sem mais uma palavra, e desapareceu pela porta da câmara.

Gabriel ficou na porta.

— Danielle. David. Vocês vêm conosco. É hora de nós fazermos uma visita ao meu irmão perdido há muito tempo.

A mãe de Kara foi até ela e a abraçou.

— Não faça nada estúpido — sua mãe sussurrou em seu ouvido.
— Eu a conheço, Kara. Tenha cuidado. Verei você em breve.
Prometo.

Kara abraçou a mãe firmemente por um momento e depois a soltou. Ela forçou um sorriso.

David tentou chamar a atenção de Kara, mas ela não olhou para ele. Ela estava com raiva e vergonha. Não era justo.

Com aperto no peito, Kara os viu afastar-se pela porta.

Capítulo 16

Lá embaixo

Kara caminhou pela câmara pelo que parecia ser uma hora. Rafael repetidamente tentava convencê-la a se sentar, mas Kara estava inquieta. Toda vez que se sentava, pulava da cadeira com imagens de sua mãe e David sendo rasgados por demônios em sua mente. Ela pensou que estava ficando louca.

Kara se estremecia com a imagem de um Horizonte cinzento e solene, com nada além de cinzas escuras trazidas pelas rajadas de vento. Não. Ela nunca deixaria isso acontecer.

— Kara, por favor, sente-se — declarou Rafael, nervosamente ao lado de Camael. — Você está me deixando ansiosa. Ficar assim não ajudará em nada. Você precisa se acalmar.

— Não posso — resmungou Kara. — Isso é tudo culpa minha. E eu estou aqui, impotente. Como se sentiria se estivesse no meu lugar? Não é justo! — Kara chutou uma cadeira. Ela percebeu quão infantil era aquilo para os arcanjos, mas não se importava. Fazia bem colocar a frustração para fora.

Rafael pressionou as mãos nos quadris.

— Bem, não é culpa sua. Você tem que parar de culpar a si mesma.

— Foi culpa minha. Sem mim, nada disto teria acontecido. Asmodeus não ter sido capaz de usar o espelho das almas para

atacar o mundo dos mortais e usá-lo como uma distração para atacar o Horizonte. Você não vê? Isso é minha culpa!

— Você não é responsável pelo plano de um louco. Ele é quem está fazendo isso, não você. É desejo dele dominar todas as coisas, ele é a causa de toda essa loucura. Você não quis ajudá-lo, Kara. Você tentou impedi-lo.

— Exatamente. Eu tentei e falhei. — Kara caiu em uma cadeira. Ela pensou de repente em Jenny e Peter. — Rafael, você sabe se meus amigos Peter e Jenny conseguiram voltar em segurança? — Kara olhou ansiosamente no arcanjo.

Rafael, que havia ido ao outro lado da sala para buscar um frasco de líquido roxo para Camael, retornou e se sentou ao lado de Kara.

— Pelo o que sei, eles ainda estavam em missão quando toda esta confusão aconteceu. Provavelmente estão no oitavo plano com o resto dos guardiões. Eles estão seguros, Kara. Tenho certeza disso.

Kara assentiu com a cabeça. Parte dela se relaxava com a garantia de que seus amigos estavam a salvo — pelo menos eles seriam poupados se as coisas dessem erradas. Ela se perguntava se a lâmina especial de Miguel seria forte o suficiente. Seus poderes podiam ter sido de alguma utilidade para eles. Ela poderia ter encontrado uma maneira de ajudá-los, sem ser pega por Asmodeus. Ela tinha certeza disso. Ela deve estar lá com eles, lutando. Nada era pior do que ficar ali, como uma inútil em meio aos feridos. Este era um caso perdido. Kara repousou-se no braço da cadeira. Os dedos dela fincavam a madeira macia. Sua mãe e David estavam lá fora,

provavelmente sendo mortos, enquanto ela se sentava e brincava de casinha com uma curandeira gigante. Aquilo estava errado. Ela se sentia mal. Ela tinha de fazer algo.

BOOM!

A porta se abriu com um estouro. Um oráculo estava na sua bola de cristal, atrás da porta. Seu cabelo branco estava em pé, como uma corrente elétrica percorresse seu corpo. Com olhos azuis enlouquecidos, ele procurou alguma coisa na sala. Ele dançou nervosamente em cima de sua bola, seu manto de prata balançava à sua volta. Finalmente, ele encontrou Kara.

— Ah! Lá está ela! Rápido, rápido, senhorita Clara! — Ele sacudiu os braços no ar teatralmente, e Kara estava certa de que ele escorregaria e cairia da sua bola de cristal a qualquer momento. — Devemos nos apressar, devemos nos apressar!

Kara ficou de pé com um pulo e correu até o oráculo.

— O que houve, oráculo? O que aconteceu? Minha mãe está bem? E David? — o pavor encheu sua mente. A imagem de um demônio superior arrancando a alma de David a assombrou. Ela estava paralisada.

A oráculo nervosamente puxou sua barba.

— Coisas terríveis, terríveis, senhorita Clara. Temos que ir agora. Rápido. Não há tempo a perder.

— Mas aonde é que vamos, oráculo? — de alguma forma, Kara já sabia.

— Para o Alto Conselho. Depressa. Eles precisam de você. — O oráculo estava histérico. Ele deu uma olhada por sobre o ombro, como se esperasse que alguém o seguisse.

Kara deu um passo adiante, determinada, mas Rafael a puxou de volta.

— Não, Kara — disse Rafael, com o rosto sério. — Você ouviu o que Miguel disse. Se Asmodeus quiser matá-la e sugar os seus poderes, tudo estará perdido. Não posso permitir que vá. Fique aqui com a gente.

— Não! — O oráculo agarrou as vestes de Rafael apressadamente. — Ela deve estar lá. Eu vi tudo! É assim que deve ser. É ela. É ela que vai nos salvar deste mal. Se a senhorita Clara não puder ir... — a oráculo soltou o manto de Rafael e ergueu os olhos, olhando para nada em particular — Então, tudo estará perdido.

Um arrepio passou por Kara. O que o oráculo estava dizendo? Kara se sentia perdida. Ela sabia que oráculos podiam ver o futuro, e este a havia visto no Alto Conselho. Aquele era um sinal. Ela devia partir.

— Eu vou com ele. — Kara olhou o belo rosto de Rafael. — Você o ouviu. Eu preciso estar lá. É importante, Rafael. Eles precisam de

mim. — Ela torceu para que previsão do oráculo fosse suficiente para convencer o arcanjo.

A expressão preocupada de Rafael deixava Kara mais nervosa. Ela podia ver a mulher lutando contra algo internamente. Finalmente, ela falou:

— Se é isso o que o oráculo viu, que assim seja. Eu não posso mudar o que é predito pelos oráculos. Vá, Kara. Que as almas a protegem.

Kara saltou para os braços da mulher e a abraçou da melhor forma que podia, mesmo que seus braços não pudessem dar a volta em todo o ombro dela. Ela a beijou na bochecha.

— Obrigada.

Sem mais um segundo a perder, Kara seguiu o oráculo porta afora.

Kara correu junto com a bola de cristal, por um caminho de cascalho que levada da montanha até um vale exuberante de colinas verdes e amarelas. O som das rochas esmagadas pela bola de cristal silenciava o som de suas botas batendo no chão. Ela se esforçou para acompanhar o oráculo. Ele era surpreendentemente rápido. Sua enorme bola de cristal rolava pelas colinas sem esforço, sem diminuir o ritmo. Em pouco tempo, eles haviam atravessado o vale e se encontravam em uma densa floresta.

Kara percebeu uma centelha de movimento com o canto dos olhos.

Uma grande criatura investiu de dentro das árvores. Antes que ela tivesse tempo de reagir, ele cortou seu rosto. Uma dor explodiu em sua cabeça e ela caiu no chão. Ela se virou e olhou para o agressor. Ele se erguia sobre duas patas musculosas com pés de cascos. Tinha braços compridos e mãos grossas com garras afiadas amarelas. Sua pele estava molhada e crua, como se apenas carne cobrissem os ossos, sem nenhuma pele. Um líquido negro derramava de uma grande fissura escancarada em seu peito volumoso. Para espanto de Kara, ele não tinha cabeça.

O demônio saltou no ar. Kara recolheu os pés quando a criatura pousou centímetros diante dela. O cheiro de decomposição chegou ao seu nariz. Suas garras grandes arremeteram-se contra ela. Kara pulou para trás. Com a lâmina da alma segura em sua mão, ela atacou a criatura, mas errou. O demônio se desviou do seu ataque facilmente. Com suas pernas poderosas, ele se movia muito rápido. Ele investiu contra ela novamente, com sua boca escancarada. Kara podia ver centenas de dentes amarelos pontudos, com carne entre alguns deles. Ela desviou e cravou a lâmina no abdômen da criatura. Ela puxou o braço. O corte era profundo. A criatura urrava de raiva. Ela caiu de joelhos com sua ferida. Kara caminhou em direção à criatura, com sua lâmina ao seu lado, pronta para matá-lo.

De repente, a gigantesca bola de cristal do oráculo caiu sobre o demônio. Kara ouviu um grito abafado e o som de ossos sendo esmagados, transformando-se em pó. Kara viu um monte achatado de carne e ossos. Não havia nenhuma forma de determinar para qual parte da criatura ela estava olhando. Ela olhou para a oráculo com surpresa. Seu rosto estava sério.

— Criaturinhas imundas. Todas elas, bestas sujas e imundas! Acham que podem vir aqui e destruir o nosso lar! Eu não acho!

— Uau... você realmente mostrou a ele, não foi? — riu Kara. Ela olhou para a bola para ver se ela estava manchada com os restos mortais do demônio. Não. Ela estava perfeitamente limpa, como se nunca tivesse esmagado nada.

Kara ouviu um galho estalar. Ela se virou. Dez outros demônios sem cabeça vieram pela floresta. Seus membros se arrastavam no chão enquanto eles saíam em disparada na direção deles. Kara ficou paralisada. Ela tentou invocar seu poder elemental, mas não sentia nada além de uma dor maçante dentro do peito.

Houve um súbito estouro, e uma pequena porta redonda começou a se abrir na bola de cristal.

O oráculo saltou e foi apressadamente em direção à porta.

— Pode entrar! Rápido, senhorita Clara! Não temos muito tempo. As bestas estão chegando.

Kara olhou de boca aberta para o buraco redondo perfeitamente esculpido no cristal gigante. As bordas eram suaves, como se alguém tivesse cortado com um laser. Ela nunca havia notado uma porta antes. Mas, agora, ela estava ali, entreaberta, como um segredo bem escondido.

— Você quer que eu entre aí? — Kara apontou com a ponta de sua lâmina.

A oráculo olhou nervosamente para a horda de demônios que se aproxima.

— Não há tempo para discutir, senhorita Clara! Há demais dessas feras desagradáveis!

— Como vou conseguir passar? A porta é muito pequena e eu sou grande demais para caber lá dentro — ela enfiou a cabeça no compartimento de vidro. Parecia exatamente como o interior de uma grande tigela. Os raios de sol brilhavam através da superfície lisa e refletiam uma miríade de cores ao longo de suas paredes curvas. Brilhantes arco-íris se reproduziam diante dos olhos de Kara. Era bonito o interior e ela se perguntava se os oráculos dormiam lá.

Ela sentiu uma súbita pressão nas costas e foi lançada para dentro da bola de cristal. Ela entrou de cabeça, torcendo seu corpo desajeitadamente. Depois de passar os pés, ela conseguiu se sentar. Aquele lugar era apertado feito uma lata de sardinhas, mas, no entanto, Kara cabia ali. Que escolha ela tinha? Ela podia ver as sombras das árvores à sua volta. Era como olhar através de uma garrafa espessa. As formas estavam distorcidas, mas ela ainda podia identificá-las.

— Segure-se, Clara. As coisas podem ficar um pouco agitadas.

— Certo, obrigada pelo aviso — gritou Kara de dentro do estômago de cristal, um pouco irritada e, de repente, um pouco claustrofóbica também.

A porta se fechou com um estrondo, e as bordas desapareceram. Kara não conseguiria mais sair. Era como se a porta nunca tivesse existido. A oráculo subiu na bola e jogou sua barba nos ombros. Os sons de grunhidos chegaram e ela viu as silhuetas dos demônios se aproximando. Eles estavam quase em cima deles.

De repente, Kara foi lançada contra a parede com força inimaginável. Presa em um dos lados do cristal, ela olhou em volta. As formas passavam feito um borrão. Não sabia dizer o que ficava em cima e o que ficava embaixo. Era como um turbilhão de imagens misturadas. Ela sentiu-se girando sem parar. Isso a fez se lembrar dos passeios na cidade, aqueles que costumavam fazê-la vomitar. Ela estava feliz de não ser capaz de vomitar mais, pois aquele espaço era muito apertado.

Quando Kara pensou que nunca mais deixaria de girar, a bola de cristal parou de repente. Ela caiu de rosto, suas pernas estavam dobradas desajeitadamente atrás dela. Com um estouro, a porta se abriu e Kara viu o rosto do oráculo lá dentro.

— Peço desculpas pela viagem atribulada, senhorita Clara. Mas isso foi necessário. — o oráculo olhou para trás. — Vou demorar um bom tempo para eles nos alcançarem, essas criaturas nojentas. — Ele sorriu para ela.

— Está tudo bem... é sério. — Kara tentou sair de seu confinamento. Ela caiu no chão e esfregou a cabeça. — Fico feliz de sair.

Ela olhou ao redor e percebeu que estavam fora da floresta. Um elevador grande de metal estava diante deles, brilhando à luz do sol. Kara piscou seus olhos. As portas estavam abertas, e ela não podia ver nenhum operador. Estava vazio, exceto pelo banquinho de madeira apoiado contra a parede lateral.

— Onde está o operador? — Kara procurou nos jardins perto do elevador. Não havia nenhum primata de qualquer tipo. O elevador parecia ter sido abandonado.

O oráculo subiu na sua bola de cristal e virou-se para fazer uma análise mais aprofundada.

— Não sei. Não há ninguém lá, com certeza. — Endireitou-se. — Não importa, ele vai funcionar do mesmo jeito.

Kara se lembrou da carne presa nos dentes do demônio. Ela teve a desagradável sensação de que um dos demônios sem cabeça havia comido o operador do elevador. Ela torceu para que estivesse errada e para que ele tivesse fugido e se escondido na floresta. Ela não culparia a pobre criatura se ele estivesse se escondendo. O mundo deles havia enlouquecido. Seus corpos rasgados estavam espalhados pelos desertos. Ela estremeceu e afastou os pensamentos da cabeça. Eles precisavam chegar ao nível seis.

Kara entrou no elevador e se virou. Ela franziu a testa.

— Você vem?

O oráculo balançou a cabeça tristemente.

— Não, menina. Devo permanecer aqui. Esta é a sua viagem, não a minha. Você deve ir sozinha.

Kara esperava a companhia do oráculo no caminho ao Conselho. Ela não sabia o que esperar. Uma pessoa a mais seria apreciada.

— Então, o que devo fazer quando chegar ao Conselho? O que você vê, oráculo? — Kara tentou esconder o arrependimento na voz dela, mas parecia mais medo.

O homenzinho entrelaçou a barba longa com os dedos.

— Eu não posso dizer, por medo de que poderá mudar o resultado dos eventos. Eu não posso mudar o que é para ser, assim como você não pode mudar seu destino. Só posso dizer que você deve ir até o nível 6. O resto é com você, minha cara.

Kara se encolheu. Ela queria mais informações do oráculo. Ela odiava enigmas.

— Bem, obrigado de qualquer forma, oráculo. Deseje-me sorte. E espero que tenha um final feliz nas suas visões.

A oráculo sorriu e acenou com a mão pequena.

— Boa sorte, Clara. Que as almas a protejam.

— É Kara, não Clara — riu Kara com o olhar de surpresa no rosto do oráculo. Ela virou-se para o painel de controle e apertou o botão para o sexto andar. Houve um barulho de campainha, e as portas deslizaram, fechando-se.

Após cerca de um minuto, houve outra campainha, seguida de uma sacudida, e as portas se abriram, revelando um céu cinzento escuro. Ventos fortes invadiam o pequeno compartimento, e Kara sentiu o elevador tremer, como se um gigante o estivesse movendo para lá e para cá, feito uma bola. Ela segurou-se nas laterais e esforçou-se para passar pela porta.

O céu escuro estava pesado, com nuvens negras e o retumbar de um trovão. Não havia nenhum vestígio das belas nuvens brancas e do céu azul penetrante do nível 6. Ele parecia esgotado, atormentado pelo mundo dos mortos.

Kara apertou os lados quando outra rajada de vento balançou o elevador. Ela piscou. Será que havia algum carro celeste ou todos teriam sido destruídos também? Ela não podia ouvir a batida dos motores deles com o rugido do trovão. Talvez eles estivessem lá, se escondendo nas nuvens.

— Sam! Sam! — gritou Kara contra o vento. — Sam, preciso da sua ajuda! Sam — você está aí?

O desespero a encheu enquanto espera o pássaro. Se ele não viesse, como ela conseguiria chegar do outro lado? Ela não podia voar. Até os guardas da prisão estavam ocupados lutando contra os demônios nas Operações. Ela não podia esperar pegar uma carona com eles agora. Como os outros fizeram para chegar do outro lado? Talvez tivessem usado o último dos carros celestes. Kara olhou o céu escuro em busca de qualquer sinal de movimento. Seu cabelo era jogado em seu rosto pelo vento. Nada se movia, exceto o vento. Como é que ela iria atravessar?

Uma ligeira batida chegou aos seus ouvidos. Ela ouviu novamente, só que mais perto desta vez.

Kara fitou o céu enegrecido em busca do som. Um pequeno ponto branco cortava uma nuvem cinzenta. Ela reconheceu o corpo branco do carro celeste. O carro mergulhou em direção a ela e, em instantes, pairou na porta. Um grande pássaro branco com asas negras estava diante do dispositivo voador. Ele usava um boné vermelho com os números 2555 costurados em ouro. Os cantos de seu bico amarelo se abriam em um sorriso.

— Sam, ao seu serviço, senhorita Kara! — gritou o pássaro. Ele bateu as asas e saltou para a engrenagem de metal T. Ele tirou o chapéu e curvou-se dramaticamente. — Gosta do meu novo carro? Os guardas da prisão destruíram o outro. Eu tive que usar todas as minhas economias para comprar este novo bebê. — Ele estufou o peito e sorriu.

Sem hesitar, Kara pulou no carro celeste. Ele balançou para o lado com o peso dela, e ela agarrou-se aos bancos. Parecia exatamente como o antigo.

— É lindo, Sam. Estou tão feliz por estar aqui. Preciso ir imediatamente ao Conselho dos Ministros. Quão rápido pode ir? — Ela prendeu seu cinto de segurança. Ela já havia montado nos carros voadores antes e sabia que a viagem era atribulada.

Sam abriu as asas.

— Mais rápido que um relâmpago! Aqui vamos nós. Segure-se! — Sam empurrou todo o seu peso para a frente com o equipamento. O carro celeste ganhou vida e partiu a toda velocidade.

Kara foi lançada com força contra o assento à medida que o carro ganhava velocidade. Formas passavam por ela feito um borrão. Ela podia ver os edifícios flutuantes se aproximando rápido. Antes que percebesse, o carro celeste desacelerou, parando sobre uma zona de pouso bem grande. Kara soltou o cinto e saltou do veículo. Ela subiu numa plataforma de metal na parte mais elevada do edifício do Conselho.

— Oh, céus. — Sam tirou o boné e o colocou sobre o peito. Seus olhos estavam úmidos.

Kara olhou ao redor. Armas estavam quebradas em vários montes de metal. Pilhas de uniformes e trajes estavam espalhadas pelo chão. Um calafrio a percorreu. Havia ocorrido um banho de sangue. Ela pensou em sua mãe e em David. Um grito escapou de seus lábios. Algum daqueles trajes seria deles?

Sem agradecer a Sam, nem o pagar, Kara correu loucamente por toda a plataforma e abriu a porta de metal do outro lado. Um ar quente chegou a suas narinas, junto com um leve cheiro de podridão. Ela correu pelo corredor. Mais pilhas de trajes jaziam no chão. Outro gemido escapou de seus lábios. Ela trazia consigo a lâmina da alma que sua mãe havia lhe dado, suprimindo o tremor em seus dedos.

Logo, Kara chegou às portas de bronze maciço que levavam à câmara do Conselho. Ela notou que uma das portas não estava totalmente fechada. Havia espaço suficiente para ela entrar. Ela podia ouvir um barulho alto enquanto se aproximava. O nervosismo aumentou. Ela ouviu um grito. Parecia a voz da sua mãe.

Kara se espremeu através das portas.

No começo, ela viu o pé de Asmodeus sobre o estrado, no extremo oposto da câmara redonda. As mãos dele estavam em volta de algo em seu peito. Ele estava rindo. Miguel estava a alguns passos dele. Uma expressão de choque estampava seu rosto.

A cúpula de vidro havia sido quebrada e cacos de vidro enchiam o chão, como um tapete gigante de cristal. Uma rajada de vento soprou pó no rosto de Kara. A única fonte de luz vinha das poucas lamparinas de metal que cercavam a câmara redonda. Ela chegou mais perto. Anjos jaziam em pilhas, com seus corpos torcidos de forma pouco natural. Suas essências vazavam de suas muitas feridas, e os demônios se deliciavam com elas. Gritos de angústia chegou aos ouvidos dela. Ela se arrepiou. Aquele era o massacre que ela temia. Ela procurou por David e sua mãe, mas não havia sinais deles em lugar nenhum.

Um riso se ergueu acima do assobio dos ventos e dos gritos dos anjos. Kara viu o senhor dos demônios tirar uma lâmina feita de fogo do peito dele, rindo. Era lâmina do inferno. Ele estava incólume, sem qualquer sinal de lesão ou dor. O senhor dos demônios girava o punhal do inferno nos dedos, com um olhar de triunfo no rosto.

Houve um súbito clarão.

Uma mistura de fogo e relâmpagos negros surgiram no ar. Kara ouviu um grito. Miguel caiu no chão, com a lâmina do inferno em seu peito. Instantaneamente, ele começou a arder em chamas, com um fogo dourado. Kara ouviu um barulho, e logo depois o fogo apagou. Com um som suave, a lâmina caiu no chão. Uma nuvem de partículas brilhantes pairou sobre onde o corpo havia permanecido. Uma luz suave brilhou e desapareceu em uma rajada de vento.

Miguel, comandante da Legião, não existia mais.

Capítulo 17

Fazendo uma escolha

Silêncio. Kara se sentia entorpecida, seu corpo estava rígido. O local estava cheio de demônios menores. Centenas de demônios se arrastavam ao longo das paredes; seus corpos torcidos e úmidos brilhavam sob a luz suave. Barulhos ressoavam na câmara à medida que as bestas brigavam entre si a procura de um lugar melhor. O ar tinha cheiro de carne podre.

Um grande anjo sentava-se no chão em frente a ela. Lesões brancas cobriam sua pele escura. Feixes de luz derramavam de suas muitas feridas, mas Kara podia ver que ele estava alerta, enquanto pendia de um banco nas proximidades. Os olhos de Gabriel encontraram os dela. Doía ver a tensão no rosto aflito dele. Por um momento, ela pensou que ele estava tentando comunicar algo a ela. Seu rosto se transformou numa profunda carranca. Ele parecia aborrecido por vê-la ali. Ela percebeu que ele estava com atemorizado pela desobediência dela. Ela balançou a cabeça, implorando com os olhos e tentando dizer com seus lábios que tudo estava bem. A expressão de decepção dele a fez parar. Kara não sabia bem o que faria, de qualquer modo. O oráculo havia dito que ela devia estar ali, mas ele não lhe contara o resto.

Asmodeus aplaudiu. Seu cabelo preto brilhava na luz suave.

— Bravo, bravo. Que desempenho. Vou morrer de tanto talento. Mas, infelizmente, que desperdício de uma alma poderosa. Ele poderia ter me dado mais poder.

Ele levantou os braços diante de si. Ele usava o seu habitual terno vermelho sangue perfeitamente ajustado ao seu corpo grande. Ele olhou para Kara.

— Aí está você, minha filha. Mais uma vez você chega bem na hora do show. — Asmodeus estalou os dedos.

Dois demônios superiores a pegaram. Ela tentou se libertar, mas os demônios eram muito fortes.

— Tirem suas mãos de mim! Deixe-me ir!

Com as mãos entrelaçadas nas costas, Asmodeus passeava pela plataforma.

— Você gosta de jogar, Kara? Nós nunca brincamos juntos, você e eu. Como seu pai, você não acha que devia ter jogado alguns jogos?

— Vá para o inferno.

— Mas, mas... isso não é jeito de falar com seu pai, minha filha. Tenho de lavar essa sua boca. — O senhor dos demônios franziu a testa.

Kara desejou poder cuspir no rosto dele.

— Você não é meu pai — ela sussurrou.

— Ah, mas eu sou, sim. Sabe, eu a criei. Portanto, eu sou seu pai. E como seu pai, eu vou decidir o que fazer com você. E agora eu gostaria de jogar um jogo. Zadkie, pode trazê-los.

Kara ouviu um barulho na outra extremidade da câmara, atrás do estrado. O traidor Zadkiel apareceu das sombras. Sua cabeça careca brilhava na luz. Ele caminhou por entre demônios que vaiavam e cuspiam à medida que ele andava. Duas formas se debatiam contra ele. Kara estremeceu. David e sua mãe estavam nas garras do arcanjo. Kara observou enquanto ele os arrastava para o centro da câmara, trazendo-os pelo pescoço. Kara soltou um gemido ao ver sua mãe. Cortes profundos cobriam suas bochechas e testa, e uma das pernas parecia quebrada. Ela lutou para manter-se de pé. David parecia estar em melhor forma. Seus olhos se encontraram. Ela viu que ele balançava a cabeça. Kara sentiu um choque de eletricidade passar por seu corpo. Aqui não podia estar acontecendo.

— Deixe-os ir, seu monstro! Eu vou matar você... Eu juro que vou matar você se os machucar. — Kara ardia de raiva. O poder elemental instantaneamente se despertou, como se ela tivesse ligado um interruptor. O poder saía dela mais rápido do que nunca. Ela sentiu o calor surgir através de cada fibra do seu corpo. Ele a envolveu como uma barreira protetora. Ela termia de raiva.

Asmodeus levantou uma sobrancelha.

— Monstro? Você me decepcionou, filha. Pensei que você entenderia o que eu fiz. Essa fome de poder que flui dentro de você agora, é a mesma que eu sinto... mais ou menos. Somos parecidos, você e eu.

— Não sou como você — disse Kara. — Eu não mataria pessoas inocentes. Eu não sou um monstro como você. — Ela olhou para o senhor dos demônios. Ela sabia que estava prestes a liberar seu

poder. Ela sabia que ela não seria capaz de controlá-lo. Ainda assim, ela continuava.

— Inocente. Ninguém mais é inocente. — Asmodeus ajustou sua gravata borboleta vermelha e alisou a frente do casaco. — Pegue seu amor por exemplo. Ele não é tão inocente quanto você pensa, minha querida. Misturando-se com mulheres mortais, quebrando as leis proibidas. Talvez devamos ensinar-lhe uma lição...

Uma explosão de corrente elétrica saiu das mãos de Asmodeus, golpeando David. Ele gritou e caiu de joelhos. Ele tremeu violentamente e minúsculas faíscas negras começaram a sair de dentro de seu corpo.

Naquele mesmo instante, Kara lançou seu poder. Seu corpo lançou raios de ouro. Ela ouviu um grito abafado e sentiu a força de uma explosão à sua volta. Com uma força tremenda, dirigiu um feixe de energia em direção à plataforma. Ela atingiu Asmodeus. Seu corpo desapareceu sob um casulo de videiras douradas. Kara ouviu um som crepitante. Os galhos dourados se quebraram e caíram chão como um emaranhado de cordas.

Asmodeus estava intacto.

Ele bateu palmas novamente, claramente se divertindo.

— Bravo, filha. Eu devo aplaudir a sua coragem. — Ele levantou os braços dramaticamente. — Mas, como você pode ver... seu poder não pode me ferir, querida. Sou muito poderoso agora... graças às almas dos meus colegas arcanjos. Só estou muito chateado porque

— você destruiu minhas vestes favoritas. — Ele esfregou a frente do casaco dele.

Kara sentiu seu poder diminuir como uma chama esmaecendo na ponta de um pavio. O oráculo havia lhe dito para ir ao Conselho. Ele dissera que ela deveria estar lá para fazer algo importante. Ela estava convencida de que era para usar seus poderes contra o senhor dos demônios. Mas não funcionou. O que ela faria agora? Claramente, o senhor dos demônios era muito mais poderoso do que qualquer um, até mesmo seus poderes elementais não surtiam efeito algum sobre ele. O medo penetrou fundo em sua mente. O que ela faria? O que ela havia feito?

Ela sentiu mãos fortes agarrá-la novamente.

— Você não pode se livrar de nós facilmente, amante de macacos — urrou um demônio superior. Ele sorriu-lhe friamente e cerrou seu punho. — Em breve, estará morta.

— Eu prefiro amar um macaco do que de um demônio imundo — Kara disse, esforçando-se para se soltar. — Solte-me, sua aberração! — Ela o chutou com força, mas o demônio não a deixava sair. Ele simplesmente ria dela, claramente se divertindo. Outro demônio segurou seu outro braço. Seus rostos idênticos sorriam para ela. Ela viu um lampejo de fome em seus olhos negros. Ela queria arrancá-los.

— Bem, agora que está resolvido. Vamos mudar para assuntos melhores... Ah, Danielle — Asmodeus olhou para a mãe de Kara. Seu rosto adquiriu uma expressão suave, e ele colocou as mãos

dramaticamente sobre o peito. — Ainda tão bonita quanto eu me lembrava... humm... não, mais bela do que eu me lembrava. Talvez ainda possamos reacender o que tivemos uma vez? O que você diz, minha querida esposa?

Danielle levantou os olhos dolorosamente.

— Como você pode, Samuel? Como você pode fazer isso com a nossa filha?

Um sorriso malvado se espalhou pelo rosto do senhor dos demônios. Ele se endireitou e esfregou seu cabelo.

— Zadkiel, deixe o garoto e traga ela para mim. Quero olhar nos olhos lindos da minha esposa.

Kara observou quando o arcanjo arrastou sua mãe pelo chão até a plataforma. Zadkiel a jogou no chão. Kara gritou e lutou ferozmente contra os demônios que a prendiam. Mas eles não a soltavam. Um riso doentio escapou de Asmodeus. Ele estava gostando de causar dor à sua mãe. Ela levantou a cabeça e viu a cena por entre os cabelos que estavam em seu rosto. Ele se abaixou e levantou sua mãe pelo pescoço. Os pés dela balançavam no ar, como um fantoche puxado por cordas. Ele levantou a outra mão e estalou os dedos. Uma energia negra serpenteou em volta deles.

— Agora, querida filha. Você deve escolher. — Asmodeus apontou para David. — O jovem que ama tão desesperadamente... ou sua amada mãe?

Kara ficou paralisada.

David estava no centro da câmara sozinho. Ele virou-se e olhou para Kara. Ele sorriu, tentando tranquilizá-la, mas Kara podia ver o medo nos olhos dele. Seus dedos contorciam-se nervosamente.

Asmodeus, gostava de ver o sofrimento nos olhos de sua filha. Ele sorriu e falou de modo casual.

— Quem vai viver... e quem vai morrer. Você deve escolher. — Ele riu baixinho para si mesmo. — Eu seria um ótimo apresentador de TV, não acha? Eu certamente tenho o carisma.

O olhar de Kara se encontrou com os olhos de David. Ela podia vê-lo lutando para esconder seu medo. A dor dele lhe doía.

— Por favor, por favor, pai, eu faço qualquer coisa, mas não os machuque. Eu vou fazer tudo o que você me pedir.

— Isso é o que eu peço de você. Você deve escolher... e escolha sabiamente.

Kara olhou de sua mãe para David. Ela tremia incontrolavelmente.

— Eu não posso... Não posso escolher entre eles...

— Você deve. Se você não escolher... Eu vou matar os dois.

Kara redobrou suas tentativas de fugir dos demônios, chutando-os como um animal enlouquecido. Os demônios retaliaram apunhalando-a com suas lâminas da morte. Ela gritou à deriva ao veneno que a queimava. Se ao menos ela pudesse fugir.

— Está tudo bem, Kara. Não se preocupe comigo — disse David, com a voz recortada. — Salve sua mãe. Mas me prometa uma coisa... prometa que você vai chutar o traseiro deste tolo. — Ele estendeu seus lábios trêmulos em um sorriso. Ela sabia que ele estava tentando ser corajoso. David McGowan não mostraria medo.

Kara soltou um grito e seu corpo amoleceu. Como escolher entre o garoto que ela amava e a sua mãe? Como alguém poderia escolher? Kara não podia. Ela parou de lutar contra os demônios.

— Eu não posso — disse ela finalmente, as palavras ardiam em seus lábios. — Como posso?

— Escolha! — rugiu Asmodeus. Detritos caíram do teto e cobriram Kara de pó. — Senão, morrerão os dois! Sua garota estúpida!

Sua mãe gritou. Videiras brancas envolviam seu corpo. Os vapores negros estavam sufocando a vida dela. Kara sabia que ela estava à beira da morte.

Os lábios de Kara tremeram. Ela olhou para David. Ele olhou para o chão, querendo fugir dos olhos dela. Ela queria desesperadamente alcançá-lo. David, ela o chamou mentalmente. O que eu faço?

Asmodeus riu.

— Estou tão decepcionado com você, minha filha. Eu pensei que você teria escolhido o rapaz em vez da sua mãe. Bem... acho que vou ter de tomar a decisão por você.

Uma luz negra saiu da mão do senhor dos demônios.

Ela golpeou David no peito.

Ele gemia com a corrente de eletricidade queimando seu corpo de anjo. Ele caiu no chão. Seu corpo tremeu, e ramos negros de videira o envolveram. O som de sua carne sendo ferida a fazia sentir-se mal. Vapores negros emanava do corpo dele. Eles perfuravam sua pele feito ácido. Um terrível grito escapou de Kara. Ela não parava de gritar.

— Soltem-na. — Kara ouvi Asmodeus dizer de repente.

Ela caiu de joelhos e percebeu que seus braços estavam livres. Kara esforçou-se para ficar de pé e correu para David. Sua pele de anjo havia desaparecido e havia sido substituída por um escudo de luz brilhante.

Kara embalava seu corpo com cuidado contra o peito.

— David! David!

David abriu os olhos lentamente.

— Kara?

— Sim, estou aqui. Você vai ficar bem. — Ela gentilmente acariciou seu rosto.

— Kara. Desculpa. — disse ele com a voz recortada. Kara mal podia ouvi-lo. Ela inclinou-se mais perto, aproximando seus ouvidos dos lábios dele.

— Não há nada pelo o que se desculpar. Isso é culpa minha. Tudo isso é culpa minha.

Com o resto de sua energia, David apertou a mão de Kara.

— Eu queria... queria que nós pudéssemos ter nos conhecido como mortais. Poderíamos ter uma vida juntos, você e eu. Você é minha alma gêmea, Kara Nightingale. Nossas almas estavam destinadas a ficar juntas. E agora eu vou morrer, sem nunca ter a chance de ficar com você.

Kara puxou David para mais perto de si.

— Não... você vai ficar bem. Eu... eu vou levá-lo para Rafael. Ela vai fazer você melhorar, eu prometo.

— Mate-o, Kara...

— David!

Uma luz branca quente brilhou pelo corpo de David. Sua forma sólida estourou em 1 milhão de partículas pouco brilhantes. Elas pairaram por um momento acima da pilha de roupas de David, como uma nuvem de estrelas. Elas cintilaram e começaram a se levantar, carregadas por um vento invisível.

Kara soltou um grito. Ela se levantou e esticou os braços desesperadamente no ar, tentando capturar a essência de David. Mas as partículas brilhantes passavam por entre os dedos e desapareciam de suas mãos como flocos de neve que se derretiam.

Com um último esforço, Kara deixou suas mãos caírem ao lado de seu corpo e olhou para o escuro céu cinzento de onde David havia desaparecido.

Capítulo 18

Último chamado

Kara estava sozinha no centro da câmara, com um zumbido constante martelando em seus ouvidos. O espírito dela estava partido. David havia desaparecido para sempre. Ele estava morto. Asmodeus o havia matado. O chão começou a vacilar. Ela fechou os olhos e deixou-se cair.

Ela ouviu alguém sussurrar seu nome. Parecia vir de tão longe. Ela estava deitada sobre o chão de pedra frio, insensível ao mundo à sua volta. Ela sentiu duas mãos a levantarem suavemente e um abraço a envolver. Kara abriu os olhos.

— Mãe.

Kara chorou no peito da sua mãe. Ela gritou o nome de David. Mas como um anjo da guarda, não havia lágrimas. Não havia diminuição da dor como quando era mortal e suas lágrimas levavam embora consigo a tristeza. No Horizonte, não havia forma de colocar a dor para fora. Então, a sensação era cem vezes pior.

— Que reunião de família bonita, não acha? — disse Asmodeus.
— Finalmente, somos uma família, mais uma vez. Ah... Sinto uma empolgação por dentro.

Kara levantou a cabeça do ombro da mãe.

— Você... não é minha família — ela sussurrou e acrescentou tanto veneno às palavras quanto era possível.

Asmodeus levantou as mãos em derrota.

— Agora, querida filha. Não se zangue comigo, apesar de eu ouvir que os adolescentes não devem se dar bem com seus pais. Então, eu acredito que o seu ódio contra mim é completamente natural. Ele não era bom para você, Kara. Eu garanto. Posso lhe dar quanto garotos você quiser. Basta dizer e eles serão seus.

Asmodeus pisou fora da plataforma graciosamente e caminhou em direção a elas.

— Você está doente.

— Nem um pouco. Eu me sinto ótimo. — O senhor dos demônios jogou os pés e dançou no salão. — Nunca estive melhor! Eu estou invicto, como vê. Agora tenho todo o poder. Vou esmagar o que resta do mundo mortal e dominar o mundo espiritual. O Horizonte finalmente é meu. — Seu rosto se abria em um sorriso maligno. Ele olhou para cima e viu as hordas de demônios que se escondiam dentro e ao redor dos assentos da câmara. — Demônios, como prometido, o Horizonte é nosso. E hoje nós iremos banquetear. Vamos nos faltar das almas dos anjos!

Um rugido levantou-se na câmara. Demônios menores e superiores se uniram no Kara pensou que fosse algum tipo de canto cerimonial. Eles balançavam suas cabeças e urravam. O chão tremeu e Kara o sentiu vibrar. Demônios saltavam das paredes e pousavam em meio à multidão de criaturas abaixo. Seus cânticos ficavam mais altos. Eles rodeavam Kara e sua mãe. O cheiro de podridão se misturava com o cheiro azedo do hálito dos demônios. Kara viu o

terror nos olhos da mãe. Ela sentiu isso também. Elas estavam prestes a se tornar o prato principal no menu daqueles demônios.

— O que vai acontecer comigo mim e minha mãe? — perguntou Kara, com pânico na voz.

Asmodeus suspirou.

— Você deixou muito claro para mim que não quer fazer parte da minha... família. Então, o que acha que vai acontecer com você? Você é uma garota esperta. Eu vou dar uma dica: rima com "norte".

O senhor dos demônios riu e rodopiou no local.

As nuvens se separaram de repente, e um raio de sol penetrou pelo telhado, iluminando, por um momento, uma pequena parte da câmara com uma suave amarela luz e depois sumindo. Mas uma coisa havia chamado a atenção de Kara: era a lâmina do inferno, que estava a poucos metros dela.

O senhor dos demônios puxados as mangas de suas vestes.

— Eu definitivamente vou precisar de um traje novo. Mas não antes de fazermos uma pequena limpeza primeiro. — Ele ergueu os olhos, voltando-se para Gabriel. Ele sorriu. — Zadkiel, preciso que me traga aquele arcanjo patético ali. Estou precisando de um pequeno tônico para me animar.

Kara olhou para Gabriel. Ele não havia saído do lugar, pois ainda pendia em um banco nas proximidades. Com o queixo cerrado, o

grande arcanjo parecia determinado a morrer sem medo... a morte verdadeira.

E, então, sua ficha caiu. Ela sabia o que deveria fazer.

Kara afastou sua mãe suavemente e correu até o punhal. Ela o pegou. As chamas se envolveram em sua mão e em seus braços, mas ela sentiu apenas uma ligeira sensação de formigamento. Ela é agarrou a lâmina firmemente em sua mão. Ela era leve e natural.

O rosto de Asmodeus se retorceu. Ele riu alto.

— O que é isso? Espere um minuto, Zadkiel... minha filha deseja me ferir mais. Não é, Kara?

Kara o ignorou. Em vez disso, ela andou calmamente até seu pai. Ele parecia elegante, mesmo com seu traje vermelho arruinado. A lâmina pendia ao seu lado.

— A lâmina não pode me machucar, sua tola. Você não entendeu? Eu sou eterno. Nada poderá me ferir, nunca mais.

Kara ficou diante do senhor dos demônios. Ela sentiu o poder do punhal na mão direita. As chamas douradas faziam cócegas em sua pele. Ela pensou em David. Ela se lembrou de seus lindos olhos azuis. Ele era seu melhor amigo, seu mentor. Ela se lembrou de seus lábios macios quando se beijaram pela primeira vez. Ela ficara apaixonada por ele desde então. Ela se lembrou do quão incrível era estar nos braços fortes dele. Mas, agora, o rosto dele havia se evaporado na frente dela. Ela nunca iria vê-lo novamente.

Asmodeus riu como um garotinho da escola.

— Este dia está se mostrando ser melhor do que eu esperava. Minha filha... tentando me matar... mais uma vez. — o senhor dos demônios aplaudiu animadamente.

Sem expressão no rosto, Kara fixou os olhos nos do seu pai.

— Você está errado. Esta lâmina não é para você, querido pai. É para mim.

Kara enfiou o punhal em seu peito. Ela ouviu sua mãe gritar.

Ela se concentrou em Asmodeus. Seu poder elemental, o poder do punhal e sua essência de anjo combinados. Ela sentiu as três fontes se combinarem em um poder inimaginável. Ela ignorou a dor excruciante e focou apenas em Asmodeus. Ele precisava morrer.

Ela sentiu uma queimação, depois, o cheiro de carne queimada. Ela olhou para o seu corpo. Sua pele de anjo estava saindo dela, formando uma poça no chão. Ela estava derretendo-se como uma imagem de cera. Em breve, toda a sua pele havia desaparecido. Somente um escudo de luz dourada brilhante permanecera. Kara sabia que estava morrendo, assim como David. Ela sabia que não havia muito tempo antes de seu corpo ser completamente dissolvido.

Ela concentrou toda a sua energia em Asmodeus. Ela levantou os braços no ar. Uma luz dourada saiu de suas mãos e acertou seu pai demoníaco.

Ele cambaleou para trás, surpreso.

— O que é isso? — Seu corpo estava sendo consumido por um fogo dourado. Ele sacudia as mãos freneticamente. Kara ouvia o crepitar do fogo. Asmodeus gritava e corria às cegas em volta da câmara, desesperadamente tentando apagar as chamas. Seu som estridente ecoava por toda a parte. Em seguida, ele parou. Apenas as chamas se moviam, dançando por todo o corpo dele. Kara podia ver o outro lado da câmara através das grandes aberturas no corpo dele. Ele tropeçou e caiu no chão. Seu corpo em chamas explodiu em uma nuvem de pó negro. Pequenas partículas pairaram no ar por um momento e, então, desapareceram no nada.

Kara sentiu sua força vital deixando seu corpo. Ela conseguiu andar até onde David havia morrido e desabou no chão.

Ela pode ouvir a voz suave da mãe a chamando. Mas não conseguia vê-la. Ela tentou responder, mas sua boca não se movia. O doce som da voz de sua mãe a envolveu. Kara ficou feliz por sua mãe estar finalmente segura. A Legião estava segura. O Horizonte estava seguro. Ela havia cumprido seu dever.

Ela sabia que havia chegado sua hora e deixou-se ir.

Capítulo 19

Uma cobertura nas estrelas

Uma brisa suave cheirava a pinheiros e terra molhada. O suave murmúrio das pessoas falando era levado como folhas carregadas pelo vento. O som de garrafas de vidro e o barulho de metal batendo contra metal reverberavam. Algo pesado rapou o assoalho, líquido foram derramados e, em seguida, houve um baque alto, como se uma porta tivesse sido fechada.

Kara abriu os olhos. Formas borradas se moviam à sua volta. Ela piscou. Após um instante, sua visão voltou. Ela olhou ao redor. Uma luz vermelha entrava por uma janela logo acima, lançando um brilho quente ao redor da sala redonda. Kara reconheceu o quarto imediatamente. Ela estava na câmara de cura de Rafael. Com algum esforço, Kara sentou-se e inspecionou a si mesma. Ela estava vestida com confortáveis pijamas de linho branco, como aqueles dos hotéis luxuosos. Por que ela estava ali e vestindo pijamas? De repente, as memórias a inundaram.

David. Asmodeus. A lâmina do inferno.

Ela abriu alguns botões e examinou seu peito. Não havia sinais de nenhuma perfuração. Nada daquilo havia acontecido, tudo havia sido um pesadelo terrível. Uma mulher de cabelos ruivos estava sentada calmamente em uma cadeira nas proximidades, Camael, o arcanjo que havia sido ferido por Asmodeus. Rafael ainda tratava as feridas de Camael. Aquilo não havia sido um sonho.

David estava realmente morto.

— Kara! — Rafael correu até ela. Ela pegou a mão de Kara e apertou-a carinhosamente. — Eu estava tão preocupada. Eu... eu não sabia se poderia curá-la, mas consegui! — Ela olhou para o rosto perplexo de Kara. — Você só tinha vida suficiente para eu trazê-la de volta. Não consigo explicar. Talvez tenha algo a ver com sua parte elemental, mas fico feliz que tenha conseguido.

Kara olhou nos olhos verdes dela. Ela tentou sorrir, mas seu rosto estava entorpecido. Ela não conseguia nem agradecer a mulher sozinha. Ela não se sentia tão animada por estar de volta. Não sem David. Parecia que Rafael lia seus pensamentos. Envergonhada, Kara baixou os olhos e olhou para suas mãos.

— Ouça-me, Kara. — Rafael afastou uma mecha de cabelo do rosto de Kara, colocando-a atrás de sua orelha. Os olhos dela eram gentis. — Eu amava o David também e sinto muita falta dele. Mas não podemos mudar o que aconteceu. — Ela enconchou o rosto de Kara em suas grandes mãos. — Kara. Você nos salvou. Você salvou a Legião. Todos nós estaríamos mortos se não fosse por sua coragem e seu raciocínio rápido. Eu sei que se David estivesse aqui agora, ele ficaria orgulhoso de você. Estou orgulhosa de você. Todos nós estamos. Até sua mãe.

— M... minha mãe. Ela está bem, certo? — ela se lembrou vagamente da voz de sua mãe a chamando antes de desmaiar. Kara torceu para que nada tivesse acontecido com ela.

— Sim — disse Rafael — sua mãe está bem. Ela e Gabriel a trouxeram para mim.

A imagem do corpo de Gabriel coberto de feridas veio à mente de Kara.

— Então... o que aconteceu depois que eu apaguei? Onde estão os demônios?

— Eles se foram. Depois que viram seu mestre morto, eles correram como ratos assustados. Eles fugiram de volta ao submundo, o lugar ao qual pertencem.

— E o Zadkiel?

O arcanjo soltou um suspiro alto.

— Infelizmente, a traidor Zadkiel escapou. Gabriel disse que Zadkiel correu assim que viu seu mestre morrer, como um verdadeiro covarde. Quem sabe em qual buraco ele se enfiou. — Kara era capaz de pensar em um.

— Então, o Horizonte lentamente está se recuperando — continuou Rafael. — Ainda temos muita coisa para fazer, mas eventualmente chegaremos lá. O Horizonte será tão lindo como antes. E, em breve, todos os anjos da guarda voltarão ao trabalho, salvando os mortais. Antes que você perceba, estará de volta à sua antiga função.

Kara não podia falar. As palavras não saíam. Elas queimaram no fundo de sua garganta. Ela apenas concordou com a cabeça.

O arcanjo deu de ombros.

— Vamos trocá-la. O Chefe está esperando, Kara. Ele está muito animado para vê-la. — diante disso, Kara ergueu os olhos.

— Sim — continuou o arcanjo. — Ele quer conversar com você. Acho que ele quer um relato completo do que aconteceu. Ele é muito detalhista... certifique-se de contar-lhe tudo. Não deixe nada escapar. — Kara assentiu com a cabeça.

Kara encarou suas botas recentemente polidas. Elas estavam tão brilhantes que pareciam molhadas. A suave oscilação do elevador a fazia se mover ligeiramente da esquerda para a direita. O operador do elevador, um babuíno com dentes excessivamente grandes, que atendia pelo nome de 3B52, havia sobrevivido aos ataques. Ele não se calava e tentava implacavelmente convencê-la a falar também, mas ela só ouvia sons indistintos e olhava para o chão.

Uma campainha tocou. As portas do elevador se abriram. Kara olhou para fora. Uma luz branca cegou sua visão. Era como pisar no sol. Ela ouviu um estrondo atrás de si e sabia que o elevador havia partido. Kara caminhou ainda mais para a luz, e quando esta se dispersou, ela viu que estava em uma espécie de gigante cobertura de um apartamento.

O lugar era elegantemente mobilado com sofás e poltronas aparentemente macios e tapetes felpudos. Janelas altas de seis metros cobriam as quatro paredes. Um céu negro cintilava com o brilho dos cristais por trás do vidro, e Kara pensou que pareciam estranhamente com estrelas. Ela sentiu um calor vindo de um dos

lados. Ela virou-se e cobriu os olhos. Por mais incrível que parecesse, ela estava olhando para o sol. Ela correu para a janela mais próxima. Ela pressionou a testa contra o vidro e olhou lá para fora, no espaço sideral.

O grande apartamento flutuava em uma galáxia de milhões de estrelas, poeira e gás. Ela reconheceu o anel ao redor de Saturno e supôs que o maior planeta fosse Júpiter. O pequeno planeta que, sem dúvida, era a Terra, flutuava na escuridão. Mesmo dali, Kara podia ver as nuvens brancas fofinhas em volta do planeta azul. Era assim, então, que os astronautas viam o espaço sideral. Ele era mais bonito do que ela jamais imaginara. Listras de roxo e rosa pintavam o céu negro, como uma tela moderna.

Alguém limpou a garganta.

Kara se virou e olhou para o rosto de um homem idoso. Ele estava de pé, no meio da sala, entre um grande sofá e cadeiras cheias de almofadas fofas. A mesa de centro quadrada, que ficava ao lado dele, estava posta com pratos de comida e uma variedade de bebidas. O homem era de estatura média, com um rosto redondo, bochechas cor de rosa e pequenos olhos reluzentes. Seu cabelo branco caía por sobre os ombros. Uma barba espessa cobria sua enorme barriga. Ele usava um quimono branco com estrelas de ouro costuradas no tecido; ele era amarrado na cintura com um cinto de ouro. Kara achou que ele se parecia muito com Papai Noel. Ela quase sorriu.

O Chefe enrugou seu rosto em um grande sorriso.

— Bem-vinda, Kara. Eu estava esperando você.

Os cabelos de sua nuca se arrepiaram. Ela já tinha ouvido aquela voz antes. Ela estudou o homem mais de perto, tentando descobrir onde tinha ouvido aquela voz.

— Venha. Sente-se aqui comigo. — o Chefe apontou para o grande sofá bege ao lado dele.

Kara se deixou cair nas almofadas macias. Ela deu uma boa olhada em todos os alimentos. Havia uma variedade de travessas cheias batatas fritas, frango frito, pickles, anéis de cebola, salsichas, pizza e jujubas, sem contar as garrafas de refrigerantes.

O Chefe pegou um prato da mesa de centro e estendeu-o para Kara.

— Anéis de cebola? Eles são muito bons, você sabe. Muito crocantes. Aqui, experimente um.

Kara balançou a cabeça e olhou para o prato coberto de anéis de cebola crocantes. Ela adivinhou, pelo tamanho da barriga do Chefe, que ele, na verdade, podia comer como um mortal. Mas como?

— Não. Na verdade, não — disse o Chefe, como se lesse a mente dela. — Não preciso de comida como os mortais, mas eu gosto de comer de vez em quando. Eu gosto do sabor. Estes alimentos aqui têm o mesmo gosto que os de verdade. Eu gosto de comer, sabe. Isso me mantém ocupado. Tem certeza de que não quer?

Kara balançou a cabeça outra vez. Finalmente, ela reconheceu a voz. Ela olhou de olhos arregalados para o homem.

— Legan! Você é o prisioneiro do Tártaro!

Os ombros do Chefe sacudiam enquanto ele ria suavemente. Ele enfiou três anéis de cebola na boca e abaixou o prato.

— Sim. Era eu —disse ele com a boca cheia de comida.

— Então... quer dizer que você sabia o que aconteceria? Você sabia o que Asmodeus estava planejando o tempo todo.

— Sim.

Kara ficou olhando para ele completamente pasma.

— Eu não entendo. Se você sabia o que ele faria, então por que não deteve Zadkiel? Ou Asmodeus? Por que você deixou todos os mortais e os anjos morrerem?

Uma tristeza passou pelos olhos azuis do Chefe. Ele ficou em silêncio por um momento. Finalmente, ele falou:

— Eu gostaria que fosse assim tão simples, Kara. Mas, infelizmente, não é. Posso interpretar um personagem aqui e ali... mas não posso mudar o curso dos acontecimentos. O que tem de acontecer, acontecerá. O universo sempre encontra uma maneira. Eu simplesmente a empurrei na direção certa.

— Mas por que eu? Eu não sou nem um anjo. Eu fui contaminada por um demônio. Eu sou uma aberração.

O Chefe pegou mais dois anéis de cebola e enfiou na boca. Ele limpou a gordura da barba com um pano branco e agarrou um grande pote cheio de doces.

— Jujubas?

Kara balançou a cabeça.

— Não, obrigada.

O Chefe colocou o pote na mesa.

— Asmodeus pensava que havia criado uma arma do mal para cumprir seus planos quando ele a usou, mas eu sabia que não era o caso. Ele escolheu você para um propósito, e eu a escolhi para outro. No fim, você seria a única capaz de derrotá-lo. Ele havia criado a sua própria morte, seria morto por sua própria criação, por assim dizer. Você é um anjo especial, Kara. Você salvou o mundo.

Kara se lembrou dos lamentos do senhor dos demônios na primeira vez em que achou que o havia derrotado. Ela ficou horrorizada mais tarde, quando descobriu que ele não havia sido destruído, mas que havia simplesmente retornado ao seu reino demoníaco. Talvez o senhor dos demônios não pudesse ser morto.

— Então... o Asmodeus se foi para sempre? Ele está finalmente morto?

O Chefe tirou um pedaço de comida dos dentes.

— Parece que sim. Sim, minha cara. Creio que presenciamos o fim dele.

Aquela era a boa notícia que ela esperava ouvir. Ela deixou-se afundar no sofá macio e tentou relaxar.

— Então, o mundo mortal estará a salvo, não é? Se Asmodeus não estiver mais lá para conduzir os demônios, eles não irão simplesmente desaparecer? Eles ficarão disperso, sem liderança... e muito mais fáceis de matar. Os mortais terão um mundo livre de demônios, certo?

— Acho que não é assim tão simples. — O Chefe enfiou um pedaço de pizza na boca, acompanhado de uma bebida. — Pizza? — Ele lhe estendeu uma caixa de papelão aberta com uma pizza succulenta.

— Ah, não, obrigada. O que você quer dizer?

O velho colocou a caixa no assento ao lado dele e cruzou as mãos no colo.

— Onde há luz, sempre haverá escuridão. E onde houver o bem, sempre haverá o mal nas proximidades.

Kara contorceu o rosto.

— Não entendi. O que você está dizendo?

— Sempre haverá demônios, Kara. Assim como sempre haverá anjos. Mesmo com o desaparecimento de Asmodeus, o mundo

mortal não ficará seguro para sempre. Em breve, outro anjo cairá sob a tentação do poder e vai querer dominar a Terra ou o Horizonte. Podem se passar milênios até que outro líder demoníaco se levante ou pode acontecer daqui duas semanas. Não sabemos. E o processo vai começar tudo de novo.

Kara se reclinou, processando a informação. O que o Chefe dizia fazia sentido. Mas pelo menos por agora, o mundo mortal e o Horizonte estavam seguros.

— Kara. Eu a chamei aqui por uma razão. Eu tenho uma proposta para você.

Kara olhou nos límpidos olhos azuis do Chefe.

— Que proposta? — Ela não conseguia pensar em nada. Ele a mandaria em uma missão secreta?

O Chefe comeu outro anel de cebola, e Kara não pode deixar de observar sua barriga saliente.

— Como você sabe, eu tenho algumas... vagas no departamento de arcanjos.

Kara se endireitou no sofá. Ela não estava inteiramente de se havia escutado direito.

— Estou lhe oferecendo a chance de ser um arcanjo. — O Chefe olhava Kara com tal prazer que ela achava que ele tinha certeza de que ela aceitaria. Ela quase pensou nisso a sério por um momento. Mas sabia que não poderia. Aquilo não era para ela.

— Você tem algo diferente a oferecer, e sua juventude será uma mudança saudável no sistema. — o sorriso do Chefe se ampliou e Kara notou duas covinhas abaixo das bochechas. — Acho que você seria uma ótima adição ao Conselho. O que acha, hein?

As palavras dele giravam na cabeça de Kara. O rosto de David apareceu em sua mente. Como ela sentia falta dele. O Horizonte não era o mesmo sem ele. Ela ergueu os olhos e se deparou com o olhar do Chefe. O que ela diria? Como alguém poderia recusar? Mas ela ouviu as palavras ecoarem em sua mente antes que pudesse realmente proferi-las.

O Chefe parecia estar lendo seus pensamentos novamente.

— Você não está feliz aqui, não é? Eu posso sentir o sofrimento da sua alma, Kara. — Ele colocou uma mão em seu ombro e pressionou-o delicadamente. Seus olhos meigos estudavam o rosto dela.

— Me... me desculpe, não posso aceitar. — Kara não sabia mais o que dizer. Ela se sentia terrível.

— Tudo bem, então. Você não me deixa alternativa. — O Chefe saltou do sofá. Ele parecia surpreendentemente leve em seus pés para alguém tão grande na cintura. Ele pegou um copo de líquido marrom e bebeu todo o conteúdo em uma só golada.

Kara afastou o cabelo de olhos.

— Como disse?

— Eu disse... que você não me dá escolha. Você não me deixa nenhuma escolha que não oferecer-lhe algo em troca. Preciso agradecê-la de alguma forma. Você salvou meus reinos. Então, vou conceder-lhe um desejo.

Kara encarou-o confusa.

— Um desejo? Está falando sério? — Ele não se parecia nada com um gênio da lâmpada. Talvez Papai Noel pudesse conceder desejos também.

— É claro que eu estou falando sério, minha querida menina. Peça e será seu.

— Qualquer coisa? — disse Kara para ninguém em particular.

— Sim — respondeu o Chefe. — Vou lhe conceder qualquer coisa que desejar.

E, então, Kara sorriu pela primeira vez em dias.

Capítulo 20

Um novo começo

Tordos chilreavam e voavam na brisa quente de maio. Bandos deles vibravam e desciam por um gramado bem cuidado. Com suas barrigas vermelhas expostas, eles ficavam empinados e orgulhosos. Um tordo macho, com suas cores vibrantes, saltou de repente e bicou o chão. Com garras afiadas, ele puxou um verme grande marrom que estava sobre as camadas espessas de grama e o engoliu inteiro.

Kara sorriu. Ela sabia que ver esses pássaros era sinal de que o verão se aproximava. E isso também significava que a escola estava quase no fim. Ela poderia finalmente se concentrar inteiramente em sua apresentação para o programa de arte da Dawson College, que havia começado no outono. Seu trabalho precisava ser excepcional para se qualificar para o programa. Eles só aceitariam os melhores, e Kara acreditava ser era um deles. Os professores do ensino médio haviam elogiado suas pinturas estranhas de aparência demoníaca. Disseram que ela tinha talento e acreditavam que ela teria uma grande chance de ser aceita.

Kara respirava o ar morno pela janela do quarto. Algumas nuvens cobriam o céu azul. Kara as imaginou como grandes águias perseguindo umas às outras pelo céu.

Os tordos vibravam no ar. Um jovem casal caminhava pela rua de mãos dadas. Eles se beijaram e a garota ria animadamente. Kara os observou, com desejo em seu coração. Eles eram fastidiosamente

felizes no amor. Se se perdiam no olhar um do outro. Aquilo aumentava a sua dor. Como ela desejava que fosse com ela. Embora agora tivesse 17 anos, ela era ainda inconfundivelmente solteira. Ela desejou encontrar aquele alguém especial algum dia, especialmente antes que fizesse quarenta anos. Ela observou o jovem casal desaparecer na esquina.

Kara soltou um longo suspiro. Ela não deixaria seus sentimentos atrapalharem esse dia perfeito. Amanhã, ela teria pena de si mesma, decidiu. Kara riu. Era um lindo dia; um dia perfeito para passar ao ar livre, em um banco do parque, lendo um bom livro. Sábados eram ideais para ir até a loja de livros usados que ela amava. Ela pensou que talvez um bom livro sobre aves servisse — ou talvez aquela edição de capa dura de O Mágico de Oz que ela estava morrendo de vontade de conseguir.

Mas essa não era a única razão pela qual ela queria ir à livraria. Ela precisava de um emprego. Ela tinha de economizar dinheiro para a faculdade e pensou que poderia muito bem ter um emprego do qual gostasse. Além disso, ela praticamente vivia na livraria; era como um segundo lar para ela. E o Sr. Patterson tinha gentilmente insinuado que precisaria de ajuda no outro dia. Kara decidiu que ela iria ajudar.

Ela saiu da janela e saltou para seu closet. Ela puxou as portas e enfiou a cabeça lá dentro.

— Mãe! Onde está minha camisa preta? — gritou Kara de dentro do seu closet. — Eu não consigo encontrá-la em lugar algum. Você disse que a lavou?

— Está na secadora — Kara ouvi a voz abafada da mãe vindo da cozinha.

Depois de alguns minutos vasculhando a secadora, Kara puxou sua camiseta preta favorita de gola em V. Agora, estava mais para um cinza escuro, ela percebeu, mas se importou. Era a camisa mais confortável que tinha. Ela cobriu o rosto com ela e a cheirou. Ela sorriu. Cheirava a lavanda. Ela puxou vestiu a camisa e correu em direção à cozinha.

Sua mãe estava na pia. Ela olhava pela janela enquanto lavava os pratos. Seu rosto parecia calmo. Seus grandes olhos castanhos brilhavam, e, de alguma forma, ela parecia mais jovem. Talvez fosse a maneira como o sol iluminava o rosto dela. Devia ser isso.

Sob a ponta dos pés, ela se inclinou e beijou a mãe no rosto.

— Vejo você mais tarde. Tenho de ir. — Kara saiu da cozinha, correndo em direção à porta da frente.

Sua mãe se virou.

— O quê? Aonde você vai? — Uma água gordurosa escorria de suas mãos, pingando no chão de linóleo preto e branco. — Você estará de volta para o jantar, Kara? — Ela perguntou e limpou as mãos no jeans.

Kara abriu a porta da frente.

— Não sei. Vou à livraria. Amo você! — Ela respondeu e fechou a porta atrás de si.

Ela desceu dois lances de escada, chegando a um pequeno saguão e finalmente passando pela porta da frente do prédio. Contente por se livrar do cheiro fedido de cigarro do saguão, Kara respirou o doce aroma das duas árvores que ficavam diante de seu prédio. As flores roxas exalavam um rico perfume. Ela cortaria alguns ramos para a mãe quando voltasse. Eram as favoritas dela. O ar quente passou por seu rosto. Ela respirou bem fundo.

Kara caminhou na calçada e atravessou para a Saint-Marc Street. Compradores já cruzavam a rua com grandes sacolas penduradas em seus braços. Em todos os lugares que olhava, havia lojas. Portas verdes, vermelhas, azuis e amarelas ficavam entreabertas, convidando os consumidores curiosos a entrar. Kara viu o pet shop de Paulo e parou para admirar os filhotinhos de labrador pela vitrine. Como de costume, a janela ao lado chamou sua atenção.

Uma grande gaiola de metal tomava conta de toda a vitrine. Dentro dela, havia um pequeno macaco marrom, com um rosto negro enrugado feito uma ameixa seca. Ela passava todos os dias por aquele mesmo macaco, no caminho de ida e vinda da escola e da livraria. Seus olhos amarelos sempre lhe deram arrepios. Era como se ele estivesse tentando comunicar algo a ela. O macaco era o animal de estimação do proprietário, o qual todos os dias colocava a gaiola em uma das duas vitrines na frente da loja. Estranhamente, o macaco passava o dia fazendo gestos obscenos para os transeuntes. A princípio, Kara o achava bonito e amigável, até que um dia enfiou os dedos nas grades para acariciá-lo. Ela teve que puxar a mão correndo depois que ele a mordeu. Ela nunca mais ligou para ele desde então.

Agora, ele subia nas paredes de sua prisão de metal e enfiava o rosto entre as barras de metal, gritando por Kara, exigindo a sua atenção mais uma vez.

— O que há com você e seu mau humor? — disse Kara para o macaco. — Sabe, se você tentar ser mais bonzinho, talvez eu lhe dê alguns petiscos. — Kara pôs a mão em seu bolso da frente.

Os olhos amarelos e úmidos do macaco se voltaram para ela. Ele fechou a cara, fez beicinho e cuspiu.

Kara saiu do caminho. O cuspe atingiu a calçada. Kara riu. Ela aprendeu a reconhecer sua cara de cuspe desde o dia em que ele a acertou pela primeira vez. Naquela vez, ela disse que nunca o deixaria fazer isso com ela novamente. Agora ela estava preparada. Em breve, ela o faria se comportar.

— Está vendo? Por que você fez isso, seu macaquinho odioso? — O macaco parecia irritado por ter errado e começou a gritar e sacudir sua gaiola.

Besta louca, Kara sorriu ao passar pela jaula, ignorando suas birras selvagens.

O cheiro de incenso chegou ao seu nariz. Kara olhou para uma grande porta vermelha que era mantida aberta por uma alta pilha de livros. Logo acima, havia uma placa gasta de madeira, com os dizeres pintados de vermelho: Livraria do Velho Jim. Seu novo empregador.

Com um sorriso, Kara caminhou pela rua, com os olhos colados na livraria, até que tropeçou em alguém.

Ela pulou para trás e gritou de surpresa. Ergueu os olhos. Um jovem bonito olhava para ela. Ele tinha um cabelo loiro despenteado, um rosto lindo e um forte queixo quadrado. Uma jaqueta de couro marrom cobria seus ombros fortes. Ele usava calças gastas com uma camiseta branca. Ele tinha boa forma, talvez fosse um atleta, pensou Kara. Ele a observava com seus olhos azuis penetrantes, do tipo que forçou Kara a desviar o olhar.

— Desculpe-me — disse o estranho com um sorriso divertido. — Não a vi chegando.

O coração de Kara estava preso à garganta. Onde ela tinha ouvido aquela voz antes? Os olhos dela se voltaram para o rosto dele. Um arrepio percorreu todo o seu corpo. Ela começou a tremer. Aquele cara parecia familiar. Quem era ele? Ela não conseguia parar de olhar. Quando o estranho sorriu para ela, ela desviou o olhar envergonhada. Suas bochechas queimavam. Ela sabia que ela estava vermelha.

— Eu a conheço? — O estranho deu um passo à frente. — Você parece muito familiar. Já nos conhecemos?

A boca de Kara parecia colada. Ela não conseguia falar. Sua pele vibrava.

Kara olhava para o rosto do jovem que acabara de conhecer, mas, de alguma forma, ela sentia que o conhecia por toda uma vida.

Era como se ele tivesse vindo de uma outra vida em um momento diferente. Ela sentiu o sangue correr para o seu rosto novamente, mas não se importou. Ela não conseguia tirar os olhos dele. Ela não conseguia entender o que estava acontecendo.

— Como posso esquecer tal boneca? — O estranho passou os dedos pelo cabelo. — Cara, isso vai soar muito estranho... mas... sinto como se eu a conhecesse. Eu vi seu rosto antes. Mas parece que é mais do que isso, como se eu a conhecesse minha vida toda. — Ele coçou sua nuca e riu suavemente. Suas bochechas também estavam coradas. — Uau, pareço um maluco!

Kara cruzou as mãos trêmulas em suas costas.

— Você não está louco. Eu... eu... sinto o mesmo por você, como se você o conhecesse — ela disse finalmente. — Isso é muito estranho.

O estranho suspirou de alívio e estendeu sua mão.

— Eu sou David... e aparentemente também sou um pouco louco.

David, Kara repetiu em sua mente. De alguma forma, ela já conhecia o nome dele. Ela apertou a mão dele.

— Eu sou Kara.

David apertou sua mão suavemente, mas não a soltou. Sua pele estava quente, e Kara sentiu arrepios. Seu toque era eletrizante. Kara vacilou involuntariamente. O coração dela batia dolorosamente

contra o peito. Ela tinha certeza de que David poderia ouvir. Mas, mesmo assim, ele não largava a mão dela.

— Kara — David repetiu e olhou para ela. Ele ficou lá, estudando o rosto dela. Kara estava paralisada, sem vontade de se mexer, talvez por medo de acordar desse sonho. Era um sonho, não era?

David se mexeu.

— Você vai a algum lugar, Kara?

Kara abriu a boca, mas as palavras não saíram. Envergonhada, ela a fechou novamente. Ela sentiu os dedos quentes de David pressionarem sua pele. De alguma forma, parecia natural para ela. Depois de um momento, ela delicadamente removeu sua mão e apontou para a livraria.

— Lá... Estou indo... estava indo para a livraria.

David olhou para a livraria e depois de volta para ela.

— Se importa se eu for com você? Eu não sou muito bem um leitor, mas algo me diz para não deixar você sair da minha vista. Como se eu precisasse mantê-la segura.

O coração de Kara disparou. Algo lhe dizia a mesma coisa. Um poderoso sentimento de que ela deveria cuidar dele repentinamente lhe sobreveio. Não fazia sentido, ela sabia. Como isso poderia estar acontecendo? Mas ela não se importava. Aquilo lhe parecia o certo. David a fazia sentir-se bem. Ela não conseguia explicar. Era um sentimento profundo dentro dela. Ela sabia que devia ficar com ele.

Kara sorriu-lhe.

— Claro. Mas tenho certeza de que eu posso encontrar alguma coisa para você ler.

David riu suavemente.

— Eu duvido. Leitura não é realmente minha praia, eu sou mais do tipo de jogar games.

— Tive um pressentimento de que você diria isso.

David continuou olhando Kara com uma expressão imponente espalhada por todo o seu rosto, como se ele tivesse ganho um prêmio. Ela, por sua vez, gostava das atenções dele, mesmo que ele fosse um pouco confiante demais. De alguma forma, Kara se sentia completa.

Eles atravessaram a rua juntos.

Kara sorriu.

Aquele era o melhor dia da sua vida.

E, agora, uma espiadela em

SUBMUNDO



S
U
B
M
U
N
D
O

KIM RICHARDSON

Capítulo 1

A Livraria do Velho Jim

Kara inalou profundamente e soprou o pó de uma fileira de livros com capas rachadas e rasgadas. O ar cheirava a uma mistura de cola e mofo. A poeira pairava como um enxame de insetos, e a umidade quente aderida a sua roupa. Não era o ambiente perfeito para guardar livros antigos, mas ela amava como o velho cheiro de tinta no papel escoava pelo local. Era o cheiro da imaginação — grandes mentes se reuniram ali e criaram magia com papel e tinta — o cheiro de aventuras ainda não descobertas. Nos livros, tudo era possível... e ela adorava isso.

Ela limpou o suor da testa e fez um rabo de cavalo no cabelo. Ela colocou *As Aventuras de Huckleberry Finn* entre *O Grito da Selva* e *O Velho e o Mar*, na seção de romances clássicos. Alinhou-os perfeitamente, com suas espinhas dispostas verticalmente. Uma vez satisfeita com seu trabalho, ela limpou a umidade e a sujeira de suas mãos no seu jeans azul, aumentando a camada de sujeira acumulada durante o dia de trabalho. A escada rangia e tremia sob seu peso. Ela apertou as mãos firmemente em torno do trilho e desceu com cuidado. Assim que chegou mais embaixo, ela pulou o último degrau.

Com um sorriso no rosto, Kara empurrava um carrinho de metal cheio de livros e revistas para a frente da loja. Ela passou por baixo da única lâmpada do local, que cintilou nervosamente no centro da loja, e guiou o carrinho entre pilhas tortas de livros que iam até o teto em alguns lugares e balançavam perigosamente.

Raios de luz atravessavam a grande janela na frente da loja e iluminavam as prateleiras de livros com um suave brilho dourado. Partículas de poeira brilharam na luz, como flocos de neve em miniatura. Kara podia ver as teias de aranha cinzentas nos cantos mais altos do teto, e fez uma anotação mental para varrê-las mais tarde com sua vassoura. O papel de parede listrado marrom e bege estava descascado na parede, atrás de um balcão de madeira frágil que ladeava o flanco direito da loja. Uma velha caixa registradora com botões manuais e uma alavanca vermelha ficava em cima do balcão. Abaixo da caixa registradora, havia um case de vidro, exibindo vários tamanhos de bolas de cristal. Kara deu uma risadinha ao ver seu reflexo distorcido nelas. Uma brisa morna soltou a franja de Kara em seu rosto. Sinos de vento cantavam suavemente acima da porta da frente aberta.

Kara espirrou. Uma grossa camada de poeira cobria a maior parte das prateleiras, uma clara indicação de que ela ainda tinha muito o que limpar. Levaria semanas para corrigir anos de negligência. Ela duvidava que a loja já havia sido limpa em algum momento. Em seu primeiro dia, Kara havia feito uma boa limpeza nas janelas e varrido a sujeira do chão marrom, que estava manchado de coisas que ela preferia não pensar a respeito.

Agradecida, Kara inalou a brisa de verão que passou pela porta aberta – dentes de leão e grama recém cortada – seu espírito se elevava com cada novo aroma. Era uma sensação incrível. A escola havia acabado, e ela era oficialmente uma funcionária de um lugar que admirava e respeitava. O Sr. Patterson deu a ela um emprego de verão em sua livraria. Seus deveres envolviam ajudá-lo a categorizar

todos os livros novos em um programa de computador, manter a loja limpa e trabalhar no balcão quando ele estivesse em horário de almoço. Aquele havia se provado o melhor emprego de todos. Kara estava determinada a economizar dinheiro suficiente para o primeiro semestre na faculdade de Dawson. O Sr. Patterson até lhe disse que a manteria por meio período quando as aulas voltassem. Ela não podia pedir um chefe melhor ou um trabalho melhor. Finalmente, as coisas estavam melhorando para ela.

Com o carrinho estacionado, ela agarrou um punhado de revistas National Geographic e as distribuiu por data em uma das prateleiras de revistas. Ela as embaralhou ... e ficou paralisada.

Ela ficou de cabelo em pé. Kara, inexplicavelmente, sentiu uma presença. Ela seguiu a sensação até a grande janela.

Alguém estava olhando para ela do outro lado da rua.

Seu coração martelava no peito. Uma jovem garota, usando um vestido branco à moda antiga, com um grande laço vermelho amarrado no meio, encarou Kara do lado oposto da rua. O cabelo preto sedoso terminava na linha do maxilar e acentuava feições inteligentes. Ela era bonita como uma boneca de cera. Parecia ter cerca de doze anos de idade. Mesmo à distância, Kara podia ver alguma vermelhidão ao redor dos olhos e nariz da garota. Seu rosto pálido se contorceu em uma careta, seus olhos ficaram cheios de terror. Kara quase podia sentir a tristeza dela. Seus olhos imploravam por ajuda, pela ajuda de Kara. Ela sentia em seu peito uma conexão inexplicável com a garota. Era como se elas fossem

parentes em algum nível, como primas de segundo grau. A menina sacudiu a cabeça repentinamente e começou a se afastar.

Dois homens em ternos cinzentos meticulosamente costurados abordaram a jovem de ambos os lados. Seus cabelos brancos platina e seus rostos eram idênticos. A pele deles era branca como a de pessoas albinas. Eles se moveram rapidamente. A garota se apoiava contra a parede da frente da loja vizinha. Ela trocou olhares com Kara mais uma vez, em um apelo silencioso. Ela pronunciou as palavras *Me ajude*. Kara prendeu a respiração. A garota foi encurralada entre os dois homens de olhos negros. O martelar nos ouvidos e coração de Kara suprimiu todos os outros sons ao seu redor. A menina não era páreo para os dois homens de aparência maligna. Kara tinha que fazer algo. Ela tinha que salvá-la.

Kara tirou o carrinho do caminho e se jogou por cima do balcão. Ela agarrou o taco de beisebol que o Sr. Patterson escondia atrás do balcão, para o caso de alguma transação perigosa, que resultasse em um cliente sendo zunido para fora da livraria.

Ela derrapou até parar.

A rua estava vazia. A garota havia desaparecido. Os homens de olhos negros haviam sumido também. A rua ficou em completo silêncio. A calçada estava nua, exceto por alguns pombos ciscando o chão.

Seus olhos lhe pregaram outra peça? Isso foi outra visão estranha? Nos últimos meses, ela imaginou com frequência que estava sendo vigiada. Ela havia percebido sombras assustadoras em

lugares escuros, seguindo-a a cada movimento, atacando quando pensassem que ela não estava olhando. Mas tão logo ela se virava para encarar o que quer que fosse, aquilo desaparecia em um piscar de olhos. Talvez esta tenha sido mais uma daquelas ocorrências. Ou talvez ela estivesse ficando louca. Ela apostava na segunda opção.

— Você está planejando bater em alguém com este bastão?

Kara virou rapidamente. Um adolescente bonito, com um sorriso insolente, mexia em seus cabelos loiros e despenteados com os dedos. Despreocupado, ele caminhou em direção a ela.

— É seguro? Ou devo voltar mais tarde? — David riu, e colocou as mãos nos bolsos.

Kara o ignorava e olhava para o outro lado da rua.

— Eu — pensei ter visto algo.

David ergueu suas sobrancelhas.

— E então, você resolveu dar uma de vigilante e resolver tudo...com um taco de beisebol?

— Eu vi uma menina. Acho que ela estava em apuros — não, ela certamente estava em apuros. Ela estava muito assustada, precisava de minha ajuda. — Os punhos de Kara ficaram brancos, tamanha a força com a qual ela apertava o bastão. Ela se lembrou o rosto petrificado da menina, à medida que ela recuava ante a aproximação dos homens.

— Que menina. — David procurou na rua. — Não vejo menina alguma. Tem certeza de que viu alguma coisa? Você sabe, toda essa poeira que você inala o dia todo pode estar afetando seu cérebro.

Kara suspirou e baixou o bastão.

— Ela estava lá há um minuto atrás. Tenho certeza disso. E havia dois homens estranhos... com cabelos brancos — muito feios e assustadores — eu senti que eles queriam fazer mal a ela. Eles tinham olhos negros assustadores.

— Olhos negros? Como se tivesse levado um soco no rosto ou algo do tipo? E você planejava pegar eles com o bastão, certo?

Kara olhava perplexa para o rosto de David e decidiu soltar o bastão. Claramente, ele achava que ela era louca. Ela balançou a cabeça e os ombros.

— Não importa. — Ela deu um suspiro frustrado... e então ele deu um sorriso torto. — O que está fazendo aqui tão cedo afinal? Você não tinha treino de futebol?

— Eu tinha — David simulou uns dribles para impressionar Kara. — Mas o treino foi cancelado. Pensei que podíamos ir ver um filme esta tarde ou algo assim.

Kara se esforçou para não sorrir, mas o rosto a traiu. Ela olhou rapidamente para outra direção. Suas bochechas queimaram, e ela sabia instantaneamente que estava com o rosto da cor de um tomate. Ela podia ouvir as batidas do próprio coração.

— Hum... deixe-me perguntar ao Sr. Patterson primeiro. Ele pode precisar de mim pelo resto do dia. — Ela rezava silenciosamente para que não. David tinha vindo à loja todos os dias desde a primeira vez que eles se conheceram, há cerca de dois meses. E toda vez que o via, Kara se sentia como se tivesse borboletas dentro de sua barriga.

Com o taco de beisebol solto ao lado do corpo, Kara entrou na loja. David a seguiu. Ela ouviu o clique da porta de trás se fechando e olhou para ela. O Sr. Patterson ia em direção a eles. Seus ossos rangiam e estalavam. Ele coçou a cabeça, com cabelos ralos e brancos. Suas pernas apareciam debaixo do seu habitual short caqui e camisa havaiana colorida de amarelo e laranja. As tábuas do assoalho rangiam sob o peso de seus pés. Kara nunca entendeu porque ele andava descalço no chão sujo e empoeirado. Mas, com o tempo, ela se acostumou a ver seus grandes pés quadrados e unhas amareladas. Ela lembrou a si mesma de fazer um curso de pedicure no spa local, chamado *Dedos e Tigela*. Se ela era obrigada a olhar para os pés dele, pelo menos daria um jeito neles.

O Sr. Patterson acenou animadamente para eles.

— Olá, Denis! O que o traz para este lado do mundo literário? Veio comprar um livro, pelo menos? Temos uma nova sessão de livros de aventura para garotos ali — ele jogou sua longa barba branca por cima do ombro e apontou para uma alta estante de livros a sua esquerda.

David sorriu desconfortavelmente e coçou a parte de trás do seu pescoço.

— Hum... não, senhor P, mas obrigado assim mesmo. Tenho certeza que eles são todos... ótimos. — David virou-se para Kara e falou com o canto da boca. — Ele ainda está me chamando de Denis. — Kara cobriu a boca e riu.

O Sr. Patterson interrompeu e observou Kara com cautela.

— Clara? Porque você está segurando o bastão raivoso? Aconteceu alguma coisa? Você estava envolvida em um combate corpo a corpo com um cliente psicótico?

David bufou.

— Bastão raivoso? Sério? Parece um nome um pouquinho maluco para mim.

Kara chutou David na canela e escondeu o taco de beisebol nas costas.

— Hum... nada. Eu só estava... limpando ele. — Ela deu a volta no balcão e deixou o bastão atrás dele.

— Na verdade, senhor P, — disse David — eu vim ver se Kara poderia tirar o resto da tarde de folga.

— Entendo. — Havia suspeita No olhar que o Sr. Patterson deu a David por um momento. Seus olhos azuis o examinavam por debaixo das dobras de centenas de rugas. Ele franziu os lábios e coçou a cabeça. — Bem, não vejo por que não! Acho que clara já fez o suficiente por hoje. Você pode ir com Denis, se quiser.

Kara sentiu um choque de animação em seu peito. Ela correu até o velho.

— Sério? Obrigado, Sr. Patterson. Você é bom demais para mim.

— Absurdo. — Sr. Patterson acenou, desconsiderando a ideia. Ele ficou em silêncio por um momento, com o rosto perplexo. — Nossa. Não me lembro o que eu estava prestes a fazer agora... minha mente parece vagar mais e mais, à medida que fico mais velho. Um aspecto muito estranho da idade avançada. — Seus olhos azuis ficaram vidrados e ele encarava o espaço a sua volta.

Kara cutucou David e voltou ao Sr Patterson.

— Sr. Patterson, se quiser, posso ficar e ajudá-lo a encontrar o que o senhor estava procurando. Não tem problema. Posso ir ao cinema outro dia. Tenho certeza de que David não se importa. — Kara deu um olhar de soslaio para David.

— Não, não. Isso não será necessário, minha querida. Pode ir com David. Seja o que for, aparecerá em breve. — O Sr. Patterson foi para trás do balcão. Ele deslizou a porta da prateleira de vidro, de onde tirou uma bola de cristal do tamanho de um punho. Partículas de luz refletiam-se em seu rosto, e ele observou o objeto intensamente e sem piscar. Ele segurou a bola com as duas mãos e ficou ali parado.

— Sr. Patterson? O senhor está bem? — perguntou Kara. Como ele não respondeu, ela perguntou novamente. — Está se sentindo

bem? O senhor está parecendo um pouco pálido. Quer que eu lhe traga um copo de água?

— O cara é um pouco avoado, se você entende o que eu quero dizer — sussurrou David ao lado dela. Ele girou o dedo ao lado da cabeça e arregalou os olhos.

Kara o ignorou e estudou o velho. Ela baixou a voz.

— Ele faz isso às vezes. Sempre que ele olha em uma daquelas bolas de cristal — parece que se esquece do mundo ao seu redor. É como se estivesse viajando. É bem... esquisito.

— Talvez seja um dos primeiros sinais da doença de Alzheimer.

Kara balançou a cabeça, irritada.

— Não, não. Ele é apenas... velho. Eu gostaria de ver como você cuidaria de si mesmo nessa idade.

— Eu seria o velho mais sexy da cidade, querida. Todas as solteironas estariam me perseguindo com suas bengalas. Eu seria incrível.

Kara revirou os olhos e riu.

— Você é um idiota. — Ela observava o velho sombriamente. Ela ficava aflita por vê-lo tão perturbado. — Eu odeio deixá-lo assim. E se alguém chegar, ele ainda estiver olhando para aquela bola e não perceber? Alguém pode acabar chamando a polícia ou algo assim. E se a polícia prendê-lo?

David apertou o ombro dela suavemente.

— Não se preocupe. O velho tinha essa loja muito antes de você aparecer. Tenho certeza de que ele vai ficar bem. Vamos. O filme começa em meia hora.

— Espero que sim. — Relutantemente, Kara se virou e seguiu David em direção à porta. — Então... que filme você quer ver? Por favor, diga que não é outro filme de zumbi. Acho que já vi sangue e vísceras para uma vida inteira.

David estalou os dedos e sorriu.

— Eu estava pensando no novo.

— Espere! Pare!

Com um baque, a bola de cristal do Sr. Patterson bateu no chão e explodiu em um milhão de pedaços. Ele a ignorou e correu em direção a eles. Seus cabelos brancos saltavam no topo da cabeça e Kara não pôde deixar de lembrar dos pequenos trolls de cabelo roxo que ela costumava colecionar. Ele acenava freneticamente.

— Você não pode ir embora. A escuridão se aproxima. A Legião precisa de você. Os mortais estão em perigo!

David assobiou baixinho.

— Caramba... e você diz que o velho não é maluco? Ele nem diz coisa com coisa.

— Espera aí — disse Kara, interrompendo David. — Algo está errado. Eu nunca o vi tão agitado.

Em um momento, o Sr. Patterson estava diante deles. Seus olhos estavam arregalados e enlouquecidos. Ele puxava seu cabelo com mãos trêmulas.

— Eu vi! Está na hora. Você precisa voltar!

Kara sondou o rosto dele. Seus grandes olhos azuis pareciam perdidos sob espessas sobrancelhas brancas.

— Na hora do que? Não estou entendendo. — Seu corpo enrijeceu. E se ele realmente tivesse enlouquecido? Ela teria que procurar outro emprego. Um nó se formou em sua garganta. Ela olhou para David, que ergueu as sobrancelhas.

O Sr. Patterson continuava a falar.

— A hora é agora. Você deve se preparar. Eles estão esperando por você. Você deve deixar o mundo dos mortais.

Kara limpou o suor da testa com a mão. Aquilo estava piorando a cada minuto.

— Quem está esperando? Não entendo. Sr. Patterson, o que o senhor está dizendo não faz sentido.

— Chaves! Quase me esqueci! — O velho correu para o balcão, vasculhou uma gaveta e disparou de volta. Dois cartões de acesso dourados brilhavam nas mãos dele. Ele os entregou para Kara e

David. — Aqui, vocês devem levar seus cartões. Não há como acessar o nível 5 sem eles.

David riu e pegou um dos cartões de acesso.

— Obrigado, Sr. P, talvez você deva se sentar e relaxar um pouco. Espera... isto é ouro de verdade?

Kara deixou David de lado e sacudiu o S. Patterson suavemente pelos ombros.

— Sr. Patterson. O senhor está me assustando. Acho que é melhor se deitar e tomar um copo de água. O senhor já comeu alguma coisa hoje?

O Sr. Patterson assentiu impaciente com a cabeça.

— Sim, sim, claro. — Ele agarrou a mão de Kara e colocou o outro cartão em sua mão. Ele fechou os dedos dela em volta do objeto. — Proteja isso. Você precisará dele. É só uma questão de segundos.

Kara piscou para aliviar os olhos marejados.

— Ok. É isso. Vou trancar a loja e levá-lo para casa. Não vou mais sair com o David.

Ela ia em direção à porta, mas o Sr. Patterson agarrou o braço dela com força e a encarou.

— Não! Está acontecendo. Você não pode ir a lugar algum. Você deve ficar aqui. Os dois.

Kara e David trocaram olhares. Ela percebeu que isto era muito pior do que ela achava a princípio. Ela teria que ligar para alguém e decidiu tentar sua mãe. A mãe dela saberia o que fazer.

— Eu preciso usar seu telefone.

— Não! — O Sr. Patterson agarrou Kara pelo cotovelo e a encarou novamente. — Não há tempo... Ele está chegando. Preparem-se.

— Quem está chegando. — David riu. — A escuridão? Ela nos dará mais cartões dourados?

O velho se afastou repentinamente e apontou para o teto. Seus olhos estavam arregalados e atemorizados.

— O terremoto — ele sussurrou.

Kara franziu a testa.

— O terremoto? Não temos terremotos por aqui.

Como se estivessem esperando sua deixa, as prateleiras de livros começaram a sacudir. O chão tremeu e vibrou com raiva. Um barulho enorme trovejou em torno deles, como se a própria terra tivesse se abrido. As prateleiras de livros balançavam perigosamente, derramando-se pelo chão. Livros caíam em volta deles. As paredes racharam, revelando grandes buracos. Blocos de gesso caíram e cobriram Kara e David com uma camada grossa de poeira branca. Kara tossiu, a poeira lhe queimava a garganta.

— Kara! Por aqui! — David puxou Kara pelo braço e levou-a para baixo do balcão. Eles se esconderam para se proteger dos escombros da melhor maneira possível.

Kara olhou em volta nervosamente.

— Onde está o Sr. Patterson? — Ela gritou mais alto do que o barulho da cascata de escombros.

Um enorme pedaço de concreto caiu no chão, errando-os por centímetros.

— Não sei! — gritou David. Ele inspecionou o teto em busca de outros pedregulhos prestes a cair. — O teto está desabando. Seremos esmagados se ficarmos aqui. Temos que sair agora!

Kara assentiu com a cabeça e seguiu David para trás do balcão. Eles correram, saltando as prateleiras quebradas e os pedaços de rocha perigosamente afiados.

BUM!

Metade do teto desceu atrás deles. O balcão desapareceu sob uma avalanche de destroços.

Kara viu os lábios de David se mexerem, mas não conseguia ouvir o que ele estava dizendo. Tudo que ela conseguia ouvir era o martelar do seu coração e o barulho da queda dos escombros. Ele apontou para a porta e agarrou a mão dela.

Desesperadamente, eles correram para a porta. Ela não estava muito longe. Eles estavam quase chegando.

Um tremor poderoso ocorreu em volta deles.

O restante do teto desabou.

A última coisa que Kara viu foi uma parede de tijolos caindo em cima dela. Um tremendo peso pressionava seu peito, e então ela perdeu a consciência.

Sobre a Autora

Kim Richardson é a autora da série GUARDIÕES DE ALMAS. Ela nasceu em uma pequena cidade no Norte de Quebec, Canadá, e estudou no ramo de Animação 3D. Como Supervisora de Animação para uma empresa de Efeitos Visuais, Kim trabalhou para grandes produções de Hollywood e permaneceu na área de animação por 14 anos. Desde então, ela se aposentou do mundo de Efeitos Visuais e se fixou no interior, onde ela escreve em tempo integral.

Para saber mais sobre a autora, por favor visite:

www.kimrichardsonbooks.com

www.kim-richardson.blogspot.com

www.facebook.com/KRAuthorPage

-